

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Instituto de Geociências
Departamento de Geografia
Programa de Pós-Graduação em Geografia

Guilherme Figueira Gomes Augusto

O PRIMADO DA PERCEPÇÃO E SUAS POSSIBILIDADES GEOGRÁFICAS:
migração internacional e a corporeidade em Merleau-Ponty

Belo Horizonte (MG)

2024

Guilherme Figueira Gomes Augusto

**O PRIMADO DA PERCEPÇÃO E SUAS POSSIBILIDADES GEOGRÁFICAS:
migração internacional e a corporeidade em Merleau-Ponty**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Geografia.

Área de Concentração: Organização do Espaço.

Linha de Pesquisa: Produção do Espaço, Ecologia, Política, Cultura e Educação em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Weber Soares

Belo Horizonte (MG)

2024

A923p
2024

Augusto, Guilherme Figueira Gomes.

O primado da percepção e suas possibilidades geográficas [manuscrito] : migração internacional e a corporeidade em Merleau-Ponty / Guilherme Figueira Gomes Augusto. – 2024.
109 f., enc.: il. (principalmente color.)

Orientador: Weber Soares.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Instituto de Geociências, 2024.

Área de concentração: Organização do Espaço.

Linha de Pesquisa: Produção do Espaço, Ecologia, Política, Cultura e Educação em Geografia.

Bibliografia: f. 91-95.

Inclui anexo.

1. Geografia humana – Teses. 2. Fenomenologia – Teses. 3. Migração – Teses. 4. Merleau-Ponty, Maurice, 1908-1961 – Teses. I. Soares, Weber. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Instituto de Geociências. III. Título.

CDU: 911.3:165.62



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
COLEGIADO DO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

FOLHA DE APROVAÇÃO

"O PRIMADO DA PERCEÇÃO E SUAS POSSIBILIDADES GEOGRÁFICAS: MIGRAÇÃO INTERNACIONAL E A CORPOREIDADE EM MERLEAU-PONTY"

GUILHERME FIGUEIRA GOMES AUGUSTO

Dissertação de Mestrado defendida e aprovada, no dia 24 de junho de 2024, pela Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Minas Gerais, constituída pelos seguintes professores:

Weber Soares

IGC/UFMG

Moisés Alberto Calle Aguirre

UFRN

Maria Luiza Grossi Araújo

IGC/UFMG

Leticia Carolina Teixeira Pádua

UFVJM

Belo Horizonte, 24 de junho de 2024.



Documento assinado eletronicamente por **Leticia Carolina Teixeira Pádua, Usuário Externo**, em 24/06/2024, às 16:42, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maria Luiza Grossi Araujo, Professora do Magistério Superior**, em 24/06/2024, às 17:37, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Weber Soares, Professor do Magistério Superior**, em 25/06/2024, às 20:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Moisés Alberto Calle Aguirre, Usuário Externo**, em 04/07/2024, às 23:31, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3305152** e o código CRC **13A50FFD**.

Para Maria do Carmo e Celme

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os meus familiares, em especial aos meus pais, Valéria e Artur, ao meu irmão, Gustavo e a Tia Júlia (Tetia). Não é possível pensar o que sou sem a presença dessas pessoas, por todo o zelo, empenho, dedicação e amor por eles demonstrados.

Agradeço também à Tais por todo amor, carinho, confiança e companheirismo nesta caminhada.

Agradeço ao meu orientador, Weber Soares que foi crucial no suporte e realização deste trabalho.

Agradeço a UFMG, ao programa de pós-graduação em Geografia e a todos os professores que construíram este projeto ao longo de três anos, em especial ao professor José Antônio Souza de Deus, presente em nossos corações.

Aos amigos e parceiros que transformaram essa instituição em uma extensão da minha casa nestes últimos sete anos. Calorosas saudações aos companheiros Micael, Victor, Késia, Mariana, Luiza, Bernardo, Daniel e tantos outros que aqui estiveram presentes e solícitos.

Aos funcionários e alunos da Escola Estadual Coronel Adelino Castelo Branco que me apoiaram e proporcionaram a oportunidade de construir em conjunto aprendizados engrandecedores.

No mais, termino este agradecimento novamente citando Thoreau, assim como fiz no TCC, por acreditar no valor que tal frase carrega.

"A felicidade só é real quando compartilhada"- Henry Thoreau

“Meu corpo é um objeto entre os objetos, mas também o sujeito que percebe os objetos”. (MERLEAU-PONTY, 2000, p.157)

RESUMO

Este trabalho inicia uma discussão acerca do fenômeno da migração internacional, analisada sobre a lógica da filosofia de Maurice Merleau-Ponty e dos conceitos por ele abordados. Em complemento aos escritos merleau-pontyanos aciona a sociologia em escala individual (SEI), de Bernard Lahire, ao corroborar metodologicamente com a análise de apenas um indivíduo migrante denominado Carlinhos.

Pela narrativa de Carlinhos, de sua saída de Mantenópolis (ES) para tentar a vida na América do Norte, aos desafios e saudades gerados por seu deslocamento aproximam os conceitos de corporeidade, de mundo percebido e de espacialidade aos escritos geográficos, numa interdisciplinaridade entre a filosofia e a geografia humanista. Tais conceitos permitem compreender a migração para além de um mero movimento no espaço, sendo o objetivo deste texto articular o fenômeno da migração internacional sob a ótica da perspectiva fenomenológica, constituindo a migração como experiência expressa no corpo, mutável e necessitada de interações intersubjetivas entre os sujeitos.

Conclui-se que a migração ocorre no indivíduo migrante, modificando sua trajetória de vida e as lições por ele aprendidas, norteando a sua corporeidade. Além disso, sumariza a manifestação da espacialidade diante da disponibilidade afetiva de Carlinhos, o que postula sobre a força da espacialidade para estipular as experiências "disponíveis" dentro do conceito de padrão de racionalidade para Merleau-Ponty, permitindo fenômenos de ordem material e imaterial.

Palavras-Chave: fenomenologia; migração; Merleau-Ponty

ABSTRACT

This work begins a discussion about the phenomenon of international migration, analyzed based on the logic of Maurice Merleau-Ponty's philosophy and the concepts he addresses. In addition to Merleau-Ponty's writings, it uses Bernard Lahire's sociology on an individual scale (SEI), by methodologically corroborating the analysis of just one migrant individual called Carlinhos.

Through Carlinhos' narrative, of his departure from Mantenópolis (ES) to try a life in North America, the challenges and longings generated by his displacement bring the concepts of corporeality, perceived world and spatiality closer to geographical writings, in an interdisciplinarity between philosophy and humanistic geography. Such concepts allow us to understand migration beyond a mere movement in space, the objective of this text being to articulate the phenomenon of international migration from the perspective of a phenomenological perspective, constituting migration as an experience expressed in the body, changeable and requiring intersubjective interactions between subjects.

It is concluded that migration occurs in the migrant individual, modifying their life trajectory and the lessons they learned, guiding their corporeality. Furthermore, it summarizes the manifestation of spatiality in the face of Carlinhos's affective availability, which postulates the power of spatiality to stipulate "available" experiences, of a material and immaterial order.

Keywords: phenomenology; migration; Merleau-Ponty.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|--|----|
| Imagem 1: A FÉ PERCEPTIVA E A CONSTRUÇÃO DO REAL..... | 45 |
|--|----|

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO..... | 10 |
| 2 MÉTODO E METODOLOGIA..... | 13 |
| 3 APRESENTAÇÃO DA BASE DOCUMENTAL UTILIZADA (FITA DO EVENTO EMIGRA..... | 17 |
| 4 A MIGRAÇÃO ENQUANTO FENÔMENO: DO GERAL AO INDIVIDUAL..... | 21 |
| 4.1 Migração e fenomenologia: leituras a partir da geografia humanista..... | 27 |
| 5 DA FENOMENOLOGIA À SOCIOLOGIA: UMA PONTE ENTRE MERLEAU-PONTY E BERNARD LAHIRE..... | 36 |
| 5.1 Merleau-Ponty: da fé perceptiva ao corpo-mundo..... | 37 |
| 5.2 Bernard Lahire e sua sociologia em escala individual..... | 49 |
| 6 A CORPOREIDADE E O MUNDO PERCEBIDO DE MERLEAU-PONTY NAS EXPERIÊNCIAS MIGRATÓRIAS DE CARLINHOS..... | 53 |
| 6.1 O ser imigrante e o corpo..... | 55 |
| 6.2 O lugar e o mundo percebido..... | 60 |
| 6.3 A experiência migratória: O caso Carlinhos..... | 64 |
| 6.4 O individual coletivo..... | 71 |
| 7 ESPACIALIDADE E PADRÃO DE RACIONALIDADE NA EXPERIÊNCIA INTERSUBJETIVA DE CARLINHOS..... | 73 |
| 7.1 Espaço e tempo: elos da mesma corrente..... | 74 |
| 7.2 Padrão de racionalidade..... | 80 |
| 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 88 |
| 9 REFERÊNCIAS..... | 91 |
| ANEXO A- TRANSCRIÇÃO FITA EMIGRA NA ÍNTEGRA..... | 96 |

1. INTRODUÇÃO

A ciência moderna dispõe de diferentes métodos possíveis para analisar os mais diversos aspectos e fenômenos da natureza humana e, desta forma, obter resultados de acordo com as abordagens escolhidas. Majoritariamente, a Geografia se pauta na cisão entre Sujeito e Objeto, distinguindo um do outro como seres díspares ou no máximo tangencialmente conectados. O sujeito é construtor ou construído pelo objeto, mas pouco imbricados um ao outro enquanto forma concreta. É como se olharmos para o preto e o branco enquanto ignoramos as múltiplas facetas do cinza que estão ao redor das nossas pesquisas, num misto de possibilidades para além dos extremos.

O método proposto pela Geografia Humanista e suas diversas facetas correspondeu em boa parte quanto a essa "insensibilidade perceptiva", ao estudar especialmente os escritos de Tuan e Marandola. Estes autores possibilitaram um reposicionamento deste olhar e buscar compreender os fenômenos geográficos de uma forma mais palatável. O itinerário trilhado posiciona a pesquisa na direção de uma mescla, observando amplamente essa tal gama cinzenta que tanto é ignorada.

Compreender o mundo ao seu redor, suas unidades e particularidades, talvez deste modo tenha iniciado um pensamento “geográfico”, pautado na apreensão daquilo que me cerceia, me atrai ou me causa espanto. Pode-se observar a flora, a fauna, os céus e as estrelas, um rio que corre, uma imponente montanha, entre tantas outras coisas que o compõem.

Entretanto, houve um momento, provavelmente muito sutil, no qual o indivíduo decidiu observar algo que não é possível enxergar com os olhos, ou com qualquer outro sentido corpóreo. Neste instante de angústia, ele percebeu que queria observar a si mesmo, o seu interior, seus sentimentos, felicidades e aflições, numa miscelânea flamejante que ardia dentro dele.

Já não bastava apreciar a natureza e todos os elementos que o rodeavam, era necessário obter entendimento acerca dos porquês eles estavam ali, como eles faziam parte da sua vida, o caracterizavam, e em certa medida o definiam. Deslocar o sentido da coisa dela mesma, e atribuí-la ao sujeito parece um tanto quanto egoísta da nossa parte, uma vez que o que somos, se não parte deste todo que ousamos julgar. Aliás, é possível dizer que a Geografia nunca deixou de ser uma ciência da observação, afinal ela se construiu sobre as bases da contemplação e da admiração pujante sobre as paisagens, os lugares, os acontecimentos.....

Só que ela sempre teve no seu cerne a essência de buscar dentro de si o que estava fora, aquilo que não é apenas aparência ou a materialidade de algo. Como apresentado por (SOKOLOWSKI, 2004, p.53):

O mundo como um todo e o eu como centro são as duas singularidades entre as quais todas as outras coisas podem ser colocadas. O mundo e o eu são correlatos um com o outro de um modo diferente daquele no qual uma intencionalidade particular é correlata com as coisas que intenciona. O mundo e o ego fornecem um duo fundamental, um contexto elíptico para tudo.

Assim, retornar à epistemologia em si não é trabalho em vão se o indivíduo busca fazer ciência de fato, se busca sempre indagar e pensar em argumentos para o debate. Deste incômodo, a Filosofia se mostrou caminho farto para obter amparos para tal afirmação e encontrar possibilidades para além das concebidas, abrindo um mundo novo.

Sem incomodar com os ruídos ou divergências, submergi neste oceano filosófico, que aparentava ser o caminho verdadeiro na direção de uma geografia mais fraterna, que não desconsiderasse os sujeitos e suas visões sobre o que ocorre no mundo. É por meio da filosofia que se pode visualizar a posição do geógrafo. Sobre este prisma, surge a fenomenologia como campo da perspectiva teórico-metodológica para afagar certas angústias.

A fenomenologia tem como base o dualismo, desta interpretação conjunta entre mundo e sujeito. Assim o mundo só é mundo para cada indivíduo em si, sendo deste modo único, compreendendo seus fenômenos a partir de uma consciência intencional, gerando aquilo que chamamos de experiências intersubjetivas. Esta conceituação geral será importante para que a fenomenologia se torne uma das grandes correntes filosóficas do século XX (MORAN & MOONEY, 2002). De início, o desejo era meramente teórico, para apresentar as aproximações possíveis entre o campo filosófico e o campo geográfico, entretanto, pensou-se utilizar um fenômeno prático para aprofundar as discussões que foram pensadas.

A migração internacional como fenômeno diverso e multifacetado possibilita pesquisas nas mais diversas áreas. Inclusive abarca compreensões interdisciplinares que ressaltam abordagens na escala do indivíduo e do coletivo. É nessa gama que os escritos de Merleau-Ponty e Bernard Lahire apresentam perspectivas teórico-metodológicas de grande valor para uma visão ampliada sobre o fenômeno migratório.

No momento em que ambas as abordagens são enraizadas no cerne da experiência do sujeito, das intersubjetividades e da noção do corpo como sensor máximo da compreensão

das sensações e dos fenômenos socioespaciais, o presente texto adentra na esfera humana, buscando capacidades subjetivas que possam ser deslocadas para um sentido coletivo, com foco nas vivências e percepções semelhantes dos indivíduos migrantes, nas experiências sensíveis do mundo como lugares de afastamento e/ou pertencimento.

O seguinte estudo tem como objetivo observar o fenômeno da migração internacional sob a ótica da perspectiva fenomenológica, trazendo para o debate o conceito de corporeidade presente em Merleau-Ponty e utilizando para corroborar esta discussão a Sociologia em Escala Individual de Bernard Lahire e diversos teóricos da Geografia Humanista que facultam aproximações discursivas e práticas. Diante de uma abordagem metodológica baseada na fenomenologia, espera-se analisar a migração enquanto fenômeno e experiência solidificada no corpo, como entidade viva e mutável, sempre necessitada das interações intersubjetivas com o mundo.

Dado que a análise acerca da corporeidade humana de Merleau-Ponty pode ser trabalhada juntamente com a sociologia em escala individual de Lahire, no trabalho vigente, busca-se o estabelecimento de pontes entre a obra de Maurice Merleau-Ponty, a sociologia do indivíduo de Bernard Lahire, com o objetivo de assimilar a corporeidade humana e sua interligação com a migração internacional sob a égide da Fenomenologia.

2. MÉTODO E METODOLOGIA

O presente texto se vale do método fenomenológico para a execução da pesquisa. Utiliza-se do texto de Graças (2000) como aparato explicativo dos processos realizados, juntamente com as revisões bibliográficas e documentais executadas posteriormente para descrever a metodologia utilizada. Segundo Graças (2000, p.82), a metodologia fenomenológica: “Trata-se, então, de um movimento em direção à compreensão e à interpretação do fenômeno descrito e não à sua explicação”. Assim, elabora uma análise qualitativa do fenômeno, situando-o na esfera de mundo que o registra e, pela experiência intersubjetiva, ilumina e permite o surgimento de um mundo pré-reflexivo que será objeto de estudo do pesquisador, indo além do mundo geográfico e se enraizando no contexto de uma ontologia existencial.

A metodologia fenomenológica, presente não somente na perspectiva de Merleau-Ponty, trabalha com três passos sequenciais na sua construção: a descrição, a redução fenomenológica e a compreensão fenomenológica. Disserta-se acerca destes passos a seguir.

A descrição fenomenológica consiste basicamente na percepção, uma vez que ela é a base de todo processo reflexivo. O mundo só é permitido ao indivíduo situado enquanto ele se enxerga como sujeito dotado da capacidade de acessar as coisas-mundo na sua intimidade. Por meio da consciência que este sujeito faz do mundo lhe é permitido a sensibilidade de um corpo vivido que se torna figura crucial na vivência da intersubjetividade.

Portanto, pode-se afirmar que os processos conscientes são de ordem intencional e sempre direcionados para o mundo, atuando na formação dos processos da subjetividade humana. Este sujeito formado com diversas possibilidades de experienciar corporalmente o mundo também se torna qualificado para dialogar com os outros que o rodeiam, complexificando a ação perceptiva no contato com o além-corpo. Neste encontro é que o indivíduo pensante e pensado se relacionam e estabelecem as ligações que permitem tal descrição. Ou seja, há necessariamente uma relação dialógica entre sujeito e pesquisador.

A redução fenomenológica aponta como a fenomenologia busca como finalidade observar o máximo possível do centro essencial do fenômeno. Para Merleau-Ponty (1994), as essências carregam a totalidade das relações possíveis de se viver pelas experiências e que por consequência, estão relacionadas à existência. Inclusive, para o autor chegar à essência do mundo não é a idealização em primazia, mas adentrar no campo da sua existência factual

anterior a qualquer teorização conceitual. É a possibilidade de observá-la anteriormente a sua consolidação no corpo por meio da consciência, quebrando a nossa familiaridade com o próprio fenômeno. Como afirma Merleau-Ponty: “Quando opero a redução fenomenológica [...] tento fazer aparecer e explicitar em mim esta fonte pura de todas as significações que em torno de mim constituem meu eu empírico” (MERLEAU-PONTY, 1973, p.77).

Dentro deste passo metodológico, o objetivo predominante é a identificação pelo pesquisador dos significados contidos nos relatos, retirando deles a expressão perceptiva dos eventos vivenciados pelos sujeitos. Ademais, o pesquisador se valeu do processo reflexivo (pautado na dialógica entre pesquisador e pesquisado) como recurso metodológico na tentativa de delimitar os possíveis componentes da experiência, na tentativa de observar suas ocorrências em diferentes localidades e como isso modifica a estrutura investigativa do fenômeno.

Por fim, o último passo é a compreensão. Para que se haja uma compreensão, metodologicamente respaldada é fundamental que o fenômeno tenha a intencionalidade de se comunicar com significados múltiplos, sendo uma circunstância constante de vastas projeções e possibilidades interrogativas que o mundo possibilitou ao pesquisador.

Merleau-Ponty reforça que não se trata apenas de acreditar nas informações ditas pelo outro, mas na capacidade material de estabelecer conexões entre a totalidade de significações possíveis e suas inter-relações, possibilitando assim uma delimitação mais fiel à realidade das totalidades de experiências. Como podemos demonstrar na citação abaixo:

"Nem de reduzir suas experiências às minhas, nem de coincidir com ele, nem de ater-me ao meu ponto de vista, mas de explicitar minha experiência e sua experiência tal como ela se indica na minha [...] trata-se de compreender uma pela outra". (MERLEAU-PONTY, 1994, p.662)

A compreensão se dá quando se afirma que a redução teve um resultado de valor para a pesquisa, possibilitando assim ampliar o leque de leituras do fenômeno e do sujeito em investigação. Segundo Bicudo (1994) o rigor do pesquisador fenomenológico se impõe a cada momento em que interroga o fenômeno e ao seu próprio pensar esclarecedor.

Para corroborar com a escolha e utilização de apenas uma narrativa, utilizou-se a Sociologia em escala individual (SEI), de Bernard Lahire. Por meio de uma abordagem interpretativa e qualitativa sugerida por Lahire, buscou-se entender como as experiências e as disposições dos indivíduos são motivadas e reflexos de uma estrutura social e de aspectos históricos.

A partir disso destaca-se a multiplicidade de efeitos (como a classe social, a escolaridade, gênero, cultura, família, entre outros) que atuam mutuamente sobre os sujeitos,

configurando as existências e identidades possíveis. Uma vez que os sujeitos adquirem certos padrões comportamentais e perceptivos por meio da socialização, presume-se que o mesmo indivíduo detenha diversas influências sociais, até mesmo opostas entre si. Esse fato mostra a interseccionalidade presente no entrelaçamento das vidas das pessoas, reproduzindo certos estímulos com experiências que se “assemelham”.

O contexto no qual este sujeito está inserido e o conjunto de ações e manifestações disponíveis foram levadas em conta, a fim de demonstrar que a vivência de um indivíduo pode, em partes, ser considerada como reflexo de um todo mais amplo. Diante do fenômeno migratório, o comportamento é passível de mudanças de acordo com a situação e o ambiente em que ele se encontra.

Neste momento, também se faz necessário alguns adendos para a metodologia da pesquisa descrita acima. Primeiramente é importante frisar que por mais que haja a tentativa de esgotar as leituras possíveis do fenômeno da migração internacional, ela sempre será incompleta e inacabada. Uma vez que a essência existencial presente na análise do indivíduo, abarcando sua temporalidade e espacialidade como padrão de racionalidade, afirma-se que todos os conhecimentos obtidos por esta pesquisa são de ordem generalista, genérica, mas nunca universais. Além disso, a metodologia aqui proposta também permite a percepção de ocultamentos, visto que a totalidade perceptiva é a quimera do pesquisador. Neste texto haverá momentos onde a análise se pautará mais pelo não dito do que pelo dito.

As revisões bibliográficas se pautaram nos estudos de Maurice Merleau-Ponty e Bernard Lahire, juntamente com diversos outros autores da vertente humanista da Geografia. O documento de análise é oriundo de um conteúdo contido na fita entregue durante o Evento Emigra, realizado em Governador Valadares, de data incerta (provavelmente entre os anos de 1986 e 1989 devido a eventos apresentados no áudio). A transcrição na íntegra foi realizada pelo Riverside, uma inteligência artificial (IA), com uma revisão realizada pelo pesquisador de palavras e termos incoerentes com o apresentado na fita.

A seguir, apresenta-se um esquema que resume o documento de estudo deste trabalho, a fita do Evento Emigra. Esta não é uma transcrição de fato, mas um relatório sobre o que foi dito de mais relevante e importante sobre a vivência do indivíduo migrante da narrativa, as suas noções corporais e sensíveis com o seu lugar de origem e com seu lugar destino, com as materialidades e com as pessoas que lá estão e que aqui ficaram.

Por fim, para fornecer um plano de fundo para a questão da migração que foi discutida neste texto, realiza-se um breve panorama histórico da Migração Internacional, suas

formações e estruturas socio-espaciais predominantes ao longo dos anos, além de observar teoricamente a migração enquanto fenômeno abordado pela geografia humanista.

3. APRESENTAÇÃO DA BASE DOCUMENTAL UTILIZADA (FITA DO EVENTO EMIGRA)

O texto a seguir é um esquema criado para resumir o conteúdo contido na fita entregue durante o Evento Emigra, realizado em Governador Valadares, de data incerta (provavelmente entre os anos de 1986 e 1989 devido a eventos apresentados no áudio).

Nela, o falante se denomina Carlinhos, da cidade de Mantenópolis (ES), que se encontrava na América do Norte. Pelas limitações tecnológicas e financeiras da época de gravação, ele enviava fitas para sua família aqui no Brasil, contando brevemente como eram suas experiências e percepções enquanto indivíduo migrante.

Aqui se faz necessário uma breve digressão para apresentar um pouco melhor o município de Mantenópolis e suas características principais. Segundo o site da prefeitura local¹, o povoamento foi iniciado no início do século XX, com a chegada de população migrante, advinda principalmente de outras regiões do Espírito Santo, Bahia e Minas Gerais na região da atual cidade. A origem do nome do município advém de um córrego que atravessa a região, chamado Mantenhinha. Próximo a este córrego, há a cidade mineira de Mantena. A junção destes dois fatores, adicionada à terminação grega “polis”, que significa cidade foi o que gerou a nomenclatura toponímica, sendo reconhecida como município em 1953.

Mantenópolis fica na divisa entre os estados de Minas Gerais e Espírito Santo, mas no território capixaba. Fica a 262 quilômetros da cidade de Vitória, capital do estado. Tem uma área de 320 Km², o que equivale a 0,7% do território estadual, segundo dados do Proater e da prefeitura de Mantenópolis². Sua população era de 13.612 habitantes, com rendimento per capita domiciliar médio entre ½ e 1 salário mínimo, 66% dos domicílios no perímetro urbano e 44% na zona rural (IBGE, 2010), o que a caracteriza como uma cidade pequena, do interior do Espírito Santo.

Inauguramos tal esquema afirmando que Carlinhos diz como está com saudade da roça, dos bois e da cidadezinha na qual morava. As únicas coisas que o alegram são uma fita com canções sertanejas, entre elas a que mais toca é “Meu sítio, meu paraíso” de 1977, da

¹Link disponível em:

<https://www.mantenopolis.es.gov.br/detalhe-da-materia/info/historia-de-mantenopolis/6511> Acesso às 18:35 do dia 24/06/2023.

² Link disponível em: <https://www.mantenopolis.es.gov.br/detalhe-da-materia/info/localizacao/6512> Acesso às 18:20 do dia 24/06/2023.

dupla Zé do Rancho e Zé do Pinho e assistir a novela Roque Santeiro, exibida originalmente entre 1985 e 1986.

Carlinhos afirma que entrou um governo novo que prometeu mandá-los embora. Ele aponta o estranhamento com um termo diferente, falando que iria “exportar” (SIC). Além disso, diz que só não está mais perdido em terras canadenses por ter um conhecido que já reside lá e tem certo domínio da língua inglesa.

Nosso falante sente muita saudade da família, principalmente dos pais com o qual fala sempre com grande carinho e emoção no modo de dizer. De lá, diz ter ouvido falar sobre os problemas políticos e econômicos no Brasil, perguntando como havia ficado a moeda nacional após o corte de três zeros do valor. Tal questionamento se deve ao fato de que Carlinhos envia frequentemente dinheiro aos seus familiares e precisa ter alguma noção da conversão cambial, tanto que ele pergunta se um dólar iria equivaler a um cruzado pelo ajuste da moeda (Daqui temos um indicador temporal, dado que os ajustes monetários com o cruzado foram realizados nos anos de 1986 e 1989).

Ademais, Carlinhos pergunta o que tem dado pra comprar com os valores que têm enviado e afirma que enviaria o valor adicional de 5 mil dólares para que fosse realizada uma grande reforma na casa velha próxima do córrego. Ele deseja uma casa com poleiro e chiqueiro grandes, para que possa criar um casal de patos, perus, galinhas e outras aves. Aliás, Carlinhos fala que caso o dinheiro seja insuficiente, é para os familiares ligarem que ele envia mais.

Seu retorno ao Brasil parecia próximo, uma vez que disse que faltavam 60 dias para voltar. Estava levando uma mulher que havia conhecido lá e tinha grande desejo em ensiná-la a mexer na roça. Este relacionamento é um tanto quanto curioso porque ela é residente do país destino e ele não fala inglês nem francês. Para se comunicarem, ele pede a ajuda do amigo Marcelo para explicar o que quer e perguntar a moça se gostaria de ir com o Carlinhos para o Brasil, tendo resposta afirmativa por parte dela. Quando não tem ninguém por perto que possa ajudar Carlinhos, ele disse que o casal se vira com mímica, sinais e apontando para as coisas que desejam.

Seu retorno será em Vitória (ES), aproximadamente 3 horas de carro de Mantenedópolis (ES). Carlinhos pediu para buscá-los com a caminhonete da família, pois havia comprado diversas “roupas de roça” lá e estava levando elas pro Brasil, para mostrar que nenhum outro as tinha. Inclusive, pede aos familiares que levem a máquina fotográfica ou a filmadora para Vitória (ES), porque ele quer montar um álbum de imagens da sua chegada, tirando fotos dele

e das paisagens que ele sentia tanta saudade. Por fim, ele afirma ter uma surpresa para os pais quando chegassem no Brasil.

O falante também diz que é pra seu pai dar uma boa geral no carro de boi e comprar um cavalo, pois ele quer ensinar à sua namorada como as coisas do interior funcionam.

Sua saudade transcende as questões materiais, sendo como se parte dele houvesse ficado em solo tupiniquim. Em inúmeros momentos do áudio, Carlinhos relembra do cantar dos passarinhos e do fogão de lenha, com imenso desejo em comer comida de roça, como uma carne de porco na gordura, ou comer uma galinha do terreiro. Ele afirma: “O povo aqui só come sanduíche. De manhã eles gostam de dois sanduíches e duas bananas”. Desde a sua chegada, teria emagrecido de quatro a cinco quilos

Carlinhos deixa claro em diversos momentos da fita que o sonho dele é regressar para o interior e viver lá o resto da vida. Tocou mais duas músicas: Baldrana Macia, de Bia e Dino Franco e Ela fez minha cabeça, de Chitãozinho e Xororó. Ambas são do gênero sertanejo e contam de situações de amor no campo. Ele diz que essas músicas teriam sido feitas pra ele, pois geram em Carlinhos um sentimento de inquietude.

Continuando este esquema do áudio, Carlinhos vai contar aos seus pais os porquês de tanta tristeza por estar lá e como a saudade lhe faz querer voltar. Ele afirma não aguentar a fumaceira dos carros, que isso o deixava extremamente irritado; fala também da friagem e da quantidade de roupas que ele precisa utilizar para ir trabalhar ou num passeio qualquer. Disse já ter situações que precisou sair com quatro calças e cinco camisas pra tentar espantar o frio. Ao mesmo tempo, fica lembrando as épocas de pescaria, onde passava um tempo pegando peixe e conversando fiado, porque disso ele tem as *manha*. “Vontade de sair voando e cair lá dentro do sítio, naquela lagoa”. Aparentemente, sua vontade de ir embora parece maior do que todo retorno financeiro que viver no Norte poderia lhe proporcionar. Carlinhos quer matar porco, viver a vida no interior e não ficar nessa “geladeira”, jogar malha e sentir o cheiro de bosta de boi.

Chegando lá, Carlinhos teria encontrado Marcelo, Joãozinho e Daniel que foram buscá-lo enquanto Luizinho e Paulo estariam nos “states”. Deram a ele o apelido de “Turista do Interior”, porque lá é sempre muito bacana, mas pra ele não dá. Nem mesmo a neve tão desejada de se ver e sentir já não agrada mais, diz Carlinhos: “Esse trem branco igual açúcar, esse tal de neve. Eu fico pisando nela e os dedos do pé endurecem muito, chega até a doer”. Carlinhos foi para o norte ser pintor e afirmou que lá precisa fazer um pouco de tudo. Abriu juntamente com Joãozinho, Marcelo e Adriano uma firma de carpintaria, compraram ferramentas e desenvolveram diversos serviços.

Por fim, toda esta saudade do mato e da família não será em vão. Segundo ele, está na busca do dólar e levando dinheiro para comprar outro sítio na região, ensinar sua namorada a vida do campo e nunca mais sair do seu recanto em Mantenópolis.

Esta síntese do relato de Carlinhos será utilizada para aplicar aspectos práticos a análise teórica da corporeidade de Merleau-Ponty frente aos desafios impostos pelo fenômeno migratório ao indivíduo, suas relações com os espaços e com os outros sujeitos.

A seguir será apresentado como o fenômeno migratório se constitui, desde seus aspectos mais gerais até a abordagem fenomenológica, de caráter mais subjetivo, dando enfoque ao caso de Carlinhos como norteador e exemplo ampliado de alguns aspectos sociais referentes à migração.

4. A MIGRAÇÃO ENQUANTO FENÔMENO: DO GERAL AO INDIVIDUAL

A história da migração de brasileiros para o exterior é constituída de diferentes momentos e fluxos migratórios distintos. Desde meados do século XIX até a contemporaneidade, brasileiros e brasileiras buscam oportunidades e novas perspectivas de vida em diversos países pelo mundo afora.

No século XIX, a emigração brasileira consistia em dois movimentos principais: na saída de mão-de-obra para países vizinhos como Argentina e Uruguai, e a movimentação de filhos da elite, que buscavam seus estudos em universidades de fora do país, como em Portugal e Inglaterra.

Durante o século XX, especialmente nos anos 60 e 70, os fatores políticos e econômicos (oriundos de uma ditadura militar), levaram a uma nova jornada de pessoas para fora do país. Os destinos mais comuns na época foram os Estados Unidos, Canadá, Portugal e Espanha, além de países vizinhos da América Latina.

Já no final do século XX, houve uma transformação da migração brasileira para o exterior devido aos processos de globalização e de facilidade de acesso à informação e telecomunicações. Para além dos países citados anteriormente, nações asiáticas atraíram muitos brasileiros em busca de uma vida melhor.

Nos últimos anos, com a ocorrência da pandemia de COVID-19, houve um impacto crucial na emigração brasileira que foi na restrição de viagens e distanciamento social no momento mais agudo da pandemia até o retorno gradual das possibilidades de deixar ou entrar no Brasil. Após o abrandamento da crise sanitária, o fluxo migratório foi retomando sua forma.

É importante ressaltar que a emigração brasileira ocorre não somente por fatores econômicos e políticos, mas também por aspectos socioculturais. Os vínculos afetivos, a motivação por uma vivência internacional, a curiosidade quanto à experiência e os desejos pessoais e a necessidade forçada de tentar uma vida em outro país são os principais elementos motivadores para um sujeito emigrar. A saída de brasileiros para o exterior não ocorre de forma homogênea, pois elas dispõem de aspirações difusas.

Ademais, há uma diversidade do perfil do emigrante brasileiro, mostrando como que a emigração não é um fenômeno de um grupo específico ou de uma classe social. Diferentes pessoas, idades, níveis educacionais e ocupações abrem mão de morar aqui na tentativa de encontrar seus anseios em outros lugares, mesmo com os diversos obstáculos inerentes a este processo, que vão desde a legislação, cultura, xenofobia, entre outros.

Quanto ao nível educacional, afirma-se que ele tem papel determinante na migração de indivíduos brasileiros que buscam estudar no exterior, seja qual forma for. A constante procura por melhores formações acadêmicas de qualidade e a disponibilidade de acesso a determinadas instituições designa este desejo migratório. Ainda neste sentido, há o efeito da migração qualificada, na qual profissionais com altas capacitações são levados a deixarem o país na busca de um desenvolvimento da carreira, melhores condições de trabalho e melhores remunerações. A mobilidade de trabalhadores qualificados se destaca como uma das principais formas de difusão de conhecimento científico e tecnológico (MUKKALA, 2005). A perda do capital humano e intelectual tem impacto imediato no desenvolvimento e na inovação possível no Brasil. Segundo a literatura sobre migração, o trabalhador migrante se destaca por ser mais motivado e habilidoso que os demais trabalhadores (CHISWICK, 1978).

Borjas (1996) mostra como há uma relação intrínseca entre a probabilidade de migração e a qualificação profissional, à medida que os trabalhadores com maior capacitação dispõem de informações acerca de outros nichos de mercado onde sua qualificação é melhor recompensada, minimizando os riscos contidos em qualquer processo migratório, além de que estes trabalhadores possuem, normalmente, mais alternativas de ocupação neste lugar de destino. Portanto, a mobilidade geográfica destes trabalhadores promove e amplia a desigualdade de capital humano disponível em certas localidades. (ZIMMERMANN, 2004)

O estabelecimento de redes migratórias também acarretou impactos importantes no Brasil e nos países de destino destes indivíduos. Durante o passar do tempo, as pessoas foram estabelecendo comunidades que desempenhavam uma rede de solidariedade e suporte entre eles, o que favorece a permanência e a atração de novos sujeitos para estas localidades. Ao mesmo tempo, há uma ponte também com o Brasil de fato, uma vez que o contato não é totalmente perdido com seus familiares que aqui ficaram, com o envio de remessas financeiras e tecnológicas, que contribuem predominantemente para o sustento familiar, o investimento e desenvolvimento local.

A ideia de retorno, como princípio simbólico que inscreve a circularidade nas migrações (SAYAD, 2000). Entretanto, aparece também nas condições estruturais que se estabelecem num sistema migratório, formando um circuito integrado.

O paradoxo inerente à constituição do fenômeno migratório, pois se liga à própria ideia de emigração e imigração, como duas dimensões de um mesmo fenômeno.

A lógica de presença/ausência como faces de uma mesma moeda. (FAZITO, 2010. p. 90). O deslocamento físico é um deslocamento de poder. Tal lógica aponta para uma ruptura

na ordem do tecido social, uma vez que o retorno não é apenas material, mas simbólico no campo das relações socioespaciais.

“Emigra-se com a crença absoluta de que um dia se retornará para o mesmo “espaço” original, como se a decisão de emigrar fosse puramente individual e pontual, localizada num espaço e num tempo manipulável racionalmente”. (FAZITO, 2010, p.91)

Segundo Massey (1990), as redes migratórias são formadas por conexões sociais que unem comunidades de partida a locais específicos de chegada, configurando-as como sociedades que recebem os migrantes. Tais conexões estabelecem vínculos entre pessoas que migram e aquelas que não migram, numa teia de papéis sociais complementares e relacionamentos interpessoais sustentados por um conjunto informal de expectativas compartilhadas e comportamentos minimamente esperados.

“O imigrante manipula simbolicamente suas próprias experiências cotidianas, ao criar suas ilusões sobre o retorno às origens buscando assim, justificar sua situação muitas vezes incômoda de deslocado e inclassificável”. (FAZITO, 2010, p.91)

Após este panorama mais amplo, restringe-se a observar o fenômeno migratório no caso específico de Carlinhos, na tentativa de descrever um perfil migratório do seu movimento. A história de Carlinhos, um brasileiro que abandona a vida bucólica em Mantenópolis, no interior do Espírito Santo, e se lança em busca de oportunidades na América do Norte. Seu relato é um plano de fundo para observar as vastas nuances que a migração permite em termos de experiências. Ele teria realizado uma migração “espontânea” que é descrita por Golgher (2004) como aquela que a pessoa pode fazer a opção se vai mudar ou não. Entende-se que ele fez uma análise de custos envolvidos na migração e nos benefícios que ela poderá ter caso troque de local de residência. Segundo Sayad (1998, p. 11): “Não existe imigração num lugar sem que tenha havido emigração noutro lugar, não existe presença em qualquer lugar que não tenha a contrapartida de uma ausência alhures”.

Por meio dos conceitos merleau-pontyanos, principalmente da corporeidade e do mundo percebido, buscou-se traduzir as cicatrizes deixadas por essa trajetória, numa vinculação entre corpo, mundo e experiência. O mundo percebido de Carlinhos está em movimento a todo tempo. A cisão entre o aconchego rural de Mantenópolis, sua roça, seus animais e o contato com a natureza contrastam com o contexto urbano e agitado da sua vida

no exterior. Assim a sua percepção de mundo é constituída na saudade sentida de sua terra natal, amplamente expressa na conexão do seu corpo e mente com o lugar de origem.

Estando a ermo, Carlinhos vive uma experiência migrante com desafios e estranhamentos, dentre eles a língua, a cultura e o clima são elementos que destoam bastante do que ele estava acostumado, gerando um deslocamento dos seus aspectos de segurança. Esse deslocamento é refletido em como o seu corpo se torna, ao longo de sua narrativa, cada vez mais desconectada e enfraquecida no novo ambiente.

Nos países estrangeiros, os imigrantes ainda encaram desafios, como o aprendizado de uma língua estrangeira, obstáculos ligados aos modos de lidar com práticas incomuns, com a quebra da rotina, com a sensação de solidão, de rejeição, de falta de entendimento da legislação no país para o qual se está indo e o receio de não ter sucesso financeiro. (DETTLAFF, 2008, p.58)

Quando se considera o contexto socioespacial de Carlinhos fica claro o quanto a questão financeira é a grande motivadora do seu deslocamento. Buscando melhores oportunidades de vida, ele se sujeita a enfrentar as adversidades que a vida longe de casa obriga. Em complemento, a sua migração expõe as desigualdades presentes no contexto de seu local de chegada. Lá ele encontra a exploração do trabalho de uma mão-de-obra fragilizada e vulnerável, com condições de vida precárias, xenofobia, entre outras. Essa realidade impõe que ele se “adeque” com o contexto social caso queira levar alguns trocados para a casa, demonstrando a imposição e a opressão que pode ocorrer em certas experiências migratórias.

“[...] nas sociedades de destino, a demanda por força de trabalho migrante origina-se da segmentação econômica; segmentação essa que cria um tipo de emprego instável, mal remunerado, com baixas possibilidades de mobilidade e exilado pelos nativos”. (SOARES, 2002, p.14)

Outro ponto crucial a ser analisado aqui é o recorte temporal da migração de Carlinhos, o que claramente impacta na sua experiência. Não se tem uma data específica de quanto este registro foi realizado, mas com base em algumas evidências contidas na narrativa infere-se que tenha sido feito entre o final dos anos 1980 e início dos anos 1990. Tal período já permite a disponibilidade de maior acesso à informações e telecomunicações, diante de um panorama de um mundo globalizado. Em teoria, amenizaria os impactos da distância física, mas permitiria a chegada de mais indivíduos que tentam a sorte como ele, ampliando a competitividade no mercado de trabalho, o que alargaria a exploração do trabalho migrante. Além disso, os fatores “push” e “pull” são importantes na compreensão da história de

Carlinhos. Relativos respectivamente aos locais de origem e de chegada, são impelidos ao indivíduo migrante, à medida que eles decidem abrir mão da sua residência devido às diferenças regionais (dentre eles os fatores econômicos e não econômicos). O fator “push” refere-se ao empurrão e o fator “pull” significa a força atrativa do lugar de chegada. A teoria de atração e expulsão é, segundo Soares (2002, p.8) o “mais amplo arcabouço conceitual sobre as causas da migração”. Ademais Soares (2002) afirma que a migração é mais causada pelos fatores de atração do que de expulsão, o que é perceptível na narrativa de Carlinhos, uma vez que não havia um ímpeto de expulsão da sua terra natal, mas uma forte promessa de riqueza e melhoria de vida fora do país.

Supõe-se que o nível de escolaridade relativamente baixo de Carlinhos limita as suas oportunidades de emprego no mercado de trabalho do seu local de chegada. Tal limitação expõe ele a uma posição de vulnerabilidade, de precariedade e de exploração, deteriorando as suas condições de vida. Além disso, a falta de escolaridade é um fator que dificulta a adaptação pois o dificulta a ter acesso à língua e aos serviços públicos. Essa dificuldade se torna ainda mais expressa no seu corpo, tornando-o ainda mais deslocado e frágil diante das adversidades que se impõem.

Em conjunto com estes problemas está a esperança de um futuro mais próspero que também se expressa no seu corpo e sua corporeidade. Há um ímpeto em superar barreiras e construir de fato uma “nova” vida em terras boreais. Desta forma a jornada de Carlinhos é uma lembrança viva e construtiva da migração, das lutas e esperanças em prol de um amanhã mais promissor.

O perfil migratório brasileiro demonstra que a emigração de brasileiros para a América do Norte (principalmente Estados Unidos) apresenta-se como o principal fluxo de saída, tendo a região sudeste do Brasil como subsistema de origem desta população migrante.

Pouco mais de 100 km separam o leste mineiro da cidade de Mantenópolis, o que permite inferir que as dinâmicas e motivadoras que amparam a ocorrência de migrantes advindos dessa região de Minas Gerais provavelmente se aproxima das tendências de Mantenópolis, devido à proximidade geográfica e de, guardadas devidas proporções, semelhanças nos setores produtivos.

Percebe-se que Carlinhos busca manter os vínculos com sua terra natal ao reinvestir parte do dinheiro que recebe no exterior na sua própria cidade. Tal fato se aproxima com o que diz Soares (2002), ao demonstrar como essa é uma tendência na cidade de Governador Valadares, onde boa parte dos migrantes oriundos de lá investem em terras valadarenses. Em

trechos da transcrição, Carlinhos pede que seu pai reforme partes do sítio da família, além de pleitear adquirir mais terras na vizinhança, como visto nos trechos abaixo:

“Vamos ver se eu compro outro pedaço de terra e me rendo com esse sítio nosso, que fica aí mesmo nesse canto, entendeu? Um negócio meu, que é meus crioulinhos aí, se Deus quiser com essa menina que eu estou levando essa criolinha daqui, com poucos tempos ela aprende a conversar também, entendeu? Ela criando galinha, tratando assim dos porcos, patos, aliás, eu estou com até bicho no terreiro”.

“Eu quero que o senhor dê uma reforma, arrumar uns dois pedreiros, para eu dar uma reforma naquela casa velha, em pé do córrego lá, do lado do curral. Se o senhor reformar aquela casa, eu quero que faça uma casa bem bonitinha, arrumar bem bonitinha e faça um chiqueiro grande saindo lá dentro do córrego. Eu me compro cinco leitões”.

Segundo Margolis (1994) formou-se na região do vale do rio Doce uma forte cultura migratória para o exterior, o que poderia apresentar semelhanças com o processo migratório de Carlinhos. Por fim, deve-se ressaltar sobre a seletividade do migrante. Carlinhos é um homem adulto, do interior, solteiro e com escolaridade baixa é fortemente tentado a fazer a travessia, uma vez que ele teria poucos compromissos com sua terra natal.

A fim de estudar o fenômeno da migração sob a ótica tanto da filosofia pontyana, quanto da Geografia Humanista, necessitou-se de uma revisão de literatura e documental para estruturar os pensamentos e análises que se desdobraram mais à frente do texto, buscando as resoluções para nossa pergunta de pesquisa e os objetivos dele delimitados. A seguir propõe-se relacionar os conceitos e discussões iniciadas aqui com a geografia humanista e algumas de suas perspectivas de observar o fenômeno da migração.

4.1 Migração e fenomenologia: leituras a partir da geografia humanista

O fenômeno migratório é tema recorrente nos estudos geográficos. Diante das diversas vertentes metodológicas possíveis, a fenomenologia se apresenta talvez como uma das menos trabalhadas (SOUZA, 2012) e, nesse sentido, observar a migração sob a lógica da Geografia Humanista se põe como janela que se abre para ver novas facetas. A atenção se volta para como o fenômeno migração aparece e é compreendido na experiência (MARANDOLA JR; DAL GALLO, 2010), remontando e necessitando um novo direcionamento para as questões existenciais, rompendo a dinâmica dicotômica entre espaço e sociedade, sujeito e mundo, em busca de uma abordagem diferente, pautada na fenomenologia existencial. Portanto, a migração rompe a materialidade e, enquanto fenômeno, alcança a corporeidade e todas as suas dimensões socioespaciais.

O ser migrante é aquele que está sempre em casa vendo as notícias de casa (MOORES, 2009). Isso demonstra que a distância física e todas suas escolhas e demandas de consciência estão umbilicalmente ligadas pela dimensão do afeto. Os sentimentos são as formas em primazia que designam ao local determinadas qualidades daquele que o habita, reforçando a ideia entre a migração e as transformações do espaço pelo indivíduo alocado, valendo-se da experiência intersubjetiva para a formação conjunta dos grupos. Assim, não há lugar sem homem, nem homem sem lugar, como afirma (CASEY, 2001).

Trazendo para essa discussão os escritos de Merleau-Ponty, recorro aos “corpos-sujeitos” e como se constroi um destaque nas vastas dimensões emocionais e de afeto quando entram em contato com os ambientes cotidianos (SEAMON, 1979). Também poderíamos recorrer à introspecção de Edward Relph como trajetos para a construção de um senso de pertencimento ou não-pertencimento. Há um processo de desenraizamento originário, pautado em termos existenciais, modificando as relações consolidadas entre as territorialidades do seu lugar-natal e seu lugar-abrigo. A adaptação cultural envolve o fenômeno migratório, sendo composto pelos processos de alteridade e formação de uma “identidade híbrida”. Segundo (MARANDOLA JR E DAL GALLO, 2010) estabelecemos um envolvimento com um lugar, um *place attachment*, que é composto por um *place dependency* e *place identity*, fundamentos da identidade territorial e base de todo o senso de lugar. Estes dois conceitos são interessantes dentro da análise do fenômeno migrante sob a ótica geográfica, dado que o *place attachment* vai se referir à complexidade de vínculos emocionais e afetivos que os sujeitos são possibilitados de estabelecer com as localidades em que vivem, podendo ou não transformá-los em lugares com conexão substancial. Essa

conexão somente será consistente se embasada nas experiências, nas memórias e identidades que possam ser conferidas ao lugar.

Visto que o lugar é compreendido por Marandola Jr e Dal Gallo (2010) de forma além da mera materialidade, o contexto sócio-identitário e simbólico tem desempenho fundamental nas relações estabelecidas entre sujeito e mundo, envolvendo inclusive as nexos sociais que circundam a esfera locacional, auxiliando na resistência e preservação dos elementos culturais e materiais dos lugares. É necessário ressaltar que o *place attachment* é um contexto multifacetado, que permite variações individuais e diferenças de contextos geográficos para observar a valorização dos lugares de vivência.

O conceito de *place dependency* remete à dependência empírica e operacional que os indivíduos terão com determinados lugares, em relação às suas funcionalidades cotidianas. A dependência do lugar permite encadeamentos entre a disponibilidade de recursos e serviços com a conexão das pessoas com tal ambiente. Portanto, afirma Marandola Jr. e Dal Gallo (2010) que se estabelecem vínculos específicos entre os sujeitos e as coisas que estão ao seu redor, o que remonta a sensação de segurança existencial para os indivíduos, conforto e familiaridade com as suas rotinas e hábitos.

Já o conceito de *place identity* remonta às estruturas simbólicas e sentimentais do estabelecimento de um vínculo dotado de identificação. Atribuindo significados e valores dotados de paridade entre sujeitos e lugares, a identidade lugarística seria formada e talhada pelas histórias, práticas culturais e memórias associadas ao local. De fato, a identidade dos indivíduos e de seus lugares de origem são mescladas e interligadas intimamente, assim a construção do lugar está unida à construção das pessoas e da coletividade, aperfeiçoando a percepções possíveis entre sujeito e mundo.

Portanto, a conjugação entre sujeito e lugar, envolvida pela experiência como formas predominantes de compreender as consequências advindas do ato de migrar na vida do sujeito (MARANDOLA JR, 2008).

De acordo com Viana (2009), a identidade pode ser atribuída à percepção que uma pessoa apresenta de si e do grupo que pertence. A relação entre o corpo e a consciência é sempre dada para algo, pautando o sentido de pertencimento a um lugar que reforça o sentido da existência (MALPAS, 2008; SARAMAGO, 2008)

Sasaki (2010), no texto *A contribuição da Geografia Humanística para a compreensão de identidade de lugar*, irá auxiliar na abrangência teórica sobre as fundamentações intersubjetivas dos indivíduos e as formações locacionais. Para a autora, a identidade pessoal é dinâmica, complexa, orgânica e integrada e vem sendo ocultada por

meio da globalização. Segundo ela é possível afirmar que não existe apenas uma globalização, mas muitas globalizações que influenciam as diversas conformações das identidades humanas associadas às culturas locais. Assim, torna-se necessário um reforço nas características dos lugares na finalidade de assegurar os patrimônios materiais e imateriais das comunidades locais, independentemente de sua proporcionalidade.

A identidade é um processo contínuo, dinâmico, construído socialmente, passível de se reorganizar configurando novos sentidos através das linguagens e dos sistemas simbólicos, estabelecendo assim uma relação direta com o ambiente no qual ele atua e está inserido.

Sasaki (2010) pontua também sobre como a modernidade ilustra uma crença de que a cultura global estimula e atrai indivíduos que valorizam ou que experimentam a individualização, dado que a grande parte dos isolamentos culturais dentro da esfera global, sendo estes isolamentos forçados ou não, exige igualmente um isolamento da escala econômica global, tornando essa localidade ainda menos cobiçada.

Por fim, ela aponta para uma citação de (GOFFMAN, 1988):

“Pode-se compreender a identidade como um reflexo de um conjunto de subjetividades, o que influi a sua concepção de mundo, de sociedade e de padrões socioculturais que controlam a vida humana” (SASAKI, 2010, p.113).

Outro conceito importante de analisar na perspectiva fenomenológica sob o fenômeno migratório é o conceito de ser-e-estar-no-mundo, de Anne Buttmer (BUTTNER, 1982). Tal conceito disserta sobre a complexa relação entre as pessoas e o mundo ao seu redor, abrangendo a experiência vivida e percebida das pessoas em conjunto com o ambiente no qual estão inseridas. Para a autora, a existência humana não é apenas ontológica, pautada na formação do ser, mas é espacializada, ativa e lúcida. Ademais, a experiência humana espacializada é sociocultural e dinâmica, sem abrir mão da importância dos lugares e suas formações como estruturador das práticas e experiências possíveis.

O fenômeno migratório é a cisão desta segurança prescrita, forjada ao longo do tempo que desvincula o sujeito de seu espaço raiz e o transporta, pelo menos fisicamente, a uma localidade cuja compreensão e interação não são claramente observadas. O indivíduo migrante percebe tal ausência e muitas vezes desloca certos aspectos realizados no seu local de origem para este local destino, a fim de torná-lo mais agradável, ou como afirma Tuan (2013,p.8): “ Transformar num próprio microcosmo que dá sentido à Existência”.

Segundo Entrikin (1980) é por meio das experiências que nos aproximamos da compreensão do homem em seu mundo existencial.

Deste modo, compreender o fenômeno migratório por meio da experiência é buscar a singularidade do sujeito migrante e suas diversas relações com o mundo, dos locais de saída e de chegada, da prática empírica do ser-e-estar-no-mundo em um lugar “desconhecido”, como migrante de fato.

A existência do sujeito enquanto tal não é possível independente de um conjunto de referências socioculturais, ao mesmo tempo que este conjunto depende para existir das competências e realizações do indivíduo, numa relação dual e mútua de permanência.

Uma vez que o lugar, segundo Tuan e (1975) e Relph (1979), é por primazia o centro de significância construído pela vivência e pela experiência do espaço, o indivíduo e suas construções intersubjetivas não podem ser semeadas, crescerem e florescerem em meio amorfo, pelo contrário, só são de tal forma e por tal definição devido a umbicalidade entre os indivíduos e seus lugares de referência. Provavelmente, neste ponto-chave reside a dificuldade existencial na experiência migrante, devido ao deslocamento deste pivô de expressão e construção do indivíduo enquanto sujeito no mundo (BUTTIMER, 1982). Ao deixarmos nosso “lar”, aquele ambiente no qual estávamos acostumados a vivenciar e compreender suas limitações e funcionalidades, deixamos também parte de nós naquele lugar, parte que só pode viver ali, daquela forma. Essa estrutura é caracterizada como Conceito da Segurança Existencial, apontada por (MARANDOLA JR, 2008).

Já foi mostrada a dependência entre lugar e sujeito para a ocorrência plena de um no outro, entretanto, o que mantém essa estrutura funcionando é a chamada Segurança Existencial, apontada por Marandola Jr. (2008). Nela, o lugar é tido como base primária da existência humana, sob a qual nenhum indivíduo pode viver ausente. Ao mesmo tempo, o sujeito necessita atuar sobre essa base, atuando e transformando-a enquanto esfera de existência. Há uma interdependência forte entre o lugar e o sujeito, mantida pela estrutura de segurança existencial, sendo esta fundamental e concomitante a condição da existência humana.

Para Marandola Jr. (2008), a segurança existencial é a sensação de preservação na vida, dotada de um significado que lhe garante existência. Assim, os fatores externos, sendo o principal deles o lugar, e os fatores internos, como o sentimento de identidade, alteridade e compreensão das alterações possíveis são importantes para manter a estrutura deste conceito. As pessoas necessitam desta segurança para manter a autoestima e controlar alterações psicológicas que possam ocorrer, como a depressão, síndrome do pânico ou ansiedade.

Considerando o conceito de segurança existencial e o ser migrante, pode-se apontar uma interdependência frágil entre o sujeito e o lugar, tornando-o vulnerável e suscetível a

perder o significado da sua vida e do seu movimento migratório, ao não encontrar mais necessidades naquilo, como ocorre com Carlinhos, o caso específico deste estudo. Sua trajetória migrante para a América do Norte foi cercada de angústia, desconforto e insegurança, mesmo que rodeada de possibilidades e descobertas. Para ele, não havia mais sentido na sua existência enquanto sujeito fora do seu recanto, ausente do lugar que o construiu enquanto indivíduo, por isso o desejo iminente de regresso.

Como dito por Bálamo (2009): “Migrar não é um simples transitar entre lugares, mas transferir-se entre eles com todas as implicações que isso ocasiona”. Inclusive, pode-se discutir um pouco sobre como as ferramentas de comunicação e seus avanços tecnológicos permitiram um menor descolamento com essa existência local. No caso de Carlinhos (autor da fita estudada), o envio das fitas e a possibilidade de consumo de música e novelas brasileiras lhe davam certo afago quanto à distância física. Eram nesses pequenos momentos de “brasilidade” que ele buscava se encontrar novamente e seguir naquele ambiente tão diverso. As redes sociais hoje oferecem uma maior facilidade em acessar as informações dos mais variados locais são uma forma que imigrantes alcançam o Brasil mesmo a muitos quilômetros daqui, possibilitando uma multipertencença, uma hipermobilidade e um transnacionalismo. (MARANDOLA JR, 2008)

A multipertencença, outro conceito abordado por Marandola Jr. (2008) é pautado em como os indivíduos migrantes buscam romper com as dificuldades de inclusão e aceitação identitária, na tentativa de um pertencimento que seja múltiplo. O ser migrante, em suas multiplicidades de redes possíveis, mantém laços afetivos e identitários entre os indivíduos e os grupos dos quais participou/participa, mesmo que distante dos seus locais de origem, estando em contato com amigos e familiares, ao mesmo tempo em que adquire um novo contato com indivíduos do seu local receptor, com uma possibilidade de ampliação de características culturais e interpessoais, diversificando as possibilidades de experiência e a sua identidade como um todo, sendo uma forma “híbrida” de existência translacional.

Ao sair de Mantenedópolis e ir para o exterior, Carlinhos passa por uma experiência complexa que abrange diversos aspectos sociológicos. A ideia de pertencer a múltiplos grupos, como abordada por Marandola Jr (2008), é essencial nesse cenário pois Carlinhos procura não só se adaptar ao novo local, mas também manter laços emocionais e identitários com sua comunidade de nascimento. Isso leva a uma vida "mesclada", na qual ele se engaja com diversos grupos e culturas, aumentando suas vivências e sua identidade.

Já a hipermobilidade é intrínseca à relação migrante-lugar receptor, permitindo a ocorrência mais intensa da multipertencença. À medida que este indivíduo migrante se torna

mais possibilitado para frequentar e compreender as diferentes facetas culturais e identitárias de certos lugares, ele adquire características que outrora não lhe pertenciam e silencia outras que lhe eram comuns. Obviamente que este tipo de situação gera desgastes e choque interno das intersubjetividades por ele compostas.

A capacidade de adaptar e entender as diferentes facetas culturais dos lugares que Carlinhos frequenta revela sua hipermobilidade. Essa intensa movimentação e interação com diversas realidades culturais ajudam a construir sua identidade múltipla, porém também podem causar conflitos ao confrontar visões de mundo e identidades divergentes.

Sua extrema flexibilidade indica a força de seus contatos e deslocamentos em variados ambientes culturais. Isso impacta de forma direta a vivência migratória dele, já que ele não apenas se ajusta aos novos ambientes, mas também integra aspectos dessas culturas em sua própria identidade.

Por fim, o transnacionalismo está em conformidade com os dois conceitos apresentados anteriormente e remete à forma pela qual a associação entre local de origem e local de destino permite diferentes meios de inserção do indivíduo migrante no lugar receptor, não deslocando-o completamente do seu lugar abrigo, facilitando assim suas capacidades de assimilação e adaptação cultural.

Jeff Malpas, no artigo *Place and Human Being* disserta sobre como há um fundamento antrópico na existência dos lugares, ao mesmo tempo em que torna realmente humanos aqueles que desfrutam das suas capacidades e possibilidades. Num movimento síncrono, o indivíduo humaniza os lugares de vivência e é humanizado pelas formas e disposições que estão presentes neste lugar. Portanto, a lugaridade é fundamental nas experiências humanas e na sua vida em geral. (MALPAS, 2008)

“Um lugar é um centro de ação e intenção, ele é 'um foco onde nós experimentamos os eventos significativos de nossa existência'. De fato, eventos e ações são significativos somente no contexto de certos lugares, e ganham tonalidades e são influenciados pelo caráter desses lugares, ainda que contribuam para esse caráter... Os lugares são os contextos ou panos de fundo para objetos intencionalmente definidos ou para grupos de objetos ou eventos, ou podem ser, eles mesmos, objetos da intenção. No primeiro caso pode-se dizer que toda consciência não é meramente consciência de algo, mas de algo em seu lugar, e que esses lugares são em grande parte definidos em termos dos objetos e de seus significados. Como objetos propriamente ditos, os lugares são essencialmente focos da intenção, têm geralmente uma localização fixa e possuem traços que persistem de uma forma identificável. Tais lugares podem ser definidos em termos das funções a que servem ou em termos da experiência comunitária pessoal [...]” (RELPH, 1976, p. 42-43).

Na obra *Place and Placelessness*, de 1976, Relph aborda os conceitos de lugaridade e deslugaridade, como visto anteriormente na definição de lugar na perspectiva humanista. As lugaridades seriam o “sentido” do lugar em si, aquilo que o configura como existência eventual, ou seja, independente das materialidades, mas daquilo que se pode realizar a partir e com elas, permitindo o habitar de diferentes modos (MARANDOLA JR, 2020). Os lugares sem lugaridades seriam, neste sentido, lugares dotados de uma padronização espacial tamanha que resultaria numa correspondência nula em sua lugaridade, tornando ausente assim seu significado por meio de atitudes inautênticas que pouco ou nada sugerem do contexto que se estabelecem e das pessoas que vivem nelas (RELPH, 1976).

“Quanto mais pobre é um país e quanto mais é dominado (entende-se com isso: quanto mais é forçado a oferecer a seu parceiro vantagens políticas e vantagens substanciais), mais vantajosa é, em todos os sentidos, a imigração oriunda deste país” (SAYAD, 1998, p.238)

Observar o fenômeno migratório pela metodologia fenomenológica, sem esquecer dos aspectos espaciais fundamentais na experiência analisada são importantes na compreensão da experiência corpórea e das vivências intersubjetivas dos migrantes. A percepção individual toma valor único nesta análise, uma vez que conjuga e configura as facetas que serão vistas, compondo o panorama da migração por um ponto pouco explorado. As intencionalidades, no sentido dos desejos, sonhos e frustrações que são inerentes ao processo migratório e compõem o “êxito” ou “fracasso” da migração em si.

“ A percepção é uma modalidade original da consciência. O mundo percebido não é um mundo de objetos, como o concebido pela ciência, no mundo percebido, não há apenas matéria, mas, também, forma. Assim, toda percepção se apresenta dentro de um certo horizonte e no mundo.[...] Tal concepção não é somente psicológica e o mundo percebido é ofundo sempre pressuposto por toda racionalidade, todo valor e toda a existência. “ (MERLEAU-PONTY, 2000, p.137)

Outro autor que contribuiu para as discussões fenomenológicas acerca da migração internacional foi Gastón Bachelard. Mesmo que o referido autor não disserte diretamente sobre a migração enquanto fenômeno, ele explora de forma filosófica a relação intimista entre os espaços físicos disponíveis e a experiência perceptiva humana. De início, pode-se descrever a sua importância no texto ao apontar para como o elemento fantasioso de se imaginar uma nova realidade possível permeia e transmite movimento ao indivíduo migrante, para romper com seu sentido de “casa” e avançar rumo a um destino incerto. Bachelard diz: “Imaginação é uma realidade mais do que a realidade [...] É uma dimensão irredutível da existência humana” (BACHELARD, 1993, p.12). Tal citação demonstra a noção fundamental

da imaginação para a compreensão e vivência de fato dos espaços que se tornam tão necessários para o ser migrante. Ao conceber e idealizar um novo espaço de destino, uma nova “morada”, o migrante carrega expectativas, esperanças e aspirações quase que únicas para este local de chegada.

(BACHELARD, 1993, p. 24) analisa também a casa como o primeiro universo no qual pertencemos, aquele espaço de segurança, acolhimento ou solidão. A casa aparece como um “gerador de sonhos” para aqueles que a habitam, dotando-lhes de uma estabilidade impossível de se encontrar fora dela. Poderemos viver em várias casas, mas a primeira é especial. Ela estará incrustada no nosso inconsciente com uma força única, com a lembrança de infância, com nosso desenvolvimento e como fomos criados para enxergar o mundo. Dentro desta casa descobrimos por ações e objetos o que é o ato de habitar.

Outra forma de se imaginar a casa, segundo sua centralidade, é compreendê-la no seu sentido mais primitivo, como uma cabana. Nela observamos a simplicidade da sua forma mais pura, onde as solidões e compartilhamentos se tornam odes às lembranças mais íntimas e resguardadas dentro de si, sendo um grande “centro de devaneios” (BACHELARD, 1993, p. 56)

Para o migrante, observar a dualidade da casa como um espaço de afetos e intimidades, que possibilita ser a pista de decolagem para sonhos maiores, ao mesmo tempo em que a casa também é o receptáculo do pertencimento e das memórias mais arraigadas para um indivíduo, onde sua segurança existencial (MARANDOLA JR, 2008) é preservada e seu conhecimento daquilo vai além do conhecimento estético e material.

“Todas as coisas pequenas exigem vagar. [...] É preciso amar o espaço para descrevê-lo tão minuciosamente como se nele houvesse moléculas de mundo, para enclausurar todo um espetáculo numa molécula dedesenho” (BACHELARD, 1993, p. 167)

Já Eric Dardel auxilia este texto ao buscar compreender como a geograficidade por ele proposta pode contribuir para uma apreensão mais densa das experiências dos indivíduos, neste caso dos indivíduos migrantes. Por geograficidade, Dardel afirma ser a capacidade inerente aos indivíduos de se localizarem no espaço, de construir pertencimento a um lugar e de lapidar uma relação intimista com o espaço no qual estão inseridos. Além disso, ele abrange os aspectos materiais e imateriais do espaço, denominando-os como significadores do espaço, dotados da aptidão de representação humana.

Conforme exposto por Dardel (1952), o mundo é compreendido através das experiências pessoais e daquelas vivenciadas pelos outros, formando uma vasta rede de

representações que se estendem como uma extensão da existência humana. Nessa rede, os seres humanos são atuantes e construtores ativos do espaço, reforçando as relações entre sujeito e mundo. Dentro do fenômeno migratório, torna-se inequívoco que este movimento não é apenas um deslocamento físico entre corpos, mas uma marcha emocional e sociocultural para novos horizontes. A Geograficidade também enfatiza a corporeidade na experiência do espaço que, para o ser migrante, são ferramentas cruciais para sua adaptação no novo mundo que o rodeia. Os aparelhos sensoriais do corpo, juntamente com as sensações mentais permitem a construção de significados e vínculos com os lugares, permitindo ao ser migrante gerar histórias e conexões afetivas com os espaços por onde passam.

Outro aspecto de relevância é a transformação da dinâmica espacial ao longo do trajeto da migração. O indivíduo migrante encontra muitas vezes com diferenças paisagísticas, linguísticas, arquitetônicas e culturais consistentes, o que força este sujeito a reconstruir as suas experiências espaciais e as percepções possíveis através delas.

5. DA FENOMENOLOGIA À SOCIOLOGIA: UMA PONTE ENTRE MERLEAU-PONTY E BERNARD LAHIRE

Como base, escolheu-se algumas obras acerca do pensamento de Merleau-Ponty, desde escritos autorais do escritor francês, até textos com leituras sobre alguns dos conceitos fundantes de sua obra, com enfoque no sentido de corporeidade. Pela importância de tais conceitos para o decorrer deste trabalho, foi demandada uma leitura mais cuidadosa e detalhada que possibilitasse uma estruturação teórico-metodológica que pudesse se desenvolver mais a frente, quando se relacionasse com o fenômeno migratório sob o prisma da geografia.

Além disso, a revisão de literatura apresenta brevemente a Sociologia em Escala Individual, de Bernard Lahire e seus aspectos principais que também foram importantes na compreensão da migração internacional e suas relações intrínsecas com o corpo.

Também disserta-se sobre alguns tópicos importantes no campo da Geografia Humanista que auxiliaram na convergência entre as características presentes no pensamento filosófico e geográfico. Estes autores e autoras apresentam uma diversidade de conceitos e explicações que dialogam intimamente com os escritos de Merleau-Ponty, solidificando entendimentos e ampliando o *hall* de nexos da temática da migração com a Geografia, visto que esta é a real finalidade deste estudo.

Começaremos por Merleau-Ponty e sua obra, dada a sua relevância frente a este estudo.

5.1 Merleau-Ponty: da fé perceptiva ao corpo-mundo

Em Merleau-Ponty encontramos uma abordagem unívoca da corporeidade humana, visto que dispomos do corpo como a principal forma humana de se conectar com o mundo e interagir com ele. Assim, o autor francês busca descrever a percepção corpórea como uma experiência contínua e localizada, uma vez que este corpo foi construído e reside em determinada localização. É através de nosso próprio corpo que nos tornamos capazes de compreender o mundo ao nosso redor., pautando nossa existência, nossas percepções e nossas ações em certos acontecimentos.

A migração internacional, enquanto fenômeno de análise sob a abordagem fenomenológica, envolve a percepção e a experiência do indivíduo migrante e a sua inserção num novo contexto socio-cultural e lugarístico. As diversas vivências que estes sujeitos dispõem, o modo em que seus corpos são cobrados e reagem a esses estímulos, seu processo de transição e a capacidade ou não de se adaptar ao lugar receptor.

A migração é a movimentação de indivíduos de uma localidade para a outra, que pode ser motivada por uma variedade de fatores (sociais, ambientais, econômicos, políticos, etc), podendo ter uma variação de escalas no espaço tempo, desde uma migração pendular ou uma migração sazonal, até uma migração internacional. Neste estudo, focaremos nas migrações internacionais.

Ao migrar, o ser migrante sofre diversas mudanças na sua vida, se adaptando a novos ambientes e novas relações sociais, colocando aspectos da sua própria identidade em cheque. A ideia é compreender quando a percepção e as experiências intersubjetivas do indivíduo migrante vão sendo alteradas e movimentadas em concomitância com a interação com os novos ambientes, numa mutabilidade vívida dos processos sociais e das percepções que só o indivíduo migrante pode ter.

Além disso, a abordagem da migração pela fenomenologia permite observar como a percepção do espaço e do tempo dos migrantes é alterada ao se deslocarem para realidades diferentes, há uma cisão de sua segurança existencial, tornando-o deslocado da sua cultura, tradições e hábitos rotineiros na sua localidade origem. Como lidar com este novo mundo, mesmo que meu corpo e minha mente estejam programados para a lógica anterior? Como interpretar a elaboração de um senso de comunhão ou de afastamento frente às experiências outrora vividas? Como redefinir o significado de “casa” e de “pertencimento”, estando tão distante das realidades que o constituíam?

Para iniciar a conversa, recorre-se à definição de fenomenologia presente em Paula (2011, p. 115), a fim de pontuar de forma genérica os princípios desta base filosófica.

De certa maneira, a Fenomenologia se desenvolve enquanto sistema filosófico a partir da constatação de que qualquer conhecimento humano (mesmo o que se propõe objetivo e/ou neutro) é estreado no modo como somos/estamos/vivemos o mundo: este é um conhecimento experiencial, intuitivo, originado da vivência. Nosso conhecimento do mundo (nossa experiência) é constituído por fenômenos, os quais são o encontro entre uma estrutura de significados do sujeito e o horizonte material, os objetos, as coisas, as outras pessoas do mundo. Todo conceito, categoria, reflexão, concepção, ideário é orientado por este conhecimento experiencial. E todo fenômeno tem em sua base a experiência concreta que temos do mundo.

Diversos fenomenólogos foram primordiais para calçar os caminhos que a Geografia Humanista outrora resolveu trilhar, observando o mundo e seus componentes para além das materialidades. Husserl e Heidegger são exemplos importantes de filósofos que embasaram esta vertente do pensamento geográfico (MARANDOLA JR, 2012). Entretanto, há outro filósofo que foi deixado de lado, discutindo pouco acerca da sua epistemologia e suas interligações com os estudos da Geografia, como aponta Souza (2012, p.16): “Dos principais autores da fenomenologia, a partir de Edmund Husserl, Merleau-Ponty é o que menos se discute a respeito de sua epistemologia na Geografia”. Este autor francês desenvolveu um modo de conceber a filosofia fenomenológica, associando-a ao rompimento das dicotomias predominantes na ciência moderna, exercendo este rompimento principalmente nas obras: *Fenomenologia da Percepção* (1945), *O olho e o espírito* (1960) e *O visível e o invisível* (1964). Desta maneira, pares como corpo e espaço se tornaram, segundo Ponty, uma entidade única e indivisível, fazendo com que as experiências corporais, na visão do filósofo, fossem também experiências espaciais. Este ponto prepara os princípios para alguns autores da vertente humanista da geografia, permitindo-os compreenderem as percepções espaciais por meio das percepções corpóreas. Assim, segundo Merleau-Ponty (1999, p.276): “A percepção exterior e a percepção do corpo próprio variam conjuntamente porque elas são as duas faces de um mesmo ato”. Por este corpo pontyano, percebe-se e pode ser percebido pelo mundo, tornando este mundo um conjunto de percepções intersubjetivas, intencionais e temporais, denominando-o como corpo fenomenal. Esta percepção seria formada a partir de atos intencionais, decorrentes de uma consciência que se expressa por meio das experiências intersubjetivas vividas, possibilitando ao sujeito não apenas se colocar em contato com os objetos que o rodeiam, mas caracterizá-los diante daquilo que se apresenta ao indivíduo. Merleau-Ponty (1999, p.469) afirma que “O acontecimento fisiológico é apenas o esboço abstrato do acontecimento perceptivo”. O espaço pontyano pode ser interpretado sobre três

pontos de vista: o espaço espacializado (que pode ser considerado como o espaço natural), o espaço espacializante (lido como espaço antrópico), e como experiência de espaço (que seria o que mais importaria dentro da análise da realidade, em especial no contexto da Geografia Humanista) (LIMA, 2007). Contudo, este espaço é dotado de uma temporalidade, que exprime suas virtudes e as pressupõe além de uma composição cronológica. A temporalidade merleau-pontyana constroi numa relação direta entre o tempo e a subjetividade, enunciando que o tempo é o sentido das nossas vivências e só se faz presente pois os sujeitos estão situados nele e submetidos a sua direção. Portanto, nós também “somos” o tempo, ao participarmos efetivamente tanto do passado, do presente e do porvir. Por meio da nossa presença no mundo objetivo, somos capazes de representar acontecimentos de forma abstrata, dentro de uma única ordenação. Isso nos permite um deslocamento nesta temporalidade fenomenal, considerando a si e ao outro, como podemos observar na citação abaixo.

“é pelo tempo que pensamos o ser, porque é pelas relações entre o tempo sujeito e o tempo objeto que podemos compreender as relações entre o sujeito e o mundo” (MERLEAU-PONTY, 1999, p.577)

A unidade entre corpo e espaço proporciona uma conjuntura específica numa lógica espaço-temporal, orientada pelos modos do ser. Merleau-Ponty esmiúça os modos do ser, separando-os em ser em si e o ser para si. O ser em si é aquele limitado apenas aos estudos dos objetos estendidos, já o ser para si é aquele que rompe o campo físico e alcança os requisitos da consciência, unindo os campos do fenômeno e do mundo material.

Diante deste panorama apresentado acerca da epistemologia de Merleau-Ponty, se estabelece como respaldo para uma geografia que se pautar em bases fenomenológicas, sendo uma das possibilidades. O passo fenomenológico ocorre quando geógrafos e geógrafas utilizam desta visão perceptiva e humanista para com as categorias de análise da geografia, principalmente como resposta ao predomínio de uma ciência geográfica objetivista, racionalista e instrumentalizada. (PEREIRA; CORREIA; OLIVEIRA, 2010). Nesta nova visão, o homem toma um protagonismo sentimental, guiado por símbolos e singularidades que o permitem observar o mundo percebido, dotando-o de significados para além daqueles comumente aplicados na academia. Como podemos ver na citação de (PAULA, 2011).

Assim, o principal pressuposto da Geografia orientada pela Fenomenologia é de que existem conhecimentos e práticas geográficas (experienciais) anteriores à Geografia enquanto disciplina acadêmica. A tarefa é compreender essas dinâmicas socioespaciais a partir dessa geografia experiencial. (PAULA, 2011, p. 116)

Na obra “O visível e o invisível” de 1964, publicada postumamente, Merleau-Ponty irá apontar críticas à ontologia do ser e do nada em Sartre, propondo uma retomada da noção kantiana de grandeza negativa.

Inicialmente, Ponty questiona o que seria o mundo em que vivemos, e como suas diferentes visões podem se tornar verossímeis ou falseáveis a partir dos pontos de vista. Na medida em que os indivíduos buscam identificar e compreender o seu sentido de ser no mundo, observaria a importância do corpo e suas possibilidades dentro dessa percepção e assim se entenderia que a relação entre as coisas e o meu corpo é única, singular e que emerge da própria experiência corpórea. Somente nessas relações estabelecidas que somos possibilitados ou não de perceber certos fenômenos.

Entretanto, não podemos afirmar, como se vê no texto *O primado da percepção e suas consequências filosóficas*, de 1946 que a percepção não se encontra restrita ao “eu”, muito menos projetada apenas no mundo. Há uma mutualidade que transita entre processos de alteridade estabelecidos, modificando as construções perceptivas das diferentes visões de mundo. Assim, não só a forma do corpo próprio mas das outras diversas pessoas que estão ao redor compõem a vasta experiência perceptiva possível, ainda que em mundos distantes. Como afirma Merleau-Ponty: “Então, é mesmo verdade que os ‘mundos privados’ se comunicam entre si, que cada um deles se dá a seu titular como variante de um mundo comum” (MERLEAU-PONTY, 2000, p.23)

Para ele, o mundo sensível foi formado anteriormente ao pensamento, uma vez que o primeiro é visível e o segundo é invisível e lacunar. Remontando ao pensamento de Descartes, Ponty aponta que a ciência moderna caminha na direção de solucionar as questões propostas por meio do pensamento, buscando tornar a realidade cada vez mais transparente e inerte frente aos indivíduos, apontando relações de causas e consequências quase que universais. Em contrapartida a essa orientação, ele propõe um redirecionamento para as experiências sensíveis (que serão inclusive melhor apresentadas na obra *O Olho e o Espírito*), valorizando a participação do corpo enquanto único receptáculo da sensibilidade possível ao ser humano, pautando o mundo com características próprias e olhar verdadeiro, como um artista que enfeita de mundo a branca tela do seu ateliê. Portanto, este seria o visível como parte de um mundo sentido por um ser, imbricado nele como tatuagem marcada na pele. O corpo não seria apenas aquilo que se estuda, mas o vínculo vivo por excelência com toda a natureza circundante.

Metodologicamente, é a cisão clara entre um ser-em-si e um ser-objeto que o autor francês tanto questiona ocorrer. As percepções e as imaginações são maneiras possíveis de

pensar, uma vez que causa reflexos na forma do pensamento do mundo enquanto concepção e enquanto existência. Como afirmado por Merleau-Ponty: A percepção é o pensamento de perceber quando é plena ou atual (MERLEAU-PONTY, 2000, p.39)

Cabe à ciência rejeitar a existência de uma relação exterior entre aquilo que percebe e aquilo que é percebido, mantendo-se apenas na esfera do pensamento perceptivo e das coisas pensadas em si, num estabelecimento dual entre uma formação dos indivíduos e dos mundos. Quando se limita a percepção meramente ao pensamento de perceber, visando maior veracidade e confiabilidade é na visão do autor negligenciar as possibilidades múltiplas de se conhecer o mundo de verdade em troca de fugazes garantias que nunca irão tatear a existência do próprio mundo. (MERLEAU-PONTY, 2000)

A percepção se encontra enquanto “inspeção do espírito”, reduzindo nosso contato e experiência com os seres à sua realidade plausível e concreta. Para Ponty, temos considerado erroneamente o real e o imaginário como dois pontos distantes, distintos e desconexos. O caminho para ele deveria ser compreender as fragilidades do real por meio do imaginário, como delimitação de caminhos possíveis.

“Cada percepção é mutável e somente provável; isto é, se quisermos não passa de uma opinião; mas o que não o é, o que cada percepção mesmo falsa verifica é o pertencimento de cada experiência ao mesmo mundo, seu poder, qual de manifestá-lo, a título de possibilidades do mesmo mundo”. (MERLEAU-PONTY, 2000, p.49)

Desta forma, Ponty afirma estar fora de questão a existência de um mundo deslocado das consciências intersubjetivas do mundo. Todos os indivíduos estariam, segundo o autor, unidos por um “intermundo”, como uma espécie de mundo verdadeiro oriundo da matéria concreta que observamos na realidade e capaz de obter inúmeras significações possíveis de “mundo”. Como resposta a essa dita variedade de mundos disponíveis, a ciência molda reflexões padrão e busca incessantemente esvaziar as intersubjetividades e torná-las dispensáveis dentro da perspectiva acadêmica. “O que vejo não é meu, no sentido de um mundo privado” (MERLEAU-PONTY, 2000, p. 64)

Cada vez mais as estruturas científicas se encontram construídas sobre a égide da razão, com base no racionalismo de Descartes. Ponty anuncia que a fé perceptiva enquanto constituição humana vai na contramão desse pensamento majoritário, baseado no campo metafísico dos sentidos e sensações. Por isso, a essência das coisas apenas seria encontrada à medida que houvesse uma purificação da noção de subjetividade, inclusive na leitura do mundo. O mundo em si seria compreendido menos pelo o que “eu penso” e mais pelo o que “eu sou”, se aproximando da minha própria existência, sendo a função primordial do filósofo

questionar sempre que possível a fé perceptiva. Entretanto, este mundo não sou eu, nem pelo o que me apego, mas é por excelência uma extensão do meu corpo. Posso afirmar que sou o mundo. (MERLEAU-PONTY, 2000)

O ser deve ser considerado uma negatividade (dentro da noção kantiana³ de grandeza negativa), não como negação do “eu” individual, mas como uma força oposta a outra ainda que de caráter positivo. Já o mundo, este sim é tido como positividade, por ser a esfera da experiência e percepção humana que se encontra no movimento e reestruturação constante.

O ser encarnado, para Merleau-Ponty, é a consideração indissociável entre o mundo e o sujeito, como partes de um mesmo todo, composto e compositor. A existência de um indivíduo cabe nas relações possíveis entre seu corpo e o mundo, por meio das percepções e sensações. Merleau-Ponty (2000, p.157) afirma: “Meu corpo é um objeto entre os objetos, mas também o sujeito que percebe os objetos”.

Esta forma de encarar a ontologia do ser rompe com a formação e a dualidade cartesiana, na cisão completa entre sujeito e objeto. Merleau-Ponty critica esse pensamento ao considerá-lo uma generalização extrema da realidade, tornando-a ausente das conexões e complexidades entre o mundo e seus objetos.

Por meio da carne, como corpo vivo e dotado de sentidos e sensações, realizamos no inconsciente reações e reflexos que indicam intencionalidades presentes em nossos atos e percepções. Dado que o corpo é a forma raiz da experiência humana e seu contato com outros corpos lacunas que se locupletam, temos um indivíduo que se constitui no cotidiano e no contato entre seres. À medida que interagimos com outras pessoas, também dotadas de sentir e experienciar, abstraímos deles a objetificação e qualificamos sua capacidade em compreender subjetivamente a realidade, tudo isso por meio de um “corpo comum”. Por corpo comum, disserta-se sobre a nossa possibilidade enquanto seres humanos de enxergar nos outros indivíduos potencialidades que observamos em nosso próprio corpo. Assim, Merleau-Ponty afirma que mesmo o mais autônomo e deslocado dos sujeitos foi e é construído pelas relações intersubjetivas e interpessoais na sua personalidade, principalmente por meio da mente.

³A grandeza negativa é um conceito filosófico proposto por Kant na obra “Crítica da Razão Pura”, de 1781. Para o autor, é impossível compreender o conhecimento humano em sua totalidade, pois as nossas experiências do mundo são incompletas e muitas vezes incompreensíveis. A grandeza negativa nasce no momento em que tomamos consciência da nossa incapacidade de abranger todo o conhecimento humano e assimilar que a razão humana alcança apenas a esfera do mundo fenomênico, sob o qual aparece aos sujeitos por meio das percepções. Portanto, o ser pontyano também não aprenderia a completude das esferas humanas possíveis e se limitaria apenas às percepções corpóreas dos fenômenos disponíveis no mundo (KANT, 2001).

Portanto, toda e qualquer forma de conhecimento é nascedoura da experiência, não sendo um objeto isolado e capacitado de uma racionalidade pura, mas sempre solidificado na corporeidade e nas relações de afeto com o seu redor.

“Se há um outro, por definição não posso instalar-me nele, coincidir com ele, viver sua própria vida: vivo somente a minha. Se há um outro, ele nunca é para meus olhos um para-si, no sentido preciso e dado em que sou para mim mesmo” (MERLEAU-PONTY, 2000, p.82)

Ao não sermos capazes de compreender o outro em sua plenitude, restringimos de fato a alteridade do processo de percepção dos fenômenos, possibilitando a este outro sê-lo completamente. A percepção teria quatro termos fundamentais: meu ser para mim, meu ser para outrem, o para-si de outrem e seu ser para mim.

Merleau-Ponty diz que: “ Não nos perguntamos se o mundo existe, perguntamos o que é para ele existir” (MERLEAU-PONTY, 2000, p.97). Essa frase indaga se haveria uma ordem de concepção perceptiva da realidade, sobrepujando a compreensão e percepção do ser sobre o pensamento lógico organizado.

As visões de mundo estão relacionadas à existência do ser no mundo, num movimento síncrono à existência do mundo no ser, ou seja, o observador pertence e está inserido no mundo que observa.

“Cumpre compreender a percepção como esse pensamento interrogativo que deixa ser o mundo percebido em vez de pô-lo, diante do qual as coisas se fazem e se desfazem como uma espécie de deslizar aquém do sim e do não” (MERLEAU-PONTY, 2000, p.102)

A fé perceptiva é gerada, segundo o autor, por uma capacidade humana na necessidade de se acreditar em algo fundamental, ou seja: “ Se existe alguma coisa, e cabe somente saber se é verdadeiramente este espaço, este tempo, este movimento, este mundo que acreditamos ver e sentir” (MERLEAU-PONTY, 2000, p.106). O ato fundante da fé perceptiva encontra-se na renúncia das afirmações e das dúvidas, tornando o indivíduo um todo sensorial que se abstém de prerrogativas outrora impostas e fixa sua noção de mundo no próprio indivíduo, legitimando assim a sua existência unívoca nas essências subjetivas.

Essas essências seriam o sentido intrínseco ao ser, necessidades primordiais que permanecem, independentemente do contexto no qual estejam inseridas ou misturadas . Como uma substância imiscível, a essência permanece intacta seja em que situação apareça. Por ser determinada, a essência não é uma escolha livre do indivíduo, pelo contrário, é uma determinação posta pelos meios e pelos incentivos dispostos no ambiente em que se encontra.

“Resumidamente, não há uma essência, uma ideia que não se atenha a um domínio de história e geografia, não que esteja nele encerrada, e inacessível para os outros, mas porque o espaço ou tempo da cultura, como da natureza, não são sobrevoáveis,

e a comunicação de uma cultura constituída com outra se faz por meio da região selvagem onde todas nascem” . (MERLEAU-PONTY, 2000, p.114)

A fé perceptiva parte de uma descrição da experiência ingênua, aquela anterior à compreensão de fato, sendo composta por duas dimensões: a janela para o mundo e o encobrimento ontológico. Dado que o corpo é o modo de acessar e de se afastar do próprio mundo, o indivíduo enquanto sujeito perceptivo crê atingir o mundo plenamente, mesmo que tal percepção não passe de aparências irreais. Portanto, o corpo alcança as coisas mesmas e as ilusões utópicas.

A consciência perceptiva é o substrato de todos os atos subjetivos e a responsável pela capacidade de “distinguir” o que é verdadeiro ou sonho. É pela percepção que estabelecemos nossa relação com o ser (como aquilo que se manifesta no campo fenomênico), limitando aquilo que é próximo ou distante no que se refere ao mundo.

O mundo não está lá, frio, ausente e insensível. É a forma viva que se encontra atrás do meu próprio corpo, pautada pelas minhas experiências, percepções e sensações, definindo-o enquanto esfera da realidade existente. Portanto, não há duplicidade entre o ser e as coisas que o rodeiam. “O mundo e eu somos um no outro, e do *percipere* ao *percipi* não há anterioridade, mas simultaneidade ou mesmo atraso”, é o que afirma Merleau-Ponty (2000, p.121)

O objeto é tudo aquilo que há nele, mas ao mesmo tempo é esvaziado de fato. A visão é o que o circula, mas não limita o meu enxergar. Assim, o mundo não é visto do nada, mas de todos os lugares e tempos possíveis, inclusive da não observação.

Segundo Merleau-Ponty (2000) a experiência perceptiva pode ser lida enquanto encobrimento do ser, de modo que o corpo não é uma instituição absoluta e sempre assertiva. A partir da corporeidade, o sujeito pode criar pseudo mundos imaginários, ainda que calcados na estrutura material.

Uma vez que o ato perceptivo é possível de compreender apenas parcialmente a existência das coisas, cabe ao sujeito ampliar seus pontos de vista na tentativa de observar outras facetas presentes nos fenômenos, delimitando-os como campos de exploração admissíveis. Tal senso exploratório seria a confirmação da possibilidade de haver uma natureza ilusória na ação de perceber, pois, desta maneira, a ilusão se configura como informação atípica, descolada de uma lógica intersubjetiva predominante (FERRAZ, 2009).

“Na visão, ao contrário, apoio meu olhar em um fragmento da paisagem, ele se anima e se desdobra, os outros objetos recuam para a margem e adormecem, mas não deixam de estar ali”.(MERLEAU-PONTY, 1999, p.104)

Na busca de reduzir esta dimensão idealista, deve-se expandir o leque de horizontes conjunturais para certo fenômeno, indagando tal percepção na tentativa de torná-la o mais fidedigna possível, ainda que toda percepção é pressionada pela ação do tempo e passível de revisão com o acréscimos de novas experiências.

“Ver é entrar em um universo de seres que se mostram, e eles não se mostrariam se não pudessem estar escondidos uns atrás dos outros ou atrás de mim”.
(MERLEAU-PONTY, 1999, p.105)

Assim, chegamos ao paradoxo da fé perceptiva (FERRAZ, 2009), que será descrito no esquema abaixo:

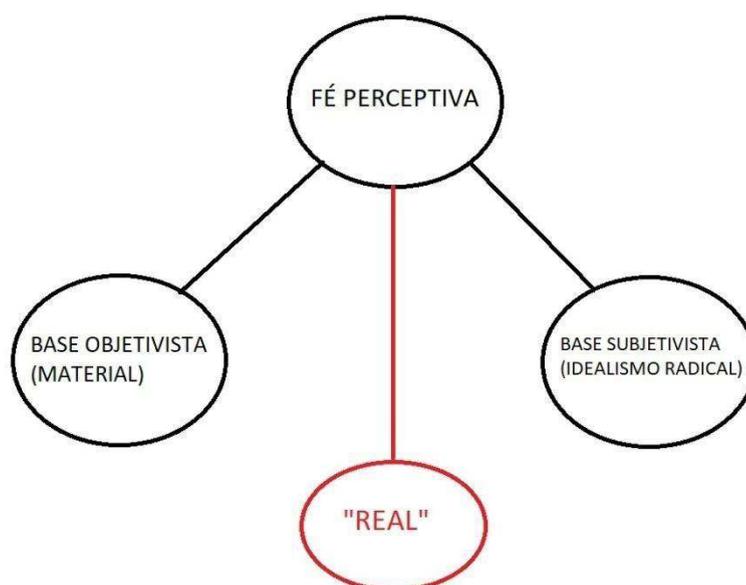


Imagem 1: A FÉ PERCEPTIVA E A CONSTRUÇÃO DO REAL

Autor: Guilherme Figueira Gomes Augusto

Embasado em: (FERRAZ, 2009)

O paradoxo da fé perceptiva consiste na leitura de como os indivíduos constroem e observam a realidade. Para alguns, a realidade encontra-se apenas na base objetivista sob a qual os fenômenos do mundo são explicados e justificados por meio dos aspectos materiais circunscritos a tal fato. Para estes, o real deve manter seu caráter físico para legitimar sua existência plena, sendo desnecessários os aspectos intersubjetivos característicos dos indivíduos, dado que todos esses aspectos estão sob o subjugo do material.

Para outros, a realidade encontra-se numa base subjetivista, descrita por Ferraz (2009) como um idealismo radical, que explicaria a realidade enquanto multiplicidades arbitrarias, totalmente desvinculadas dos aspectos físicos. Assim, as percepções de mundo seriam intrínsecas aos indivíduos e independentes das suas temporalidades e espacialidades, como

noções características dos sujeitos que não sofrem influência alguma da disposição material constituinte.

Segundo Ferraz (2009), a fé perceptiva seria ancorada nessas duas bases, assim o conceito de “real” deveria levar em consideração tanto os aspectos materiais quanto os aspectos subjetivos. Para Merleau-Ponty, as materialidades não explicam por si a existência das multiplicidades intersubjetivas dentro de uma mesma estrutura física ou locacional. Essa intersubjetividade é de certa forma delimitada pelas disponibilidades materiais contidas em determinado espaço-tempo, ou seja, mesmo percepções imaginárias dependem de um substrato material estabelecido para serem construídas, havendo assim um número “limitado” de percepções possíveis para os sujeitos realizarem sobre determinados fenômenos. Ou seja, é possível

Portanto, o paradoxo se estabelece à medida que a realidade não se encontraria nos pólos extremos, mas no intermédio entre essas bases, postulando o “real” enquanto junção ativa da materialidade e da intersubjetividade. Este ponto é cabal na análise pontyana ao afirmar que ele rompe com a lógica material clássica, mas não a ponto de se tornar um idealista, construindo sua filosofia na intersecção entre estes campos.

Explicada a fé perceptiva, como ação inicial dos indivíduos para com a observação dos fenômenos, podemos chegar à fé reflexiva (MERLEAU-PONTY, 2000). A fé perceptiva possibilitaria os sujeitos a disporem da fé reflexiva, uma vez que o pensamento racional é posterior à experiência. Uma vez que a experiência por princípio não pode ser pensada e compreendida, ela seria desvinculada dos atos reflexivos que apenas ocorreriam num momento subsequente.

A reflexão é o próximo passo dentro das estruturas perceptivas (FERRAZ, 2009), portanto para a plena execução da fé reflexiva é necessária uma estruturação dotada de diversas intencionalidades subsidiadas pela vivência corporal, pela corporeidade.

Por meio do corpo, não só sentimos e percebemos o mundo, como somos capazes de explicá-lo com minúcias de detalhes que só são possíveis devido ao contato conjunto entre o ser e o mundo. A fé reflexiva é a síntese da experiência perceptiva enquanto esfera de pensamento de mundo e entrelaçamento entre formas e sujeitos, constituindo a visão do pensador sobre a existência enquanto ser. Assim, cabe aqui alongar a discussão acerca da fé perceptiva, adentrando no campo de base ontológica, que já foi introduzida mais acima do texto, mas necessita de um enfoque nas suas tratativas.

Anteriormente, viu-se que a fé perceptiva é o passo inicial dentro da compreensão de qualquer fenômeno. Neste momento, a discussão irá deslocar-se para como há na fé

perceptiva uma existência ontológica. Segundo Ferraz (2009), a base ontológica da fé perceptiva encontra-se sobre dois pontos fulcrais: a reversibilidade e a carne. O corpo e o mundo são partes de um todo, entes visíveis e tangíveis enquanto estrutura de percepção humana. Além disso, o corpo nunca está alheia do ser, uma vez que para na existência desse ser são fundamentais os aspectos sensoriais e sensíveis. A **reversibilidade** se estabelece como capacidade advinda do próprio corpo e inerente a sua constituição, portadora senciante do indivíduo.

Neste sentido, a relação dialógica entre corpo e mundo é o esteio que inibe a fé perceptiva de se tornar um fenômeno apenas da ordem do psíquico, idealizando materialidades de um mundo real. Para a ocorrência do ato de sentir, o sujeito demanda um grau de passividade em relação ao que o rodeia, o que configura o exercício da atividade senciante. Merleau-Ponty apresenta tal característica ao examinar o tato enquanto experiência corpórea, distinguindo os níveis de sentir em três patamares constituintes, que poderiam ser estendidos para outros aspectos sensoriais (MERLEAU-PONTY, 2000).

O primeiro seria a apreensão das qualidades táteis, ou seja, a capacidade sensorial de distinguir as coisas enquanto sua forma. Segundo, há uma passividade do corpo com os objetos do mundo, como um tocar das coisas sobre nós. Esse ponto relembra que o indivíduo também é um ente participativo de ser tocado, de ser visto pelos outros e pelas coisas que o circundam. Já o terceiro é o tocar no tocar, uma vez que podemos encostar em nós mesmos e sermos ao mesmo tempo, ação ativa e passiva do ato perceptivo, enquanto percepções totalmente distintas, mas que coexistem no mesmo indivíduo de forma simultânea, o que elucida que todo ato sensorial é passível de se relacionar dentro da própria esfera do sujeito.

Já a **carne** é compreendida no modo em que a generalidade sensível possível no mundo é constituída por uma vasta gama de corpos humanos dotados de sensibilidades tangenciadas, ou seja, que se reconhecem mesmo que num nível mínimo, o que as torna em parte unidas. Assim, segundo Ferraz (2009, p.251) a vivência sensível de outros indivíduos não são totalmente inacessíveis, uma vez que para o estabelecimento da percepção há a demanda por estruturas que se assemelham, mesmo que não sejam de fato iguais. Por meio desta operacionalidade similar, é possível afirmar que as vivências dispõem de um cunho intersubjetivo de fato, dado que são passíveis de mutação entre os indivíduos e abrem uma janela para a exploração do mundo de forma “coletiva”. É por meio desta carne que Merleau-Ponty embasa o conceito de sensibilidade geral, mesmo que faltante de senciência. Seria essa uma forma geral a todos os sujeitos (levando em conta as temporalidades e

especialidades), que possibilitaria legitimar o abandono da separação entre sujeito e objeto, à medida que ambos dispõem de origem e existência iguais.

5.2 Bernard Lahire e sua sociologia em escala individual

A sociologia em escala individual, ou sociologia do indivíduo, é uma construção teórico-metodológica encabeçada pelo francês Bernard Lahire. A partir dessa interpretação, há uma tentativa de captar os fenômenos sociais sob a ótica dos indivíduos e suas vastas possibilidades de vida, mostrando como que formas materiais e imateriais de cultura agem nas escolhas e experiências possibilitadas para um indivíduo. Lahire é um sociólogo com grande valia para este texto, uma vez que ele consegue mesclar aspectos sociológicos mais clássicos com teóricos contemporâneos, formando uma concepção única, intimista e que valoriza as diferenciações dos sujeitos enquanto figuras perante a sociedade.

Sua principal tese caminha na direção da necessidade de espacialização dos sujeitos no mundo enquanto sua formação intersubjetiva, ou seja, deve-se levar em consideração todo o convívio social no qual está inserido, os hábitos que vigoram e experiências que lhe são possíveis. Também vale destacar como o aparato cultural, material e simbólico encontra-se no cerne da formação intersubjetiva. Diversas práticas e informações que a cultura nos informa dispõem de um papel chave na formação de uma identidade singular, de uma identidade em comunhão com o outro, na consolidação do *habitus* e nas percepções e ações diversas que vão impor certas condições para com o indivíduo, sucumbindo-o na “experiência social”.

A experiência social é um conceito trazido por Lahire que disserta como as experiências individuais não são realizadas em lugar inerte, pelo contrário, as localidades e suas estruturas sociohistóricas e culturais características são articuladoras de um modo de vida a que se submetem as as pessoas. No fundo, todos nós somos livres e possibilitados para diversas escolhas e costumes, desde que estes estejam disponíveis no ambiente em que vivemos, fortalecendo assim nosso acesso, permanência e senso de pertencimento. O foco da Sociologia em escala individual está em observar as experiências sociais dos indivíduos, buscando compreender razões e influências para que tais ações sejam realizadas e reproduzidas em determinadas estruturas sociais. (LAHIRE, 2005)

Entretanto, não se deve ignorar a importância das trajetórias individuais na prática humana. Cada escolha possível por um sujeito é embasada por um conjunto múltiplo de variáveis, como gênero, etnia, classe social, entre outras. Mesmo com bases semelhantes, cada sujeito é um só, dotado de singularidades que lhe pertencem. Os indivíduos não são meramente produtos de uma sociedade; eles também são os artífices que constroem a sociedade na qual vivem. Assim, ao mesmo tempo são transformados e transformadores das estruturas sociais vigentes, superando a dicotomia entre indivíduo e sociedade,

compreendendo-as como faces da mesma moeda que são amplamente interligadas e influenciadas. (LAHIRE, 2005)

De início, o questionamento de Lahire se volta para a seguinte pergunta: Alguns objetos seriam mais sociais do que os outros, uma vez que a própria sociologia em muitos momentos realizou tal distinção? Em contrapartida, os comportamentos singulares de um indivíduo ficavam restritos ao campo da psicologia, não adentrando no campo das ciências sociais de fato.

A multiplicidade de pontos de vista possíveis quanto ao objeto constitui a própria existência do objeto em suas mais variadas facetas e utilidades. Com o subjetivo e o individual não é diferente, mais do que isso, integrado. Lahire descreve o ser social individualizado, aquele que compõe o corpo individual dos sujeitos e suas “matrizes” de produção como linha resultante do produto das experiências pretéritas que o reconfiguraram socialmente. O comportamento do indivíduo é moldado dentro de um contexto sociológico e de visão de mundo, de atuação presente, altamente interligado com seu aprendizado do passado (LAHIRE, 2005).

As diversas particularidades que se encontram no cerne de cada indivíduo não é destruída, pelo contrário, é formada e reformada à medida que são atravessadas pelas interpolações de grupos sociais que dialogam com o convívio humano e alcançam o interior dos sujeitos, moldando-os, como se verifica na citação abaixo:

“Como é que a realidade exterior, mais ou menos heterogênea, se faz corpo? Como é que as experiências socializadoras múltiplas podem (co)habitar (n)o mesmo corpo? Como é que tais experiências se instalam de modo mais ou menos duradouro em cada corpo e como é que elas intervêm nos diferentes momentos da vida social ou da biografia de um indivíduo?” (LAHIRE, 2005,p.14)

Vale ressaltar que o autor não trata os indivíduos como núcleos atomizados, de singularidade simplista, mas os observa como resposta a complexos processos de socialização, integrando-os aos ambientes e estímulos nos quais são dispostos. Além disso, a noção de transferência, apresentada por Pierre Bourdieu, é questionada por Lahire (LAHIRE, 2005), afirmando que há uma construção entre os indivíduos da própria existência do social, que é afetada pelas subjetividades irrestritas, submetendo os indivíduos também a lógica social, dotando o singular de pluralidade dentro da sua existência social.

Se o indivíduo, segundo Lahire, é uma multiplicidade de pluralidades existentes no mundo, há a necessidade intrínseca de localizar a subjetividade no campo da coletividade e vice-versa. Assim, a dita singularidade do plural conversa umbilicalmente com uma pluralidade do singular, ao afirmar as dicotomias da realidade e possibilitar ao indivíduo

viver experiências sociais diversas dentro de um mesmo fenômeno, como podemos confirmar na passagem abaixo:

“Por conseguinte, é porque o nosso mundo contemporâneo é diferenciado e porque nós somos portadores de disposições ou capacidades (mais ou menos) plurais que podemos viver essas pequenas ou grandes preocupações, que acabam, por vezes, por sobrecarregar as nossas existências. Esses males e esse mal-estar socialmente produzidos são igualmente objectos de estudo privilegiados para uma sociologia à escala individual.” (LAHIRE, 2005, p.38)

Com as informações que estavam ao alcance desta pesquisa, esmiuçou-se algumas dimensões e etapas da vida de Carlinhos, adentrando na observação de seu patrimônio disposicional, enquanto conceito que consiste no conjunto de padrões de ação adquiridos ao longo da vida. Dentre estas disposições incluem-se habilidades, gostos, crenças, valores, comportamentos e conhecimentos que configuram a maneira que uma pessoa se relaciona com o mundo e toma determinadas decisões, formando patrimônios.

O patrimônio disposicional é o conjunto de disposições que são adquiridas ao longo da vida de um indivíduo. Tais disposições incluem gostos, valores, habilidades, hábitos, comportamentos e conhecimentos que se tornam inerentes a como os indivíduos se relacionam com o mundo, faz escolhas e toma decisões. (LAHIRE, 2005)

A problemática existencial se refere às questões fundamentais que os indivíduos têm ao longo de sua vida e como esse patrimônio disposicional é forjado por meio das experiências socioculturais e é fulcral para a compreensão das singularidades presentes e esculpidas em cada indivíduo, fazendo com que o patrimônio disposicional de cada pessoa seja único e verdadeiro.

A escolha de Lahire para participar da revisão de literatura deste texto parte da premissa da sua contribuição enquanto pensador do indivíduo e capacitado de um foco sociológico diferenciado dentro do campo das ciências sociais. Boaes, Oliveira e Assis (2019) dissertam que a partir de meados do século XX, o campo sociológico deu uma guinada teórico-metodológica, dotada de diversas controvérsias internas, direcionando seu foco de pesquisa para um retorno dos sujeitos e suas relações com os fenômenos sociais, em detrimento de um “silenciamento” da personagem social, aquele que é inerente às ações do tempo e da vida, e somente sofre impactos que o social lhe causa. Para Lahire (2005, p.36), “O mundo social está em nós tanto quanto está fora de nós”. Frases como estas entram em relação direta com o pensamento pontyano, ao romper paradigmas dicotômicos contidos na ciência moderna e possibilitando observar os fenômenos de ordem social e filosófica para além dos papéis definidos entre sujeito e objeto.

Durante esta seção, examinamos os variados pontos de vista de Merleau-Ponty e Lahire acerca da conexão entre corpo, mundo, cultura e relações sociais. Por meio da análise de seus trabalhos, conseguimos discernir semelhanças e diferenças em suas abordagens, apreciando a abundância e a complexidade dos conceitos apresentados.

Destaca-se a interligação das reflexões de Merleau-Ponty sobre as noções de experiência, de corpo vivido e mundo percebido, uma vez que a vivência do mundo ocorre de maneira incorporada e contextualizada, amplamente influenciada pela interação entre corpo e seu “entorno”. Essa visão nos ajuda a entender como as relações sociais impactam na maneira como percebemos e agimos em relação ao ambiente circundante, por meio da assimilação de atitudes corporais.

Em resumo, a investigação combinada de Merleau-Ponty e Lahire mostra que corpo e cultura estão relacionados de forma complexa, sendo que a vivência experienciada através da carne influencia na forma como percebemos e lidamos com as hierarquias sociais.

6. A CORPOREIDADE E O MUNDO PERCEBIDO DE MERLEAU-PONTY NAS EXPERIÊNCIAS MIGRATÓRIAS DE CARLINHOS

A migração é um fenômeno de ordem complexa, que transpassa para muito além das fronteiras geográficas e socioculturais, por exigir uma análise e compreensão profunda das relações e interações entre o corpo, o mundo percebido e as diversas construções sociais, e a análise de suas implicações no âmbito geográfico. Este capítulo registra a importância dos conceitos apresentados por Merleau-Ponty no estudo da experiência migrante, com ênfase metodológica para a percepção e vivência de Carlinhos. Além disso, relaciona-se a experiência migrante de Carlinhos, observando-a por meio da sua corporeidade expressa em si e nos ambientes de origem e de morada, delimitando um mundo por ele percebido, com seus afagos e amarras.

O objetivo deste capítulo consiste na abordagem mais ampla dos conceitos de corporeidade e de mundo percebido, aplicando-os na narrativa de Carlinhos. Busca-se também dissertar acerca da experiência migrante e como que a sociologia em escala individual se insere no contexto da compreensão abrangente, advinda das percepções do sujeito.

Diante deste cenário propõe-se a composição do tripé Migrante-Lugar-Experiência, articulando as quatro seções apresentadas neste capítulo. A partir desta união se desdobram as relações entre os conteúdos inerentes à Filosofia e à Geografia, numa miscelânea conceitual que corrobora com a ordem do discurso aqui proposto.

Inicia-se este capítulo adentrando nas compreensões das formas dispostas no mundo. Dentro de uma lógica científica, somos possibilitados a visualizar e entender os espaços e tudo que o compõe de duas principais maneiras: pela geometria dos espaços e pela geografia dos espaços (VIRGENS, 2022). Durante muitos anos, a ciência geográfica se embasou majoritariamente (para não afirmar que tenha sido em sua totalidade) na geometria dos espaços, com objetivos muito definidos: mensurar, caracterizar e diferenciar as formas dentro do espaço.

Assim, a importância de um rio ou de uma montanha era de ordem “natural” e “física”, necessária de ser catalogada quanto às suas vertentes e feições que seriam comparadas com outras fisionomias encontradas e descritas. Dotada de um objetivismo eminente, a geografia dos espaços sufocava os subjetivismos locais por meio de cálculos e medidas e tornava o espaço num aglomerado diferencial de formas igualizadas.

Numa direção antagônica, a geografia dos espaços dota de uma compreensão espacial também bem definida, mas pela sociabilidade, identidade e pertencimento das formas espaciais para com os indivíduos. Sua noção espacial abre mão da necessidade métrica e desloca seu enfoque para o que é social e antrópico, contemplando na sua análise daquilo que é intersubjetivo. Enraizada nesta intersubjetividade, encontra-se a capacidade íntima do corpo de entender de forma distinta os ambientes que o circunscrevem e o integram enquanto indivíduo, por meio da corporeidade merleau-pontyana descrita anteriormente.

Divide-se em três grandes tópicos que serão importantes para um domínio mais amplo deste fenômeno e de seus desdobramentos: o migrante, o lugar e a experiência. Cada um destes núcleos é, de forma ordenada, constitutivo da análise aqui proposta, abrangendo as possibilidades de união e dissonância entre eles.

Uma vez que o fenômeno migratório é essencialmente de ordem espacial, ele ocorre fundamentado na espacialidade⁴ (DAL GALLO, 2011, p.45). Assim, forma-se uma tríade MIGRANTE-LUGAR-EXPERIÊNCIA, que implicaria na lógica para buscar a apreensão da experiência migrante de fato.

⁴ As espacialidades são vistas como maneiras sociais ligadas à utilização e à apropriação de recursos de espaços geográficos específicos, o que envolve a manutenção de certas relações de produção do espaço em si. Adicionalmente, essa ideia é evidenciada na estruturação física dos objetos no espaço, em suas principais lógicas e no desenvolvimento socioespacial, destacando a suposta predominância da dimensão física do espaço, com a restrição e construção concreta dos aspectos subjetivos e intangíveis (MARANDOLA JR.; OLIVEIRA, 2008).

6.1 O ser imigrante e o corpo

Pardes, ou paraíso em Hebraico, é a palavra que se refere a um jardim murado, segundo o Instituto de Estudos Bíblicos de Israel. Talvez essa palavra nunca tenha tido seu sentido tão bem definido como agora. Para alguns, é já estar neste sonho maravilhoso, florido e colorido. Para a grande maioria, aquela do lado de fora dos muros construídos por tijolos dourados, é apenas quimera. Esse paraíso que visa ser alcançado apenas por alguns, os escolhidos, os selecionados e merecedores é retratado tanto nas profecias judaico-cristãs como no mundo real.

O imigrante é esse indivíduo sonhador e muitas vezes não sonhado, impossibilitado de alcançar este paraíso por si só, necessitando sempre de um intermédio. Às vezes do metafísico, mas sempre dos homens e suas burocracias. Um princípio quase semelhante a uma ilusão coletiva está no cerne do fenômeno migratório, pois é ele a força motriz que inicia este movimento, muita das vezes sem condições que resguardem tal feito.

Este imigrante se torna um ser "híbrido", sem lugar definido porque não é mais o daqui, nem o de lá, mas uma forma diferenciada. Para (SAYAD, 1998, p.45), essa é uma das duplas contradições da imigração, pois este indivíduo vive sob um estado provisório que gosta de prolongar indefinidamente ou, ao contrário, num estado duradouro com intenso sentimento de provisoriedade.

Essa contradição acaba se impondo sobre os três atores dentro deste fenômeno: o imigrante em si, o local de origem e o local-alvo. Ao imigrante cabe a estrita renúncia da sua estabilidade e a busca de um movimento ativo, direcionado e idealizado. Ao local de origem, apresenta-se a ausência, fadada a um esquecimento destes emigrantes que em muitos momentos insistem em ressurgir. Já ao local-alvo, cabe a Pardes como a vida e morte para um novo mundo, mesmo que nunca concretizado em sua materialidade. Por isso, a garantia da permanência do ser imigrante é partilhada por todos.

Este estado do imigrante que não é nem provisório, nem permanente irá permear toda a vivência deste grupo de indivíduos, independente do lugar onde eles pretendem chegar ou já estejam inseridos. Deste modo, irá estabelecer precedentes para que haja uma "permanência tolerada", caracterizada pela roupagem à moda de cada época. Assim os imigrantes são em muitos momentos vistos como necessários, quando não como indispensáveis para a constituição e consolidação de uma economia (SAYAD, 1998)

A consolidação desta economia está baseada num sistema de "Vantagens e Custos", novamente citando (SAYAD, 1998). Este sistema se refere a uma relação íntima do

trabalhador e as suas funções utilitárias com as possibilidades de lucro que a sua presença em determinada localidade possam ser geradas. Caso seja vantajoso para a elite, essa permanência não somente é tolerada como há o incentivo para que se atraia um maior número de pessoas. Caso haja mais custos do que vantagens, aplica-se sobre estes grupos legislações que impedem a sua plena existência, minando garantias e direitos básicos, o que acaba os repelindo, formando uma economia de exigências dos imigrantes.

Em síntese, a definição de imigrante é essa, segundo (SAYAD, 1998, p. 54)

“ Um imigrante é essencialmente uma força de trabalho, e uma força de trabalho provisória, temporária, em trânsito. Em virtude deste princípio, um trabalhador imigrante [...] mesmo se nasce pra vida (e para a imigração) na imigração, mesmo se é chamado a trabalhar (como imigrante) durante toda a sua vida no país, mesmo se está destinado a morrer (na imigração), como imigrante, continua sendo um trabalhador definido e tratado como provisório, ou seja, revogável a qualquer momento” (SAYAD, 1998, p. 54)

A memória é parte integrante da compreensão do migrante, dado que a sua vivência em "terras novas" é realizada por primazia como comparação a seu local de saída. As memórias ali gestadas podem, ou não, ser abandonadas pelo indivíduo na caminhada de um outro lar. Por mais que o tempo passe, que as estações e os anos mudem, o espaço ainda mantém marcas que são inegociáveis. O local de chegada se torna um refúgio, uma possibilidade em aberto para transcorrer novas relações entre o corpo e o mundo. " O corpo está intrinsecamente ligado no mundo ao ponto de não existir fora dele" (NUNES, 2018, p.353)

Assim, cria-se uma possibilidade metodológica de observar a estética da migração, não apenas pela sua forma, cartografando um movimento de cá pra lá. O estudo da migração e principalmente do migrante obriga a reconstruir a sua localidade de saída, caracterizando-a enquanto seus aspectos materiais, simbólicos e identitários. O corpo é a expressão vivida da cultura, e necessita ser compreendido enquanto pertencente a tal.

Estruturando o migrante enquanto corpo consciente, sujeito dos seus movimentos e da história e não como um mero objeto da força migrante, além de determiná-lo enquanto inserido em uma cultura espaço-temporalmente localizada.

O corpo é o lócus da expressão cultural por primazia. Por meio do corpo é permitida a existência de um sujeito do movimento e de um sujeito da percepção, que se organizam a partir de uma consciência corporificada. Uma vez que é a partir do corpo que se é permitido observar o mundo, não existe outra forma que lhe permita corresponder e entrar em contato com os objetos. Portanto, é o corpo que atualiza a existência.

Os fenômenos do corpo são diferentes dos significados lógicos científicos, porque o próprio corpo carrega em si limitações que o restringe a conhecer as coisas de uma forma "pura".

Merleau-Ponty argumenta que acerca da transcendência do corpo humano para além da existência física, como um aparato de intermédio das ações práticas com o mundo. No sentido da corporeidade, a fusão de corpo e mente se consolida enquanto base das experiências intersubjetivas humanas enquanto lógica perceptiva e cognitiva.

No caso de Carlinhos, a vivência própria dele foi transportada junto com a sua migração, o que demonstra o quanto a corporeidade é carregada da história pessoal e enraizada geograficamente com sua localidade de origem. Neste sentido, seu corpo se torna uma ponte entre o passado e futuro, entre Mantenópolis e seu lugar de chegada, como visto neste trecho dito por Carlinhos na fita:

“Eu tenho saudade de vir a esse lugar e ver essas vacas, esses bezerros aí, esses passarinhos cantando de manhã cedo. Eu saí, fazia brincante dourado com esses bezerros do Curral, caí no meio da bosta de boi. Minha vida é essa aí, pai. Adianta, eu queria ficar atolado nessa geladeira aqui, não. Eu tenho que ir embora mesmo.”

As experiências vivenciadas por Carlinhos enquanto sujeito migrante são modeladas pelo contato do seu corpo com outros corpos. Suas impressões são sensoriais e vívidas, uma vez que ele descreve sons, cheiros e sensações de forma consciente.

Ainda que milhares de quilômetros longe de sua morada, o seu corpo emana sentimentos e vivências que permitem vinculações à sua Mantenópolis rural e bucólica, o que é reforçado quando se analisa a ideia de movimento dentro da obra merleau-pontyana.

Merleau-Ponty compreende o movimento como uma mudança de referência posicional ou um deslocamento intencional pelo espaço, animado pelo *Móbil* (noção de corpo vivido que propõe certos objetos para iniciar o movimento). O reconhecimento e a percepção existencial da movimentação não se postulam como inferior ao reconhecimento do Móbil enquanto força-motriz do ato de mover-se, caracterizando o mundo como um ambiente de transições, principalmente dentro do domínio e vinculação ao tempo e ao espaço.

"Mover-se não é passar alternadamente por uma série indefinida de posições, ele (o mover) só é dado começando, prosseguindo ou terminando seu movimento" (MERLEAU-PONTY, 2011, p.364)

A noção de motricidade está ligada à percepção devido a sua intencionalidade motora, dado que o corpo-migrante nos situa no mundo por meio do seu próprio movimento e assim,

permite diversas observações e perspectivas. Portanto, tem-se a motricidade como corpo em movimento (físico ou psicológico), sendo este contrário ao movimento mecânico por princípio.

Tendo a motricidade como a ideia de movimentar-se em direção a algo, não estando necessariamente vinculado ao deslocamento físico e mais relacionado à intencionalidade de movimentar-se. Assim, quando Carlinhos direciona seu pensamento para sua cidade-natal, já concebe um ideal de movimento que o permite “sair” da vida que o rodeia e “regressar” psicologicamente à Mantenópolis, ao seu sítio e sua vida rotineira. Assim, “A existência do movente enquanto “movente” e não enquanto partícula físico-atômica é um fato perceptivo, não uma ilusão alucinada, como afirmaria o cientista” (MARQUES, 2017, p. 95)

De fato, este olhar não exclui o movimento vetorial e físico que faz parte da migração. A mobilidade de Carlinhos de sair do interior do Espírito Santo e tentar a vida na América do Norte só é permitida por uma série de ferramentas e tecnologias que possibilitam tal trajeto, em conjunto com o contato com outras pessoas que já haviam realizado este traslado. Tal realização permite repensar o papel da mobilidade na estruturação e na experiência do mundo contemporâneo (CRESSWELL, 2006).

O processo de globalização foi responsável por promover novos arranjos espaciais que modificam e ao mesmo tempo se baseiam na mobilidade (ROSAS; HOGAN *apud* BRUM, 2017) e, portanto, desenvolve organizações ainda mais complexas sobre a ordem migratória, cisalhando as amarras locais e abrangendo deslocamentos ainda maiores. "Como produto social, a mobilidade tem papel fundamental na estruturação do cotidiano das pessoas, compondo sua própria essência" (MARANDOLA JR, 2014, p.104)

O corpo se expressa e atua no movimento, rompendo com a lógica de transição locacional. Tomando o movimento como um elo para além da materialidade, movimentar-se pode ocorrer mesmo não tirando um pé do chão, ao permitir voar para lugares apenas com a capacidade móbil de mover-se psicologicamente.

“O que permite uma suposta relativização do movimento é, também, a corporeidade pois sendo um fenômeno de nível, ao mudar-se o ponto de ancoragem do corpo, também vai variar aquilo que se move ou não” (MARQUES, 2017, p.96)

A corporeidade fundamenta a existência de um movimento dentro do campo perceptivo e é ratificada metodologicamente pela compreensão fenomenológica. Desta forma, valida-se a experiência motora de Carlinhos em deslocamento pleno de sua vivência de volta à Mantenópolis num regresso ontológico e sensível à sua existência.

Portanto, o migrante é o ser, o eu, o indivíduo que rompe com algumas bases de segurança e busca a vida em outros lugares. Lugares estes que poderiam ser o aqui, e acolá, o perto ou longe, o igual ou o diferente, numa multiplicidade que só é capaz de ser vivenciada por meio do sujeito migrante devido às experiências que são dispostas, como alegria, medo, saudade, prosperidade, tristeza e/ou amor. Tudo isso como uma miscelânea de cores que se misturam no decorrer da tela e formam um panorama que permite constituir alguns pontos fundamentais do movimento migratório deste ser.

6.2 O lugar e o mundo percebido

Creio ser impossível geometrizar o mundo apenas como um conglomerado de formas dispostas na superfície, uma vez que a vida humana se concretiza numa flexibilidade que não permite a rigidez dos matemáticos. Um homem que deseja encontrar novamente a sua amada distante, encurta caminhos (mesmo que mentalmente) para mantê-la por perto. A saudade da nossa casa enquanto realizamos uma viagem de férias é um regresso psíquico constante que reafirma a nossa existência naquele lugar.

Lugar é cotidiano, sendo formado por meio dos seus dados, suas contradições e emoções, numa complexidade ímpar. Suas modificações são palatáveis ao mais simples toque e correspondem a nossos desejos mais primários. Há um instinto viajante em cada um de nós, que permeia nossos anseios mais básicos e que se encontram fora do nosso corpo, na busca de conhecer e viver novos lugares.

Merleau-Ponty não fala necessariamente de lugar, mas de um mundo vivido, sendo este o local do habitar humano (NOGUEIRA, 2009)

"Compreendemos com isso que quando os homens falam de seu lugar, não se referem a um objeto, a uma área, a uma porção de terra, mas se referem ao lugar enquanto parte de uma existência, 'pedaço' de mundo que é concreto e pessoal, percebido e vivido, modelado pela experiência" (NOGUEIRA, 2009)

O lugar dispõe de mais substâncias do que a localização geográfica. A "fixação" do lugar também se dá pela relação com os outros. O migrante, ao negociar com o lugar, abre possibilidades também para discutir a sua dimensão espaço-existencial, sua segurança existencial e seus espaços topofílicos. Como corpo e mundo são, segundo Merleau-Ponty (2011), entes indissociáveis da esfera humana, o autor crê ser necessário colocar em cheque a dimensão ontológica dos sujeitos, questionando gostos, medos e valores em prol de satisfazer as demandas impostas pela localidade.

Portanto, a localidade dura vai tomando formas e se transformando em lugares, dotados de significados que aproximam ou repelem os sujeitos pertencentes a eles, se aproximando do conceito merleau-pontyano de mundo percebido. Como descrito por (RELPH, 1976):

"Um lugar é um centro de ação e intenção, ele é 'um foco onde nós experimentamos os eventos significativos de nossa existência'. De fato, eventos e ações são significativos somente no contexto de certos lugares, e ganham tonalidades e são influenciados pelo caráter desses lugares, ainda que contribuam para esse caráter... Os lugares são os contextos ou panos de fundo para objetos intencionalmente definidos ou para grupos de objetos ou eventos, ou podem ser, eles mesmos, objetos da intenção. No primeiro caso pode-se dizer que toda consciência não é meramente consciência de algo, mas de algo em seu lugar, e que esses lugares são em grande

parte definidos em termos dos objetos e de seus significados. Como objetos propriamente ditos, os lugares são essencialmente focos da intenção, têm geralmente uma localização fixa e possuem traços que persistem de uma forma identificável. Tais lugares podem ser definidos em termos das funções a que servem ou em termos da experiência comunitária pessoal [...]" (RELPH, 1976, p. 42-43).

Relph discute as novas abordagens do conceito de lugar ao afirmá-lo como central nas experiências corriqueiras, possibilitando um lugar do "eu sem limites" (SERPA, 2022). Assim, os indivíduos são possibilitados de existirem em localidades distintas e independentes da sua localização material, configurando lugares que de fato conferem sentidos aos sujeitos.

O lugar seria determinado como localidade aberta ao exterior, processual e multiescalar e passível de criar e produzir-se espacialmente, o que garante a desconexão entre o lugar e o sentido de lugar, como dois entes inconstantes. (SERPA, 2022)

Edward Relph aborda o conceito de lugar dentro da esfera humana associados aos comportamentos inconscientes dos indivíduos. Sendo assim, para o autor “ O lugar é o fenômeno da experiência” (RELPH, 2012, P.19). Para chegar nesta definição específica, Relph caminhou por outras tentativas de conceituar o lugar na sua visão, estando entre elas as seguintes leituras: Lugar como fonte existencial de auto conhecimento e responsabilidade social (RELPH, 1979, p.6) e, mais tarde, como microcosmo onde cada um de nós se relaciona com o mundo e onde o mundo se relaciona conosco” (RELPH, 2012, p.31).

Desejava mostrar aos geógrafos das vertentes positivista e crítica que o lugar humanista não era apenas pautado numa ideologia do lugar nostálgico, pelo contrário, analisava questões de identidade e pertencimento como aspectos na construção de um senso de lugar. Para isso, Relph (1976) descreve os processos de universalização e de descaracterização do lugar, demonstrando que a localização material não era a única condição para o estabelecimento dos lugares.

Relph também irá apresentar na mesma obra os conceitos de lugaridade e deslugaridade. Para ele, as lugaridades seriam um conjunto de essências em si do próprio lugar, dotadas de identidade e significação. Já a deslugaridade ou lugar sem lugaridade seriam aqueles que, criados pela modernidade, são extremamente padronizados e funcionais, esvaziados de um significado efetivo e variadas possibilidades eventuais na sua ocorrência. "A lugaridade como qualidade dos lugares e uma forma específica de manifestação da espacialidade da presença" (SERPA, 2022, p.9)

Agnew (1987) auxiliou o debate ao afirmar que, para ele, existem três elementos fundantes do conceito de lugar, o *Locale*, o *Location* e o *Sense of Place*. O *Locale* é o local, como resultante material e simbólica das relações sócio-espaciais. O *Location* é a localização

como área geográfica que abrange as interações sociais, palco meramente material das observações humanas. Já o *Sense of Place*, traduzido como senso de lugar, é a construção unicamente simbólica com os lugares, estabelecidos a partir do desenvolvimento intersubjetivo de um sentimento local. Afirma-se que "O sentido de lugar é afetado pela capacidade de mobilidade e 'meios incomuns e cosmopolitas deste início de século XXI' " (RELPH apud SERPA, 2022, p.6)

A percepção não permite ser limitada pela atividade epistemológica do conhecer, ao utilizar o método de descrever e reduzir os fenômenos diante da experiência basilar dos indivíduos no mundo (como é descrito na história de Carlinhos). Os fenômenos concedem transcender por meio do corpo próprio, deslocado de ser um "microcosmo" que apenas recebe e tenta decodificar informações.

O mundo percebido corresponde na realidade tal como é percebida a partir de um sujeito perceptivo e capacitado de atribuir sentido aos fenômenos espaciais nos quais o sujeito habita (FIGUEIREDO, 2015). O mundo e os fenômenos são expressos espacialmente de forma anterior à existência do sujeito, mas só lhe é permitido obtê-los por meio do corpo próprio, que configura sentido. É por meio do mundo natural que permite uma base existencial para as noções perceptivas. Portanto, "O mundo percebido não é apenas o conjunto de coisas naturais, é também os quadros, as músicas, os livros, tudo que os alemães chamam de mundo cultural" (MERLEAU-PONTY, 2015, p.76)

A ordem do mundo seria, segundo Merleau-Ponty, uma unidade intersensorial que é permitida de se evidenciar a partir do sujeito. Este mundo percebido que é abordado pelo autor está contida no campo da percepção e do pertencimento diante do sujeito perceptivo se desloca por meio das capacidades sensitivas experienciadas, tanto pela espacialidade quanto pela temporalidade (FIGUEIREDO, 2015, p.101). Em última instância, o mundo não é capaz de ser reduzido apenas para a esfera do logos, da métrica humana.

Então 'mundo', para uma ciência fenomenológica, está na essência do significado de todas as coisas, ele se remete diretamente ao ser que se dirige às coisas e se interroga sobre seu sentido. 'Mundo' para a ciência geográfica também deve ter esse sentido essencial (HOLZER, 2014, p. 290).

A orientação da percepção do sujeito para os fenômenos e suas possibilidades expressas através da descrição fenomenológica⁵ A percepção não incorpora a totalidade, mas se fixa nas particularidades que lhes são apresentadas. O termo lugar tornou-se o principal

⁵ A descrição fenomenológica consiste basicamente na percepção, uma vez que ela é a base de todo processo reflexivo. O mundo só é permitido ao indivíduo situado enquanto ele se enxerga como sujeito dotado da capacidade de acessar as coisas-mundo na sua intimidade.

elemento de identificação do movimento humanista, sendo alcançado como conceito chave da geografia (HOLZER, 2012). Se a existência dos indivíduos é dinâmica, a existência dos lugares também é, uma vez que a experiência do lugar engloba emoções e sentimentos complexos, muitas vezes contraditórios.

Diante disso, há uma aproximação entre o lugar descrito na geografia humanista e a ideia concebida de mundo percebido em Ponty. Ou seja, o modo em que a experiência de Carlinhos ocorreu é intimamente ligada aos seus lugares de origem (Mantenópolis) e seu lugar de destino.

O lugar se impõe como locação e como essência, necessitado e necessário dentro das nossas vivências. À cada novo descobrir, nas mais longínquas viagens, nos deparamos com familiaridades e estranhamentos que de certo modo nos fazem regressar ao lar, à segurança. Mesmo que em muitos momentos seja interessante ser um usuário das redes e fluxos mais dinâmicos, presentes na esfera dos não lugares, precisamos em outros “congelar” o tempo, respirar fundo e viajar, mesmo sem sair de casa. São estes momentos que nos mantêm vivos e realizados pelas experiências possíveis, neste caso a experiência migratória.

6.3 A experiência migratória: o caso Carlinhos

A experiência, para Merleau-Ponty, é uma forma de conhecimento pleno que antecede a Filosofia. A partir dela, a nossa existência como sujeito vai se configurando quanto às suas estruturas básicas. É por meio das experiências que os indivíduos se tornam as pessoas que são, com suas "escolhas", gostos e desgostos. Assim "A experiência perceptiva se concretiza no acesso ao mundo vivido e como o modo de pensamento realizado no desenrolar do vivido. É sempre em existência que o ser se faz presente" (MACHADO, 2011, p.47)

Merleau-Ponty pretende mostrar que o corpo próprio que ele aborda habita um mundo fenomênico e não geográfico (FIGUEIREDO, 2015)

"A experiência é apenas orientada pelos horizontes de objetificação possível, que libera o sujeito do mundo da natureza, englobando-o a todos os outros e através da compreensão da projeção da existência por um único movimento se mascara a objetividade que destaca 'mundo'. (FIGUEIREDO, 2015, p.85)

O sentido da experiência, segundo Merleau-Ponty, é vivido pelo sujeito por certo ponto de vista, ao considerar que ele é agente das ações e não somente espectador, uma vez que as distâncias também são inerentes à ordem perceptiva. "No objeto cultural, eu sinto, sob um véu de anonimato, a presença de outrem". (MERLEAU-PONTY, 2011, p.466)

Merleau-Ponty afirma que a experiência do outro também exerce influências nas ações do sujeito (como os conhecidos e apoiadores de Carlinhos na lida da migração). A lógica perceptiva proposta pelo autor proporciona ao sujeito a capacidade subjetiva de conceber o outro a partir de si mesmo. "Existem dois e somente dois modos de ser: o ser-em-si, que é aquele dos objetos estendidos no espaço, e o ser-para-si, que é aquele da consciência" (MERLEAU-PONTY, 2011, p.468).

A experiência de Carlinhos é materializada em aspectos da vida cotidiana que ele desenvolveu na lida migratória. Em momentos como estes, percebe-se a importância da alimentação, vestimenta e clima na possível ambientação ou repulsa obtida em alguma localidade, como se expressa nos trechos abaixo:

"Eu não me saudava dessa comida aí da roça aí feita de fogão de lenha. Quem é que não só come sanduíches? O que passa é sanduíches. Eu vou pro serviço de manhã, levo dois sanduíches e duas bananas."

"Toma um banho, mais sanduíches. Marcelo já passou com o carro no tal de submarino (subway?), ele só vende sanduíches. Ovo que já viciou, pisa, só sanduíches, sanduíches. Eu já emagreci uns quatro, cinco quilos. Eu quero chegar aí, eu tô acostumado com você. Começar carne de porco na gordura, pegar uma galinha no terreiro, frango... Se eu comer, é mesmo arrozinho, feijão e carne."

“Ninguém aguenta ouvir, às vezes, se ele não der, eu ouvi, se é quatro calça, cinco camisa, meia não tem quantidade não. É um frio de matar, gente. Não tem jeito de falar, porque eu vou até montar você voando, cair lá dentro do sítio, até lagoa lá para nós pescar. Fica aqui lembrando que as pescadinhas nossa, pegando cas’traíra.”

“Isso aí mesmo, pai, é igual se eu tava vendo aí, entendeu? Eu... Vó, tá, mas eu não tô aguentando isso aqui não. Eu visto esse monte de roupa, calço cinco meia, grossa. A butina que eu comprei é 43. Porque pra me por tanto de meia pra butina que vai abrir no meu pé tem que ser três e não uma mais. Quando eu sai lá fora, esse trem branco na rua, assim, igual açúcar, tal de neve.”

“Eu fico pisando nisso, né? Vamos ver os dedos endurecer tudo. Eu não sinto nada, eu fico com tudo dormente. Eu gosto mesmo disso aqui, igual aí. Fico uma bermuda velha, sem camisa. Não calço nada, só descalço, eu pulo dentro d’água. Eu trevo um pé de manga, trevo um pé de goiaba.”

Além disso, a presença da música sertaneja é crucial para manter vínculos existenciais do nosso estudado com sua terra natal. Durante algumas vezes, ele toca repetidamente a canção “Meu Sítio, meu paraíso”, na qual disponibiliza-se a letra abaixo:

MEU SÍTIO, MEU PARAÍSO

Quanto mais o tempo passa, mais aumenta a vontade
De deixar esta cidade e voltar pro interior
No lugar de fumaceira, desta vida agitada
Vou andar pela invernada e sentir cheiro de flor

É isso que vou fazer, já não tô mais indeciso
Volto a viver no mato, o meu sítio, meu paraíso

De manhã quando levanto não me levanto sozinho
Pois escuto os passarinhos, alegrando a madrugada
Feliz vou lá pro curral, recolho as vacas leiteiras
Eu adoro a barulheira e o mugir das bezerrada

É isso que vou fazer, já não tô mais indeciso
Volto a viver no mato, o meu sítio, meu paraíso

Quando é de tardezinha, pego a tralha de pescar
Sem o que me preocupar eu vou lá pro ribeirão
Jogo farelo no poço, a peixarada se assanha
E eu que conheço a manha pego peixe de montão

É isso que vou fazer, já não tô mais indeciso
Volto a viver no mato, o meu sítio, meu paraíso

Aos domingos lá no sítio é daqui bem diferente
A gente passa contente, rodeado de amigos
Pescando e jogando malha, oh, quanta felicidade
É por isso que a saudade até hoje está comigo

É isso que vou fazer, já não tô mais indeciso
Volto a viver no mato, o meu sítio, meu paraíso

Fonte: MEU sítio, meu paraíso. Intérprete: Lourival e Lourenço. Compositor: Zé do Rancho. In: DOSE Dupla. Intérprete: Lourival e Lourenço. São Paulo. Warner Music Brasil LTDA./ DIV. Continental. 1980. 1 disco vinil, lado A, faixa 4 (3min28s).

Carlinhos ressalta a importância da canção para amenizar o sofrimento causado por estar distante dos seus familiares e de sua calmaria interiorana, como se pode observar nos trechos abaixo:

“Parece que essa música foi feita pra mim mesmo, a letra, entendeu? Essa fita me machuca todo. Quando eu escuto essa música, fico desinquieto, assim, na vontade de sair doido, correndo assim, de chegar aí logo, entendeu? Então, o senhor manda pra Vera, manda pra Vitória, todo mundo tem escutar essa fita. Eu tocava mais um pouco pro senhor ver.”

“É uma fita mesmo, é uma música muito bonita mesmo. É uma letra que parece que foi feita pra mim mesmo, pra nós aí, né? Eu sou doido com esse interior meu, hein? Eles até puseram apelido em mim aqui de turista do interior. Isso é uma ação do Marcelo mais de Joãozinho. Sabe que isso não me envia no ar nada, né? Não presta. Puseram apelido em mim, não importa não, eu sou turista mesmo, agora se eu sou do interior eu gosto.”

“Essa música é minha, não quero saber, vou deixar sempre tocar. Eu vou lá quando estiver aí na roça, vou tocar isso direto. Vai até enjoar vocês, mas não quero saber não, entendeu? Se vocês não quiser ouvir, vão embora pra cidade, deixa eu sozinho aí, e irei no mato aí. Eu gosto disso aí mesmo, sou do mato mesmo, gosto do mato.”

Segundo (SAYAD, 1998), a gravação em fita cassete é uma técnica de conservação das mensagens enviadas que a própria oralidade não consegue manter, uma vez que permite a reprodução mais "fiel" da palavra.

“Todo grupo dispõe a todo momento, para poder comunicar-se com seus membros ausentes (ou seus emigrantes), de um conjunto de instrumentos que constituem um sistema: mensagens orais (e às vezes escritas) entregues a intermediários encarregados de levá-las a seus destinatários, cartas encaminhadas pelo correio e, última a chegar, a mensagem gravada numa fita cassete.” (SAYAD, 1998, p. 137)

"A mensagem gravada, diferentemente da mensagem oral ou escrita entregue a um intermediário (ou a um correio), conciliar mais facilmente espontaneidades ou imediatez (da gravação) e recuo (o envio e a audição são diferidos e, acima de tudo, é sempre possível 'corrigir' a gravação), presença ou ilusão de presença e separação, proximidade e distância, etc" (SAYAD, 1998, p.160)

Portanto, a gravação de fitas é uma forma quase mágica de utilizar a tecnologia para negar a ausência do migrante ao garantir, mesmo que seja apenas no período contido na fita. Além disso, o migrante se torna testemunha presente daquilo que é dito, não necessitando da letra fria da escrita ou de um intermediário que leva a informação aos seus familiares.

A questão cultural também se expressa como um indicativo do mundo percebido por ele que o estrutura dentro da ordem descrita. Ele cita como a novela Roque Santeiro, de 1985, o mantém vinculado ao Brasil. Provavelmente ele obteve acesso a essa novela por outra fita, ou mesmo por uma reapresentação no país onde ele estava.

“Saudade de cavalos, de coisas, da cidadezinha, das festas. A mesma coisa eu tô aí mantendo a novela. Então, uma coisa que me alegra aqui é essa fita, essa música aí, que eu vou re- ouvir o dia inteiro, com tudo ator. E essa novela, quando eu não perco, nem um capítulo, tenho a gente aqui, o Roque Santeiro. A novela é boa demais. E agora eu tô saindo uns congressos aqui, uns repórteres aqui, portugueses.”

Não considerar como irracional as contradições das experiências sensíveis (KASSA, 2015) da vivência migrante, como é observado no caso de Carlinhos. Existem aspectos nos quais ele conseguiu estabelecer certas amarras com seu lugar de destino, como a questão financeira e o relacionamento amoroso que estabeleceu lá. A compreensão lugarística é como um jogo de forças que se aplaca sobre o indivíduo, na tentativa de que ele permaneça ou regresse ao seu lugar. Estima-se que as principais forças de acalento que ele encontrou na experiência migrante foram os amigos que já estavam por lá (denominados por ele de Marcelo, Joãozinho e Daniel), além de uma namorada “gringa” que ele conheceu.

O caso da namorada é curioso, pois mostra as limitações corporais mais materiais dentro do contato entre indivíduos, transpassando a ordem apenas do campo do sensível. Imagine-se conhecer uma pessoa e todo contato linguístico realizado com ela necessitar minimamente de um intermediário, como mostrado por ele aqui:

“Quando eu chegar aí, você vai ter uma surpresa, entendeu? Que... Com o meu crioulinho aqui... Pedi, mas as pretinhas ali, sabe? Não sei nem que raça aquela é, não. Não sei que o nome dentro é assim, janela. Uma outra gosta muito dela, a outra gosta de mim, e eu tô com intenção de levar ela pra cidade.”

“Ela não sabe nada que eu falo, nem eu sei, ela fala tudo enrolado, mas a gente dá muito sinal, não sinal eu não entendo, ela também quando quer uma coisa dá sinal

pra mim, eu sei tudo, entendeu? Mas vou levar ela pra aí porque eu tô gostando demais dela, eu ganhei mesmo. Eu sei que ela vai gostar aí também, ensinar a mexer com esses bichos aí, mexer com boi.”

“Porque eu conversei com ela, eu não sei falar com ela, só que aí, né? Mande o Marcelo falar pra mim, Marcelo enrolou ali com ela e perguntou se queria ir comigo direto pra morar no Brasil. Ela aceitou, disse que vai, que gosta muito de mim, que vai, então vou levar mesmo. Tá decidido que eu vou levar.”

Esse caso demonstra que os vínculos da esfera humana são conexos às experiências e, por meio delas, torna-se mais palatável a convivência com possíveis dificuldades inerentes à vida longe de casa.

Ao se reconhecer por meio da experiência que lhe é disposta, Carlinhos identifica a si mesmo e aos anseios, uma vez que "Trata-se de um mundo em constante objetivação e ao mesmo tempo sendo reconhecido por meio da experiência da subjetividade humana" (MACHADO, 2011, p.48). A experiência se expressa também por meio da geograficidade, como elo entre a ideia filosófica da corporeidade e do mundo percebido, com elementos geográficos relativos ao espaço e lugar.

Tem-se Geograficidade como “Amor ao solo natal ou em busca por novos ambientes, uma relação concreta liga o homem à terra, uma geograficidade do homem como modo de sua existência e de seu destino” (DARDEL, 2011, p.1). Tem-se em Dardel a relação ontológica entre Homem-Terra, ao considerar o lugar como ponto de partida da experiência geográfica. Ao compreender os ambientes vividos, Carlinhos se compreende nos lugares como entes indissociáveis que são. Por isso, os relatos acima mostrados corroboram a ideia de rejeição lugarística entre ele e o seu lugar de destino.

Há uma desconexão entre a compreensão destes elementos e das relações estabelecidas delas com os sujeitos. Dado que a construção de lugar é composta pela capacidade do ser se identificar e modificar nas formas apresentadas, Carlinhos busca relacionar as imagens do seu local de origem com o seu local de destino, o que reforça as saudades e memórias presentes que ele carrega e desvaloriza as experiências que ele porventura poderia ter.

A Geograficidade se expressa na experiência migrante no que tange a sua necessidade íntima de estabelecer novos laços com seu lugar de destino, muita das vezes relacionando estes fatores com seus locais de origem. Portanto, a geograficidade aborda a segurança ontológica dos indivíduos quanto ao ato de migrar, uma vez que cabe ao ser migrante barganhar a continuidade efetiva do seu ser-e-estar-no-mundo, buscando que mesmo com a efetivação do deslocamento a sua narrativa existencial possa continuar fazendo sentido.

Para estudar a fundo a geograficidade, adentramos nos estudos de Dardel e a sua associação fulcral com a paisagem. A relação denominada por ele de homem-meio (corpo-mundo por Merleau-Ponty) toma forma objetivamente através da categoria paisagem. Para Dardel, o espaço é experienciado.

“O espaço geométrico é homogêneo, uniforme, neutro. Planície ou montanha, oceano ou selva equatorial, o espaço geográfico é feito de espaços diferenciados. O relevo, o céu, a flora, a mão do homem dá a cada lugar uma singularidade em seu aspecto. O espaço geográfico é único; ele tem nome próprio: Paris, Champagne, Saara, Mediterrâneo. A geometria opera sobre um espaço abstrato, vazio de todo conteúdo, disponível para todas as combinações. O espaço geográfico tem um horizonte, uma modelagem, cor, densidade. Ele é sólido, líquido, aéreo, largo ou estreito: ele limita e resiste” (DARDEL, 2015, p. 2).

A geograficidade de Carlinhos está intrinsecamente presente em sua corporeidade. No sentido da migração realizada por ele, o seu corpo é confrontado por paisagens, climas e culturas diferentes do quais estava habituado. Sua percepção do local de chegada encontra-se nos seus sentidos, na vivência do frio, a experiência da topografia local e uma ampla exploração das diversas paisagens por ele observadas. A geograficidade também extrapola a lógica material, alcançando o como Carlinhos experimenta o espaço através de seu corpo e de seus sentidos, o que se torna crucial para compreensão e adaptação do seu novo ambiente.

Ademais, a noção de lugaridade consiste na tríade para compor a análise da experiência de Carlinhos. Dado que os lugares são carregados de significados, memórias e experiências que são registradas nos momentos e nos monumentos, ao ser migrante é permitido construir certos sentidos de lugar à medida que ele atribui significados para localidades específicas.

“Não temos outra maneira de saber o que é o mundo senão retomando essa afirmação que a cada instante se faz em nós, e qualquer definição do mundo seria apenas uma caracterização abstrata que nada nos diria se já não tivéssemos acesso ao definido, se nós não o conhecêssemos pelo único fato de que somos” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 440)

Sua casa se torna um refúgio, as ruas da cidade como espaços de encontro e de repulsa. A construção da lugaridade não se faz de forma unilateral, mas é fortemente influenciada pelas percepções e atitudes dos “receptores” em relação aos migrantes, o que desempenha um papel crucial na formação do seu sentido da lugaridade. O habitar enquanto essência da relação que se processa entre o homem e o meio (MARANDOLA JR, 2012) tem o seu centramento no lar e nos horizontes de alcance que o extrapolam (BUTTIMER, 2015)

Além disso, faz-se crucial reconhecer a importância do corpo como agente de interação e comunicação na experiência migratória de Carlinhos. Uma vez que a corporeidade molda a maneira como ele se relaciona com o mundo, como se adapta ao espaço geográfico e como constroi significados em sua lugaridade. Os conceitos apresentados por Merleau-Ponty possibilitam um arcabouço conceitual que estrutura e permite explorar a complexidade das relações dentro de uma geografia destinada a ser sensível de fato com a experiência intersubjetiva e passível de interdisciplinaridade.

É fundamental destacar que a corporeidade de Carlinhos age como uma interface entre o indivíduo e o coletivo. A experiência migratória não é um processo solitário, mas uma integração intrincada entre diversos elos, que em diversos momentos não dialogam entre si. As percepções intersociais e as construções culturais moldam as experiências, desde as mais sutis e multifacetadas. Além disso, a análise geográfica aqui proposta não pode dissociar o contexto geopolítico da experiência possível para com um migrante, inclusive na experiência de Carlinhos. As políticas de imigração, as estruturas de poder, o acesso a serviços e as ditas oportunidades de emprego são características que realçam as suas possíveis interações com o ambiente. A dinâmica do movimento encontra-se na interseção entre o temor e a valentia; a proteção e o perigo; a integração e a cisão; a existência e o extermínio.

“Isso aqui não, você olha, não tá conversando, você não entende nada, tá xingando, você não tá encerrando. Isso me deixa aburrido da vida, entendeu? Eu tô, eu tô, não tô aguentando, mas a verdade eu não tô aguentando também. É que segura a gente aqui pra gente ganhar, o dinheirinho precisa de ganhar, então eu vim pra isso. Então eu vou ficando aqui mais um pouco. Mas esse...”

“Negócio meu é esse Mantenópolis mesmo aí, que é lugar de viver. Entendeu? E eu vou cascar fora mesmo. Não quero saber de nada. Vou embora mesmo. Posso falar com o Paulo e Luisinho que esquece o negócio aí, o “estete”, essa coisa. Não quero nem saber dessa geladeira, mas não. Vai sozinho, pode ficar tudo rico pra lá, mas não quero mais não. Viu, pai? Vou embora mesmo, pronto. Não quero saber de mais nada. Vou tocar mais um bocado dessa música, dessa fita.”

Em trechos como esse, percebem-se momentos nos quais a face mais vil da migração irradia e mostra que a ideia do regresso não está vinculada apenas a uma saudade pueril, mas a fatos ocorridos que desestimulam e fizeram com que Carlinhos buscasse seu retorno.

6.4 O individual coletivo

Na tentativa de ampliar a discussão acerca da lógica coletiva da experiência intersubjetiva, recorre-se aos escritos de Bernard Lahire e sua sociologia em escala individual para solidificar as bases de um mundo cultural que rodeia o mundo percebido pelos indivíduos.

Os escritos de Lahire (2005) destacam a importância das experiências sociais dos indivíduos e como estas são influenciadas pelo mundo cultural circundante. Lahire argumenta sobre como a formação de identidades e as escolhas intencionais dos sujeitos são vinculadas às práticas presentes na localidade (LAHIRE, 2005). Há uma ênfase em compreender padrões por trás das ações ditas individuais, considerando as interações corpo-mundo.

"Assim como a natureza acha seu caminho para o centro da minha vida pessoal e torna-se inextricavelmente ligada a ela, também os padrões de comportamento instalam-se no da natureza, sendo depositados na forma de um mundo cultural. Não tenho apenas um mundo físico, não vivo apenas no meio da terra, ar e água, tenho em torno de mim estradas, plantações, cidades, ruas, igrejas, implementos, um sino, uma colher, um cachimbo ... Algumas maneiras de existência ou de vida podem achar seu lugar na paisagem através da qual eu vagueio. O mundo cultural é , ambíguo, mas está presente (Merleau-Ponty, 1962, p.147)."

A citação acima demonstra a interdependência entre o mundo cultural e a intersubjetividade coletiva. As identidades e ações não são isoladas, mas se conectam num conjunto encadeado de causas e consequências. Ademais, a importância do espaço aparece como realidade que se impõe e delimita fatores na construção dos sujeitos, talhando o conglomerado relativo ao patrimônio disposicional dos indivíduos. (LAHIRE, 2005)

Carlinhos construiu a sua experiência de Mantenópolis em conjunto com amigos e familiares e, deste modo, a sua existência enquanto indivíduo foi configurada a partir disso. Quando ocorre o deslocamento espacial, isso permite que ele reconstrua suas bases ontológicas em relação ao seu lugar de chegada, com suas novas estruturas e imposições.

À medida que ele se insere de fato na vida no exílio, seu corpo em relação com o mundo se transforma e a sua relação coletiva entre espaço e tempo também, modulando os modos e sensações possíveis de proximidade e de distância.

A migração de Carlinhos é explorada como um cenário rico para examinar a visão individual da sociologia de Bernard Lahire. Através da minuciosa análise da história de vida de um indivíduo específico, é possível entender as complexas relações entre experiências

pessoais, contexto social e localização na construção da identidade e das trajetórias de migração.

Carlinhos possui em sua bagagem todo o conhecimento cultural de Mantenópolis, obtido através das vivências sociais em sua comunidade de origem. Esse conhecimento adquirido afeta sua perspectiva do mundo, suas esperanças, e métodos para se ajustar a um ambiente diferente.

Ao chegar em seu novo local, Carlinhos se deparou com um novo "mundo cultural", com valores, crenças e práticas distintas das de Mantenópolis. Dessa forma, a migração é encarada como uma chance de renovar a identidade pessoal, possibilitando que a pessoa reflita sobre sua relação com a sociedade e consigo própria. Através do contato com o ambiente social e espacial, Carlinhos reconfigura seus valores, suas crenças e suas práticas, desenvolvendo uma nova identidade migrante.

Lahire nos encoraja a ir além da mera concepção de espaço como somente um pano de fundo passivo da migração. Ele diz que o ambiente tem um papel ativo na maneira como as pessoas percebem, agem e se sentem durante a migração, uma vez que os indivíduos encontram-se numa busca homérica para mitigar as físuras causadas e as consequências geradas pela ação migratória, como se ela pudesse ser naturalizada interiormente e exteriormente.

Quando determinado sujeito escolhe ou é impelido a realizar a ação migratória, sua permanência corpórea é sempre remetida a uma esfera espacial, como processadora material e existencial dos arranjos harmônicos ou desarmônicos advindos disso. Por meio disso, discute-se a seguir o padrão de racionalidade da experiência e como ela pode (ou não) ser descrita por meio do conceito de espaço e espacialidade.

7. ESPACIALIDADE E PADRÃO DE RACIONALIDADE NA EXPERIÊNCIA INTERSUBJETIVA DE CARLINHOS

Neste capítulo, aborda-se como a noção de espacialidade pode estabelecer vínculos marcantes e profundos com a ideia de um padrão de racionalidade abordado por Merleau-Ponty. Ademais, pretende-se unir tais conceitos e ideias com as experiências narradas por Carlinhos, concebendo a possibilidade de se utilizar da espacialidade geográfica (de cunho humanista) como um padrão de racionalidade para as experiências intersubjetivas.

A compreensão mais abrangente da filosofia de Maurice Merleau-Ponty possibilitou um desempenho crucial no estabelecimento das noções da experiência humana, principalmente ao que tange à percepção e à intersubjetividade. A abordagem do autor francês, de caráter fenomenológico, coloca em destaque a importância do corpo, da ideia de corporeidade e da percepção, possibilitando uma construção de mundo para os indivíduos, por meio da sua subjetividade localizada. (MERLEAU-PONTY, 2000)

7.1 Espaço e tempo: elos da mesma corrente

As noções de espaço e tempo são categorias amplamente discutidas na obra merleau-pontyana. Devido a suas abordagens filosóficas, o autor francês afirma que o espaço percebido não é o espaço euclidiano ou o espaço matemático, onde tudo tem valor geral e comum a todos, independente da posição do observador. O espaço perceptivo é polimorfo e dispõe de inúmeras facetas presentes na mesma estrutura "objetiva", relacionados amplamente na percepção.

"Todos os sentidos devem ser espaciais se eles devem fazer-nos ter acesso a uma forma qualquer do ser, quer dizer, se eles são sentidos. E, pela mesma necessidade, é preciso que todos eles se abram ao mesmo espaço, sem o que os seres sensoriais com os quais eles nos fazem comunicar só existiriam para os sentidos dos quais eles dependem (...), faltar-lhes-ia a plenitude do ser e não poderíamos verdadeiramente ter consciência deles, quer dizer, pô-los como seres verdadeiros" (MERLEAU-PONTY, 2000, p. 293)

Tendo as sensações como qualidades sensíveis, o espaço se tornaria um conjunto de possibilidades diante de todas as sensações que se tornam dependentes da consciência. Há diferenças entre o espaço geográfico enquanto categoria inerente à Geografia e o conceito de espaço para Merleau-Ponty, mas segundo a abordagem metodológica escolhida (dentro de um viés humanista), é possível realizar aproximações que ampliam a compreensão geográfica em sua multiplicidade de propriedades. Diante disso " O corpo fenomenal é espacial não no sentido de que o corpo objetivo é 'no' espaço, mas no sentido de que 'nosso encontro primordial com o ser' é de início 'situado' e orientado" (DUPOND, 2010, p.22)

Pelo corpo, nos fixamos ao espaço e nos é possibilitado uma capacidade de realinhamento dos nossos campos perceptivos, numa lógica de "co-nascimento" e "co-naturalidade". A formação do espaço se dá a partir do íntimo contato primordial com o ser, qualificando-o para ser passível de transformações. O espaço é existencial, mas a existência também é espacial (FIGUEIREDO, 2015, p.85)

Merleau-Ponty separa o espaço em dois campos: o espaço posicionado e o espaço situado (MERLEAU-PONTY, 2011). O primeiro refere-se à posição de localização de determinado objeto, sendo este o que mais se parece com o dito Espaço Geográfico, como local da experiência concreta, na qual os objetos estão dispostos como objetos que ocupam um lugar materialmente no espaço. Já o espaço situado se assemelha com o sentido de lugaridade vivida e experienciada, determinada pela ordem do percebido. A espacialidade de posição é denominada como a conjuntura de haver coisas posicionadas em referência a outras coisas (CAMINHA, 2010).

Merleau-Ponty (2011) sugere que enxergamos para além do espaço como palco, propondo que ele seja um agente e fonte da própria percepção. Por meio do movimento corporal, vivenciamos o mundo e suas conexões, criando um espaço experienciado que acontece antes de qualquer análise lógica. Caminha (2010) criticou a ilusão da objetividade espacial, que diminui a riqueza sensorial das paisagens para um sistema de coordenadas impessoal. A eliminação do show visual empobrece nossa experiência do mundo ao nos afastar das diversas perspectivas e da fluidez das relações espaciais.

Podemos entender o espaço como um equilíbrio entre a experiência sensorial e a concepção abstrata. A percepção do ambiente começa ao mergulharmos no universo, quando nossos sentidos nos brindam com a diversidade das paisagens. Contudo, a razão procura organizar essa experiência, estabelecendo um ambiente objetivo que auxilia na análise e no controle.

Reconhecer a complementaridade entre esses dois modos de perceber o espaço é fundamental. A experiência sensorial nos aproxima da imediatidade das relações espaciais, ao passo que a abstração nos ajuda a compreender a estrutura e as leis que a governam. Quando rejeitamos qualquer aspecto, corremos o risco de tornar nossa experiência do mundo mais pobre.

Resumindo, o espaço não é apenas um cenário passivo, mas um agente ativo na formação de nossa percepção. Por meio da interação entre o que é perceptível e o que é real, podemos estabelecer um contato mais profundo e relevante com o ambiente ao nosso redor.

Para Merleau-Ponty, os elementos centrais da existência transcorrem e permitem a configuração de sentidos ao sujeito a partir do estabelecimento de inúmeras relações vividas com o mundo materializado, permitindo que haja uma pré-reflexão da percepção através da experiência. Além disso, o autor francês constitui do modo geográfico, o espaço de posição, a fim de destituí-lo da rigidez da Geografia e compor uma nova interpretação (denominado de espaço situado, sendo este o corpo próprio no qual se é apropriado a experiência perceptiva dos indivíduos) (FIGUEIREDO, 2015).

O espaço de situação seria o elemento crucial que fundamenta o ponto inicial para a existência de outras coisas. Um espaço de fato percebido, experimentado e habitado por um corpo vivido e senciante e não mais por um elemento pensante isento e inerte. Alicerçado nisso, a espacialidade da situação permite ir para além da finalidade de definir e diferenciar localizações, visto que o local é apenas parte constituinte do ambiente em que vive. Caminha (2010, p.237) mostra que " A espacialidade de situação é o espaço que o corpo constitui com base em seu modo próprio de ser no mundo, já que a única maneira de ser no mundo é

habitá-lo". O discernimento da espacialidade de situação se configura por meio do processo de intencionalidade como ato transformador do espaço posicionado e da espacialidade posicional.

O poder de Carlinhos de experimentar Mantenópolis sem se locomover, através de um processo mental de lembrança, revela a conexão intrincada entre o espaço vivenciado e a percepção do mundo, de acordo com Tuan (2013). Por meio da intencionalidade, Carlinhos ultrapassa os limites físicos do local que ama e mergulha em suas lembranças e vivências, recriando-o em sua mente.

Por meio do espaço situado, Carlinhos pode se movimentar sem sair do lugar, dado que foi a sua capacidade intencional de vivenciar aspectos de Mantenópolis que o permitiram deslocar-se no mundo percebido, elaborando um regresso mental para sua localidade topofílica. (TUAN, 2013). Lembra-se aqui que o corpo é o pilar central da orientação da nossa experiência no mundo percebido (MERLEAU-PONTY, 2011) e, por isso, se coloca como uma janela "para" o mundo.

Os acontecimentos fenomênicos, de ordem perceptiva, são capazes de serem descritos, pois possuem determinada posição e estão dispostos de uma forma organizada no mundo percebido, distribuídos na superfície e passíveis de serem percebidos enquanto objetos distintos. Assim, o espaço de posição torna-se fundamental para a definição do espaço de situação, uma vez que a partir do primeiro tomamos as bases associativas que constituirão as percepções disponíveis ao último. De certo modo, reforça-se a concepção do real entre aquilo que se tem como "comum" aos indivíduos e aquilo que é particular a cada um deles.

Portanto, as transfigurações posteriores às experiências migratórias estão constituídas numa mundana intencionalidade do "sentido do lugar". O sentir é parte integrante e fundamental para uma realização efetiva do espaço.

Este espaço difere dos espaços normalmente descritos e denominados pelos filósofos, dado que se identifica como espaço vivido. Mesmo com tais diferenças entre o conceito de espaço geográfico e o espaço na filosofia merleau-pontyana, pelo método aqui escolhido foi possível realizar uma série de aproximações e relacioná-las com os eventos descritos na experiência de Carlinhos, como nos exemplos abaixo:

“Eu me apego nessas bosta de boi tudo aí, pra lá e pra cá, não tem problema comigo, eu gosto disso. Entendeu? Sentir aquele quentinho no peito, que cheiro, esse cheiro de mato aí, né pai? Eu gosto desse cheiro”.

“Me aguardava, que eu tô chegando lá com minha companheirada, nós pescamos, caçamos, jogamos na nossa malha, entendeu? Montar em burro brabo. E só pra deixar aí meu laço aí, arrumar no canto igual deixei, só passa um sebozinho nele pra

não ficar ressecado. É o que chega aí, você treinar toda a vez, laçar boi, entendeu? E eu já tô destreinado, capaz de nem saber laçar mais”.

As partes do relato de Carlinhos são cheias de sensações e emoções, e demonstram uma compreensão profunda do ambiente em que vivem, conforme descrito por Maurice Merleau-Ponty (1999). Por meio da investigação fenomenológica, é possível compreender como o corpo, os sentidos e as emoções influenciam a percepção espacial do nosso protagonista, criando um mapa singular e pessoal do ambiente.

Ele mostra uma forte ligação com a vida no campo, caracterizada pela intimidade com a natureza e pela imersão sensorial na sua rotina. O aroma da vegetação, a sensação de calor no peito e a consistência das fezes de boi não são apenas estímulos do ambiente, mas sim partes integrantes da sua vivência no espaço.

Merleau-Ponty (1999) nos mostra que a percepção não se restringe à visão, mas abarca todos os sentidos e formas sensoriais. O corpo todo se transforma em um "ser no mundo", envolvido em um contínuo de sensações que influenciam a maneira como percebemos o espaço como algo em constante mudança e com várias facetas. No caso de Carlinhos, essa absorção sensorial possibilita a construção de uma conexão profunda com o entorno, ultrapassando a simples objetividade e atingindo um aspecto existencial intersubjetivo, ou seja, relacionado com outros elementos externos ao indivíduo.

Os trechos acima também ressaltam a relevância da motricidade na formação do ambiente cotidiano. Quando fala sobre ações como cavalgar em um burro selvagem, laçar bois e jogar malha, ele evidencia a forma como o corpo se desloca e se relaciona com o ambiente, influenciando sua percepção do espaço como algo ativo.

Merleau-Ponty enfatiza que a motricidade vai além da simples movimentação, abrangendo todas as maneiras de interação do corpo com o ambiente. Por meio da atividade, o corpo investiga o local, interagindo com objetos e criando um mapa espacial exclusivo e pessoal, mas pautado também por lógicas socioespaciais. No contexto do Carlinhos, as tarefas comuns da vida rural resultam em um ambiente vivido caracterizado pela atividade, pela mobilidade e pela interação com os animais.

Já a categoria do tempo e das temporalidades se assemelham muito com a lógica exercida pelo espaço. Ao estabelecer uma relação umbilical entre o tempo e a subjetividade, pode-se afirmar que a existência do ser enquanto indivíduo também é temporal, pois a sua existência ontológica é determinada e delimitada pelo tempo.

O tempo é vivido como memória, e por isso memória e identidade adensam o lugar. A memória é a experiência vivida que o significa, definindo-o enquanto tal. Não é à toa que pensar em lugar é mais fácil recuando no tempo: lugar de nascimento, lugar

de lembranças, lugar de saudade, lugar de memória, lugar de identidade. Ele parece mais conectado a uma tradição, a uma experiência profunda de entrelaçamento com a terra (MARANDOLA JR, 2014, p. 229).

O tempo seria o fiador de uma inserção perceptiva ao não se constituir diretamente pelo indivíduo, mas disponibilizando-se para estabelecer inúmeros vínculos e conexões possíveis. Assim, a síntese perceptiva é por si só uma síntese temporal, na qual o panorama perceptivo é sustentado pelos aspectos referentes à temporalidade.

Ademais, o tempo seria então como um processo de relação entre o indivíduo e as coisas, que não demandam uma linearidade sucessiva de eventos e fenômenos, uma vez que eles podem reaparecer no campo do presente, mesmo advindo do dito "passado", sendo concebido como par ontológico do espaço. Os conceitos merleau-pontyanos estão sob a égide do conceito de tempo, assim, "analisar o tempo não é tirar as consequências de uma concepção pré-estabelecida de subjetividade, é ter acesso, através do tempo, à sua estrutura concreta" (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 550)

A temporalidade é definida como o tempo referenciado a uma subjetividade, numa dimensão ontológica. É pela temporalidade que o corpo e consciência são vinculados, o que reforça os vínculos das subjetividades existentes na experiência migrante. A existência do espaço se dá na cadeia constituída por elos materiais e simbólicos que se refletem mutuamente. Portanto, o tempo e o espaço dispõem da influência da percepção do mundo, uma vez que nada existe em nada, tudo precisa ser temporalizado e localizado espacialmente pelo sujeito. Neste caso, "Sou eu (o indivíduo) quem efetua a passagem do presente a um outro presente, pois eu já estou no presente que virá, eu não a penso" (MERLEAU-PONTY, 2000, p.564)

Ambos os atributos apresentados acima (espaço e tempo) não são categorias mantidas apenas no âmbito externo, mas estabelecem vínculos com dimensões inerentes ao ser, o que reforça a totalidade espaço-temporal que é sobreposta na lógica do mundo "objetivo". Portanto, compreende-se que estas categorias se misturam diante da percepção enquanto experiência, qualificando tanto o mundo quanto os sujeitos como inacabados e impossibilitados de uma percepção total idealizada, numa noção de síntese infinita. Merleau-Ponty subordina o espaço ao tempo, mas abre possibilidades para que os assemelhe.

A espacialidade é tida como um senso de lugar dentro da perspectiva da Geografia Humanista, sendo parte integrante das diferentes existências entre os grupos humanos e as reproduções destas diferenças. (CORRÊA, 2011). A distinção entre espaço e lugar é crucial, uma vez que o primeiro é dado como impertinente e o segundo como íntimo, personalizado.

Desta forma, obtém-se uma espacialidade demarcada na experiência, disposta sobre uma ordem dialógica entre objetivo e subjetivo que circunscreve a vivência permitida para cada um. Conceitos como o de lugaridade e não-lugaridade expressam fortemente tais limites. Fixa um contexto temporal e espacial que, no caso das migrações, tem as suas especificidades no “estar deslocado”, uma vez que inúmeras são as "facetas" que superam as "condicionantes", sendo "essencial questionar quais são as consequências espaciais existentes do ato de migrar" (MARANDOLA JR; DAL GALLO, 2010, p.418)

As experiências humanas estão diretamente conectadas ao contexto de onde se vive, alterando os sentidos e o comportamento em relação às práticas espaciais que se modificam em distintos contextos. Tais experiências constroem e reproduzem os múltiplos afetos possíveis e reprojeta isso diretamente no modo de ser e existir do corpo e nas relações com o próprio espaço geográfico.

A ação de mover-se sobre a terra é uma forma clara de se experienciar o espaço e suas dimensões materiais e simbólicas. Por meio da própria experiência espacial nos é conferida uma direcionalidade que age no subconsciente dos indivíduos, tornando-os capazes de tomar decisões e "escolher" quais movimentos devem ser realizados. (TUAN, 1983)

Em Merleau-Ponty encontramos uma abordagem unívoca da corporeidade humana, visto que dispomos do corpo como a principal forma de se conectar com o mundo e interagir com ele. Assim, Merleau-Ponty busca descrever a percepção corpórea como uma experiência contínua e localizada, uma vez que este corpo foi construído e reside em determinada localização. É a partir do próprio corpo que somos possibilitados a sermos parte da compreensão de mundo, tendo o corpo como aquele que pauta a nossa existência, nossas percepções e nossas ações em certos acontecimentos (FERRAZ, 2009).

Neste sentido, Merleau-Ponty busca apontar que as múltiplas experiências possíveis para um fenômeno não são paradoxais por primazia, pelo contrário, elas dispõem de um padrão de racionalidade que aponta para as bases descritivas que sustentam a atividade do corpo e do mundo percebido.

7.2 Padrão de racionalidade

A maneira como o padrão de racionalidade se manifesta é comparável a um jato de água, já que mantém uma forma constante devido ao fluxo ininterrupto de água. Da mesma maneira, a progressão do tempo mantém uma constância (a consciência atual) em que são distinguíveis diversos momentos (passados e futuros). De acordo com Merleau-Ponty (1999), durante a experiência atual, o mundo se revela de acordo com as estruturas perceptivas, porém sem se limitar a ser apenas um reflexo subjetivo, o que evita que a fenomenologia seja considerada idealista e puramente opinativa. A partir dessa inflexibilidade, a experiência é sustentada por uma lógica temporal intrínseca à ocorrência do fenômeno.

“O mundo percebido abarca os instantes passados em que se manifestou e anuncia instantes em que se manifestará, ou seja, se estende para o passado e para o futuro, dimensões que excedem a apreensão subjetiva atual das situações mundanas” (FERRAZ, 2009, p.26)

Na obra, *Fenomenologia da Percepção*, Ponty estabelece que a temporalidade, enquanto noção filosófica, deveria ser considerada como padrão de racionalidade, pautando-a como uma estrutura existencial complexa, composta por um fenômeno geral de escoamento, um fluxo de passagem (tempo constituinte) que se realiza como uma multiplicidade de instantes sucessivamente organizados como momentos passados, presentes e futuros (tempo constituído) (FERRAZ, 2009).

“A coisa e o mundo só existem vividos por mim ou por sujeitos tais como eu, já que são o encadeamento de nossas perspectivas, mas transcendem todas as perspectivas porque esse encadeamento é temporal e inacabado.” (MERLEAU-PONTY, 2000, p.477)

Para o filósofo em questão, o presente usufrui de um privilégio que se expressa na estabilidade do seu foco, por meio do qual os demais instantes podem ser caracterizados e reconhecidos. Ademais, o fluxo de passagem do tempo ampara o próprio presente (considerando-o como formador da consciência humana) em relação à qual diferentes instantes são discernidos (passado e futuro). A distinção entre o foco presente (que se confunde com a perspectiva subjetiva consciente) e os demais instantes constituídos (que aparecem como eventos autônomos), permitem esclarecer as ambiguidades anteriormente reconhecidas no corpo e no mundo percebido. Para Merleau-Ponty, na experiência presente, o mundo se manifesta conforme os parâmetros das estruturas perceptivas, mas sem se reduzir a um correlato subjetivo único, ou seja, dotado de inúmeras temporalidades.

Segundo Merleau-Ponty, a temporalidade também permite compreender a ligação entre os aspectos mentais e físicos da vida humana, solucionando assim a questão tradicional das relações entre a mente e o corpo.

O ponto central em questão não é um momento único, mas sim, de acordo com Merleau-Ponty (1999), um conjunto de possibilidades conectadas ao passado e futuro.

Uma vez que a consciência atual nunca compreende completamente o passado e o futuro, a vida fisiológica ligada a essas dimensões não é totalmente controlada pelas intenções subjetivas. (FERRAZ, 2009)

As espacialidades são consideradas como formas sociais inerentes aos usos e as apropriações de recursos de determinados espaços geográficos, o que implica a garantia de certas relações de produção do próprio espaço. Além disso, tal conceito se expressa na organização material dos objetos espaciais, das suas lógicas predominantes e processos de formação socioespacial, caracterizado por uma pressuposta predominância da esfera material do espaço, com a prerrogativa do cerceamento e construção factual dos aspectos subjetivos e imateriais. (MARANDOLA JR; OLIVEIRA, 2009)

Uma vez que a essência existencial presente na análise do indivíduo, abarcando sua temporalidade e espacialidade como padrão de racionalidade, afirmo que todos os conhecimentos obtidos por esta pesquisa são de ordem generalista, genérica, mas nunca universais. Assim, pela tomada de consciência da existência de um espaço presente, ativo e agente, que permite a sua observação para trás e para frente.

“Não obstante, estabelecendo um padrão de racionalidade que fundamenta as descrições da atividade corporal e do mundo percebido, essa estrutura existencial complexa revela também a existência do *cogito tácito*”⁶. (ANDRADE, 2021, p.270)

Faz-se necessário demarcar que o conceito de espacialidade com o qual se trabalhou é apenas o geográfico, e não o conceito de espacialidade existencial para Heidegger, ainda que entre eles possam haver aspectos de diálogo. Espacialidade para Heidegger se caracteriza enquanto questionamento filosófico de saber como e com quem se cria o espaço que se habita, subjugando a discussão da espacialidade para a existência da temporalidade, ou seja, a espacialidade da existência é fundamentada na temporalidade. (SYLLA, 2020)

⁶ Por *cogito tácito*, refere-se ao conceito merleau-pontyano da capacidade transcendente de dialogar o tempo e a espacialidade, possibilitando uma expressão do indivíduo enquanto subjetividade existente no mundo. É por meio do *cogito tácito* que se torna possível projetar ao redor dos elementos dispostos na minha experiência espacial num horizonte temporal, designando orientação unívoca para tais fenômenos. (MERLEAU-PONTY, 2000)

A distinção entre a espacialidade como conceito geográfico e a espacialidade na filosofia de Martin Heidegger é crucial para observar as diferentes abordagens e compreensões atribuídas a cada termo. A espacialidade para a geografia é concentrada na ordem do espaço físico e a sua organização material, referindo-se às características do espaço geográfico. Já para Heidegger a espacialidade é abordada de forma mais abstrata, mas sem perder sua capacidade objetiva. O autor distingue as duas dimensões da espacialidade: a espacialidade categorial e a espacialidade existencial.

A espacialidade categorial é referente a como os objetos estão posicionados no espaço e estabelecem relações entre si. Essa abordagem se aproxima mais da delimitada pela ciência geográfica, uma vez que o espaço é concebido enquanto uma resultante dos movimentos e construções humanas na sociedade. Por outro lado, a espacialidade existencial transpassa a mera disposição física das coisas e aborda como os seres humanos experienciam e habitam o espaço. Heidegger afirma que o espaço não é um recipiente neutro e passivo a ocorrências rotineiras aleatórias, mas é uma forma imbuída de um significado existencial (SYLLA, 2020). A espacialidade existencial lida com a relação visceral entre o ser humano e o espaço, se concentrando nas percepções e vivências possíveis de se realizar, tornando o espaço como parte integrante da existência humana, influenciando a compreensão do “ser-no-mundo”.

No âmbito filosófico de Heidegger, a espacialidade existencial está intrinsecamente interligada ao conceito de ser-no-mundo, ao ressaltar a importância do ambiente na composição de vida humana. O conjunto de cargas significativas e culturais contidas no espaço possibilita diferentes expressões e experiências aos indivíduos que nele habitam. A espacialidade existencial enfatiza que a experiência espacial não se restringe à disposição física dos elementos, mas também uma questão de pertencimento e identidade.

Observa-se em Heidegger que a concepção de espacialidade está entrelaçada com a prática diária e a proximidade dos instrumentos e técnicas disponíveis, como destacado por Gorner (2007). Por outro lado, Dardel amplia significativamente esse conceito ao focar principalmente a experiência geográfica, as descobertas, os sentidos e as relações afetivas que surgem com o lugar, como dito por Besse (2015).

Após essa necessária digressão, afirma-se que a relação tempo-espaço é inerente à existência humana e ambos são fenômenos gerais de escoamento, o que implicaria em certa subordinação da temporalidade descrita por Merleau-Ponty sobre a objetividade material. Busquei entender a possibilidade de constituir o espaço como lócus incisivo de passagem entre os sujeitos (denomina-se aqui de espaço constituinte) e como um cenário resultante de uma multiplicidades de “instantes” organizados nas camadas materializadas sob a égide do

presente (denominando um espaço constituído), tornando-o um padrão de racionalidade para a análise e realização das experiências intersubjetivas, configurando-o para um uso geográfico.

“[...] M. Merleau-Ponty seria a ponte entre a fenomenologia e a pós-fenomenologia, a qual estaria se abrindo para a confrontação antrópica com o mundo (e sua articulação cultural) como um contexto de significados trans-subjetivo que demanda permanente elucidação e interrogação. Por outro lado, é M. Heidegger que abre caminho para a reflexão sobre a espacialidade e as questões ontológicas na era da técnica, inclusive no campo da corporeidade.” (MARANDOLA JR, 2013, p.57)

Ao me valer do conceito de espacialidade e aplicá-lo ao caso de Carlinhos, oriento-me pela presença dos espaços e de suas espacialidades expressas no contexto tangível e sensível da vivência do migrante. Por meio da vinculação corpo-mundo, os espaços delimitam possibilidades de abordagens que seriam “esperadas” dentro de uma ordem comum, cerceando as subjetividades possíveis. Em outras palavras, é como se cada localidade carregasse um conjunto de significados delimitados pela sua composição e estrutura e permitisse aos indivíduos que nele se relacionam de observá-lo e dotá-lo de tais significados que mais lhe apetece ou são passíveis de observação, relacionando a experiência pré-objetiva com a objetividade material.

Diante disso, proponho aqui que se utilize do conceito de espacialidade como possível padrão de racionalidade que orientaria um “núcleo duro” de percepções intersubjetivas possíveis, reforçando umbilicalmente a orientação corpo-mundo proposta em Merleau-Ponty. O padrão de racionalidade sustenta o corpo migrante no mundo percebido que o recebe, desde as características físicas e materiais, até os aspectos mentais e alegóricos.

“ No espaço geográfico, podemos fazer a experiência do mundo percebido, com base em um inventário detalhado dos locais onde vivemos, tomando como modelo a singularidade de suas aproximações ou de seus afastamentos.” (CAMINHA, 2010, p.194)

As experiências possíveis são "racionalmente" disponíveis, pois estão arranjadas material e simbolicamente pelos sujeitos presentes, levando em consideração as configurações espaciais pretéritas e as viabilidades iminentes de transformação espacial.

Desta forma a observação comum dos sujeitos a um mesmo espaço é passível de diferentes interpretações, mas todas dentro de uma esfera comum de percepções, dado o padrão de racionalidade vinculado ao espaço.

Os múltiplos instantes agrupados incluem e excluem percepções disponíveis no presente e expressas no espaço constituído. Os espaços constituintes são os garantidores das experiências dispostas em tais espaços.

Aplicando essa estrutura proposta ao se valer da espacialidade como padrão de racionalidade na narrativa de Carlinhos, configura-se que os diversos espaços de sua vivência, dotados de espacialidades únicas e alinhados em fartos instantes, se manifestam no presente migrante materializando o seu passado de prazeres e seu futuro esperançoso num presente de angústias.

Pela forma do presente, Carlinhos percebe o fenômeno migrante em comparativo com formas pretéritas de sua existência experiencial e projeta possibilidades materiais de seu regresso. No seu espaço de destino, a partir de particularidades objetivas (como clima, alimentação, relações sociais, elementos urbanos, vestimentas, etc.).

Portanto, os elementos do espaço (por meio da espacialidade) concedem racionalidade à experiência intersubjetiva de Carlinhos, tornando-a estruturada para além de seu caráter abstrato. Conjuntamente tal fato corrobora com a perspectiva filosófica proposta por Merleau-Ponty, ao vincular intrinsecamente corpo e mundo como entidade única e consolidada na consciência corporal.

A partir da espacialidade, observa-se o regresso de Carlinhos à sua cidade natal, Mantenedópolis, examinada sob a ótica da “segurança existencial” (MARANDOLA; DAL GALLO, 2010), acrescentando uma nova camada à discussão da espacialidade enquanto a experiência de Carlinhos. Recapitulando, o conceito de segurança existencial remete a sensação de estabilidade e pertencimento que os indivíduos buscam obter em suas vidas, estando interligada a lugares e sujeitos, formando espaços de conforto e proteção como normalmente a casa, o bairro, a cidade e o país..

Quando Carlinhos retorna à Mantenedópolis após sua experiência no exterior, há um retorno às raízes. Com este regresso, ele reencontra lugares, pessoas e memórias que configuraram a sua existência desde a sua infância. Nesta direção, essa volta física ao seu lugar de origem está intimamente ligada à busca de restabelecer a segurança existencial que foi perdida no seu ato migratório, reconectando com sua identidade e consolidando seu pertencimento à cultura em que foi formado.

“A casa é o território e o lugar do ser, que desperta, ao mesmo tempo, os sentimentos de posse e de pertencimento: ela me pertence e eu pertenço a ela. A casa é espacialidade e temporalidade, representando também momentos e histórias de vida que se acumulam e fazem do tempo algo sincrônico, não apenas uma sequência de agora” (VIRGENS, 2022, p. 101)

Não só no retorno de fato, mas suas aproximações ainda longe de casa, demonstram o quanto a espacialidade do lar revela uma experiência pertencente ao indivíduo, interferindo diretamente na expressão espaço-temporal que Carlinhos sentiu ao migrar. Enquanto distante de casa, seus padrões objetivos não foram alterados e ele não se identificou com os novos alicerces sólidos na sua localidade de destino.

Nas falas de Carlinhos, as experiências de topofilia e de topofobia se confundem e trazem à tona sentimentos saudosistas em relação ao lugar de origem. “Quando são positivas e agradáveis, elas são experiências de topofilia, mas quando são repulsivas, desagradáveis e negativas elas são experiências topofóbicas” (RELPH, 1979, p. 19). A distância parece misturar ainda mais esses sentimentos, numa mescla de desejo de enriquecimento e de uma vida melhor para si e seus familiares, mas por outro a perda do próprio indivíduo que pouco se reconhece na vida migrante e busca sua volta quase que imediata. Por meio do espaço e das características nele contidas, os medos de Carlinhos são agudizados e lembrados.

De fato, os migrantes experimentam o local de destino, mas muitos deles não estabelecem afinidade com a forma de operar desta nova localidade, mantendo parte da sua estrutura individual inalterada. Isso não quer dizer que haja uma rejeição completa do modo em que as coisas são feitas neste novo contexto. Algumas práticas são forçadas ou voluntariamente adotadas pelos sujeitos, à medida que sua identidade resiste em persistir.

Assim, os migrantes escolhem reconfigurar seus espaços em comparação com seu lugar de saída, reafirmando seus vínculos de experiências e co-existência, negociando sua identidade numa lógica híbrida entre o “lá” e o “aqui”, ou até mesmo reequilibrando as demandas esperadas no processo migratório, ampliando-as ou reduzindo-as. Ao gerenciar limites entre afeto e estranhamento causado pela sensação de deslocamento, o migrante busca construir espaços que permitam sua plena existência, mesmo que em efêmeros momentos.

Carlinhos barganha tal existência em alguns trechos, como nos apresentados abaixo:

“Eu até acho bom quando os meninos me chamam turista do interior, quando eles falam assim, me dá aquela... Eu lembro de tudo aí, então eu até gosto.”

“eles gritam com a gente como se a gente fosse filho e eles não tem o meu temperamento, não dá pra essas coisas eu vou estar sentado com uma arte dela na cabeça de um porra porra desse e pronto me bota nervoso, entendeu? mas tem que ganhar o dólar, tem que ganhar alguma coisinha mas eu já estou estourado já, entendeu?”

Os migrantes buscam constituir, edificar seus lugares de modo que eles possam habitar. O sentido do lugar suscita um sentimento de bem estar, uma sensação de que a alma

está sendo nutrida. É habitando que o sujeito realiza seu modo de ser-e-estar no mundo (MARANDOLA JR., 2008). Além disso, o migrante experiencia uma situação de transitoriedade ontológica, isto é, uma busca por situar-se no mundo e retomar a segurança existencial. Essa transitoriedade envolve uma sensação de incongruência entre o ser e o mundo, e uma negociação do ser-no-mundo, possibilitando sentimentos de repulsa.

A repulsa ao lugar está intimamente ligada ao homem. O migrante, embora tenha vivido por muito tempo em um lugar estranho ao seu, numa outra cidade, região ou país, mesmo estando adaptado a este novo lugar, sempre se direcionará ao seu “lugar” como seu verdadeiro lar. É comum ouvirmos de quem migra quando fala de seu território: “lá em casa”, “na minha terra”. “Longínquo no tempo e, ao mesmo tempo, próximo, interiorizado, o lugar do passado, altamente significativo para o indivíduo ou para os grupos sociais, pode ser desprovido de notoriedade para os outros, entretanto, para a pessoa atada por laços topofílicos ao passado, persiste como símbolos de identificação imorredoura”

Tendo identificado e interpretado estruturas de experiência, torna-se possível examinar os caminhos pelos quais se constituem, onde elas se originam, como elas se desenvolvem e se transformam e, também, colocá-las num contexto ontológico mais amplo. Esta última fase do método fenomenológico é de considerável importância para filósofos e teólogos, mas tem relevância menos imediata para aqueles que estão relacionados com os aspectos social e geográfico do mundo-vivido (Tuan: 1980. MELO, 2001, p.94)

Este capítulo examinou a relação entre o espaço e os critérios de relevância, especialmente através das experiências relatadas por Carlinhos. Destacamos a importância da filosofia de Maurice Merleau-Ponty para a compreensão das percepções e relações humanas, enfatizando o papel crucial do corpo e da consciência na criação do sujeito-mundo. Merleau-Ponty levou a um entendimento mais profundo do espaço, não apenas como uma estrutura física, mas também como parte importante da percepção e da vida humana.

Observa-se que as noções de espaço e tempo revelam as conexões entre a experiência humana e a construção de significado. O espaço não é apenas um arranjo físico das coisas, mas uma forma que afeta e influencia as experiências, memórias e identidades das pessoas. Compreender os elos entre o passado, o presente e o futuro é fundamental para demonstrar a importância do lugar na nossa visão de mundo.

Atendendo a esses princípios nas experiências de Carlinhos, fica claro que sua peregrinação e seu retorno a Mantenedópolis estão relacionados à sua busca por proteção e conexão. Carlinhos entende a estabilidade e a identidade de sua casa como um lugar físico e simbólico, mostrando a relevância do lugar para moldar nossas experiências e encontrar significado.

Assim podemos dizer que a espacialidade vai além de simples marcadores geográficos e representa as estruturas conceituais que influenciam nossas percepções e interações,

legitimando-as para além de mera sensação. Através do espaço, fortalecemos a união corpo/mundo, influenciando a nossa identidade e sentido de pertença.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao encerrar esta jornada de investigação sobre a experiência migrante de Carlinhos e suas nuances, conclui-se que é necessário refletir as complexidades que emergiram durante tal estudo. De imediato, lembra-se das limitações que se fizeram presentes, o que delimita certos caminhos para futuras investigações.

Um aspecto fundamental a ser considerado é a lacuna que permeia a ausência de um contato direto com Carlinhos. Como mencionado anteriormente, a única fonte de informações da sua vida e acontecimentos são advindas da fita cassete e os relatos fornecidos por ele, impossibilitando uma reconstrução completa do seu paradeiro e os desdobramentos do seu retorno ao Brasil. Tal limite fez com que as conclusões obtidas neste texto fossem apenas baseadas nos dados contidos, tornando a análise mais cuidadosa para não realizar inferências falsas.

A própria utilização da fita cassete, como meio de contato entre Carlinhos e sua família é por si só um elemento conclusivo por demarcar no espaço e no tempo como se desenvolveu a experiência migrante dele, o que seria realizada de outra forma caso ocorresse nos dias de hoje. Enquanto um instrumento de comunicação do passado, a fita cassete contrasta com a multiplicidade tecnológica das telecomunicações disponíveis na atualidade, destacando a importância de frisar a esfera temporal na interpretação dos relatos. Ao embasar a análise no suposto contexto temporal da fita, foi possível colher relatos de grande valor para assimilar a experiência migrante dentro do campo da Geografia Humanista.

À medida que avançamos na compreensão das experiências migrantes, é essencial cultivar uma abordagem empática e sensível, reconhecendo a diversidade de trajetórias e vivências dentro da comunidade migrante. Isso implica não apenas em oferecer apoio prático e recursos, mas também em criar espaços para que os migrantes compartilhem suas histórias, experiências e perspectivas, valorizando assim sua voz e contribuição para a sociedade.

Ao observar os lugares como agentes constitutivos da intencionalidade e da consciência humana, tornou-se possível estabelecer laços ampliados dentro do par corpo-mundo e projetar os aspectos teóricos com o relato de vida de Carlinhos. A preservação cultural, natural, identitária e simbólica do seu local de origem, expressa na sua espacialidade, sintetiza a capacidade afetiva do indivíduo estudado dentro de uma lógica topofílica. Em contrapartida, uma espacialidade diferente da normalmente vivida por Carlinhos assola a sua percepção de mundo, amplia a vulnerabilidade do corpo em detrimento dos fatos ocorridos e rompe com uma segurança existencial, o que evidenciaria as narrativas

topofóbicas, mesmo com os elementos mais corriqueiros. Portanto, afirma-se o quanto as relações de espacialidade são preponderantes para estipular as experiências “disponíveis” para os sujeitos.

As repulsas de Carlinhos em relação ao seu destino migratório são consequências do cisalhamento da sua corporeidade fragilizada diante das recorrentes tentativas de encontrar-se num mundo novo. O estudo da narrativa de Carlinhos reforça a importância de valorizar a dimensão emocional e psicológica do fenômeno “Migração” na análise do fato.

O possível retorno migratório para Mantenedópolis é compreendido como um “antídoto”, algo que curaria todas as mazelas causadas por sua vida longe de casa, num misto de saudade e busca ativa de reconectar suas raízes e enaltecer inúmeras características que foram silenciadas durante sua estadia no exterior. Seu contato com a música sertaneja, novelas e noticiários, proporcionou-lhe um acalento momentâneo no frio do clima e do espírito.

Além disso, é crucial reconhecer que o estudo da experiência migrante de Carlinhos não é apenas uma reflexão sobre uma história individual, mas também um convite para uma análise mais ampla das dinâmicas migratórias em nossa sociedade contemporânea. As narrativas individuais como a de Carlinhos são peças essenciais no quebra-cabeça da compreensão das migrações globais e suas consequências sociais, culturais e políticas, o que encontra respaldo metodológico no próprio Merleau-Ponty e nos escritos de Bernard Lahire, destacando a importância de políticas públicas que promovam a integração e o acolhimento de migrantes, bem como o respeito aos seus direitos humanos e dignidade. A experiência de Carlinhos nos lembra da importância de reconhecer a complexidade e a riqueza das histórias individuais por trás das estatísticas e dos números relacionados à migração.

A migração é um fenômeno intrinsecamente ligado às dinâmicas globais de desigualdade, conflito e mudança. Portanto, abordagens eficazes para lidar com os seus desafios devem necessariamente considerar esses contextos mais amplos e buscar soluções que abordem as causas subjacentes dos deslocamentos forçados e das migrações voluntárias. O estudo da experiência migrante de Carlinhos e as reflexões aqui apresentadas nos convidam a repensar nossas concepções sobre migração, identidade e pertencimento, e a trabalhar juntos para criar um mundo onde todos tenham a liberdade de buscar uma vida digna e realizadora, independentemente de sua origem ou nacionalidade.

É importante ressaltar que este trabalho não esgota todas as possibilidades de análise. Há ainda espaço para investigações mais aprofundadas sobre temas específicos abordados nesta pesquisa, como a relação entre migração e identidade, os impactos psicológicos da

experiência migrante e as estratégias de adaptação e resiliência utilizadas pelos migrantes. Seria interessante explorar outras formas de comunicação e registro temporal utilizadas por migrantes em diferentes contextos históricos e culturais, a fim de ampliar nossa compreensão sobre as diferentes maneiras pelas quais as pessoas constroem e compartilham suas experiências migratórias ao longo do tempo.

Em suma, a experiência de Carlinhos é multifacetada e complexa, marcada por desafios, reflexões e momentos de reconexão. Este estudo buscou oferecer uma visão panorâmica, mas intimista sobre os diferentes aspectos envolvidos na vivência migratória, destacando a importância dos aspectos materiais, imateriais e emocionais para uma análise ampla não apenas como uma conclusão, mas sim um convite para uma reflexão contínua sobre as experiências migratórias e suas implicações para a sociedade como um todo. Que possamos continuar a explorar e aprender com as histórias de pessoas como Carlinhos, em busca de um mundo mais justo, inclusivo e compassivo para todos, servindo como o ponto de partida para novas investigações sobre o olhar geográfico para migração e suas implicações no corpo e na vida humana.

REFERÊNCIAS

- AGNEW, John. *Place and Politics*. Boston: Allen & Unwin, Inc., 1987.
- ANDRADE, Diogo Henrique Lira de. **Um estudo sobre a temporalidade na fenomenologia de Edmund Husserl**. 2022. 89 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2021.
- BACHELARD, Gastón. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BÁLSAMO, Pilar Uriarte. **Perigoso é não correr perigo. Experiências de viajantes clandestinos em navios de carga no Atlântico Sul**. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.
- BESSE, Jean-Marc. *Autour de L'homme et la Terre d' Éric Dardel*. EN: LUNA, Toni; VALVERDE, Isabel. Paisaje y emoción: el resurgir de las geografías emocionales. Observatorio del Paisaje. Universitat Pompeu Fabra. Barcelona. 2015.
- BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. **Sobre a fenomenologia**. In: Bicudo A, Espósito VHC (Org.). Pesquisa qualitativa em educação: um enfoque fenomenológico. Piracicaba: UNIMEP, 1994:15-22.
- BOAES, G., OLIVEIRA, S. B. de, & ASSIS, R. V. de. (2019). **SOCIOLOGIA(S) EM ESCALA INDIVIDUAL**. REVISTA DE CIÊNCIAS SOCIAIS - POLÍTICA & Trabalho, 1(50), 13–28.
- BORJAS, Jordi. *Searching for the Effect of Immigration on the Labor Market*. *The American Economic Review*, Vol. 86, No. 2, Papers and Proceedings of the Hundredth and Eighth Annual Meeting of the American Economic Association San Francisco, CA, Janeiro 5-7, 1996 (May, 1996), p. 246-251.
- BRUM, Jean Lucas da Silva. **Por uma interpretação humanista da relação entre lugar e mobilidade**. Geosp- Espaço e Tempo (*Online*), v.21, n°1, p.109-119.
- BUTTNER, Anne. **Aprendendo o dinamismo do mundo vivido**. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio (Org.). Perspectivas da Geografia. São Paulo: Difel, 1982. p. 165-193.
- CAMINHA, Iraquitã de Oliveira. **O distante-próximo e o próximo-distante: corpo e percepção na filosofia de Merleau-Ponty**. João Pessoa, Universitária, 2010.
- CASEY, Edward S. *Body, Self and Landscape*. In P. C. Adams, S. Hielscher, & K. E. Till (Eds.), *Textures of Place: Exploring Humanist Geographies* (pp. 403-425). Minneapolis, MN: University of Minnesota Press, 2001.
- CHISWICK, B. R. *The effect of americanization on the earnings of foreign-born men*, *Journal of Political Economy*, v. 86, p. 897- 921, out. 1978.

CORRÊA, Roberto Lobato. **As pequenas cidades na confluência do urbano e do rural**. GEOUSP - Espaço e Tempo, São Paulo, 2011.

CRESSWELL, T. *Towards a politics of mobility*. *Environment and Planning D: Society and Space*, n. 28, p. 17-31, 2011.

DAL GALLO, Priscila Marchiori. **Lugar e identidade na experiência migrante**: entre eventualidade e transitoriedade. *Geograficidade*, v.01, n°1, 2011.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 1952.

DUPOND, Pascal. **Vocabulário de Merleau-Ponty**. Tradução Claudia Berliner. São Paulo: WMFMartins Fontes, 2010. (Coleção vocabulário dos filósofos).

ENTRIKIN, J. Nicholas. *Contemporary humanism in geography*. *Annals of the Association of American Geographers*. 64 (2): p. 193-202, 1980.

FERRAZ, Marcus Sacrini A. **Fenomenologia e ontologia em Merleau-Ponty**. Campinas: Papirus, 2009.

FIGUEIREDO, Jadismar de Lima. **Corpo Próprio, espacialidade e mundo percebido em Merleau-Ponty**. Dissertação apresentada no programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal da Paraíba. 2015.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. São Paulo: Livros Técnicos e Científicos, 1988.

GOLGHER, André Braz. **Fundamentos da Migração**/ André Braz Golgher- Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 2004.

GORNER, Paul. **Ser e tempo**: uma chave de leitura/ Paul Gerner; tradução Marco Antônio Casanova- Petrópolis, Rio de Janeiro. Vozes, 2018.

GRAÇAS, Elizabeth Mendes das. **Pesquisa qualitativa e a perspectiva fenomenológica**: fundamentos que norteiam sua trajetória. *Revista Mineira de Enfermagem*, 4(½):28-33, jan./dez., 2000.

HOLZER, Werther. **Mundo e Lugar**: ensaio de geografia fenomenológica. In: MARANDOLA JR., E.; HOLZER, W. OLIVEIRA, L. (orgs.). *Qual o Espaço do Lugar?* São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 281-304.

_____. **A Fenomenologia Ontológica-Estrutural de Armando Corrêa da Silva**: variações sobre o tema. *Geograficidade*, v.4, n. 1, p. 38-42, 2014.

IBGE- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. Tradução de Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão; Introdução e Notas de Alexandre Fradique Morujão. 3. ed. Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

KASSA, Hatsuko. **Merleau-Ponty: o cogito e a temporalidade em fenomenologia da percepção**. 2015. 103 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2015.

LAHIRE, Bernard. **Patrimônios Individuais de Disposições: Para uma sociologia à Escala Individual**. Sociologia, Problemas e Práticas, nº49, 2005, p.11-42.

LIMA, Elias Lopes de. **Do corpo ao espaço: contribuições da obra de Maurice Merleau-Ponty à análise geográfica**. GEOgraphia. Pág.65-84. Ano IX- Nº18. 2007.

MACHADO, Bernadete Franco Grilo. **Corporeidade e existência em Merleau-Ponty**. Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Musicoterapia, Curitiba v.2, p. 46–57. 2011.

MALPAS, Jeff. **Heidegger 's topology: being, place, world**. Cambridge: MIT Press, 2008.

MARANDOLA JR, Eduardo. **Insegurança existencial e vulnerabilidade no habitat metropolitano**. Caderno de Geografia, Belo Horizonte, v. 18, n. 29, p. 39-58, 2008.

_____; OLIVEIRA, Livia de. **Geograficidade e espacialidade na literatura**. GEOGRAFIA, Rio Claro, v. 34, n. 3, p. 487-508, set./dez. 2009.

_____; DAL GALLO, Priscila Marchiori. **Ser Migrante: implicações territoriais e existenciais da migração**. Revista Brasileira de Estudos Populacionais. Rio de Janeiro, v.27, nº2, pág.407-424, jul./dez.,2010.

_____; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia. (orgs). **Qual o espaço do lugar?** Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva. 2012. pp, 17-32.

_____. **Lugar e Lugaridade**. Mercator, Fortaleza, v.19, 2020.

MARGOLIS, Maxime L. **Little Brazil: Imigrantes brasileiros em Nova York**. Papirus. Campinas, 1994.

MARQUES, Rafaela Ferreira. **Merleau-Ponty e a experiência de espaço**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Filosofia. Universidade Federal de São Carlos, 2017.

MASSEY, Doreen B. **Pelo Espaço: Uma nova política da espacialidade**. Trad. Hilda Pareto Maciel; Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

_____. **Space, Place and Gender**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1994.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Ciências do homem e fenomenologia**. São Paulo: Saraiva, 1973: 77.

_____. **O primado da percepção e suas consequências filosóficas**. São Paulo: Papyrus, 1990.

_____. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo. 2a edição: Martins Fontes. 1999,[2000].

MOORES, Shaun. **Espaço, Migração e Comunicação**. ECO-Pós, v.12, n.1, janeiro-junho, p.122-134, 2009.

MORAN, Dermot; MOONEY, Timothy. *The phenomenology reader*. Routledge. 2002.

MUKKALA, Kirsi. *Knowledge spillovers - mobility of highly educated workers within the high technology sector in Finland*. Congress of the European Regional Science Association, 45, Amsterdam, Holanda. 2005.

NOGUEIRA, Otilia Maria. **Itacaré: cancionero histórico-geográfico de sua gente**. Itabuna/Ilhéus, BA: Via Litterarum; Editus, 2009. 210 p.

NUNES, Gilberto Dias. **O que o migrante traz no seu corpo ao cruzar a fronteira em busca de novos destinos**. Espaços. Instituto São Paulo de Estudos Superiores, 2018.

PAULA, Fernanda Cristina de. **Sobre a dimensão vivida do território: tendências e a contribuição da fenomenologia**. GeoTextos. Vol.7, no1, p.105-126. 2011.

PEREIRA, L. A. G. CORREIA, I. S.; OLIVEIRA, A. P. de. **GEOGRAFIA FENOMENOLÓGICA: ESPAÇO E PERCEPÇÃO**. Caminhos de Geografia, Uberlândia, v. 11, n. 35, p. 173-178, 2010.

RELPH, Edward. *Place and Placelessness*. London: Pion Limited, 1976.

_____. **As bases fenomenológicas da Geografia**. Geografia, Rio Claro, v. 04, n. 07, p. 01-25, 1979.

SARAMAGO, Lígia. **A topologia do ser: lugar, espaço e linguagem no pensamento de Martin Heidegger**. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio; Loyola, 2008.

SASAKI, Karen. **A contribuição da Geografia Humanística para a compreensão de identidade de lugar**. RDE- Revista de Desenvolvimento Econômico. Salvador/BA. Ano XIII, nº 22, 2010.

SAYAD, Abdelmalek. **A Imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo, Edusp, 1998, 299 pp.

SEAMON, David. *A Geography of the Lifeworld*, New York: St. Martin 's. (1979).

SERPA, Ângelo. **Problematizando lugar como conceito e categoria da Geografia Humanista**. Geosp, v.26, nº2, 2022.

SOARES, Weber. **Da metáfora à substância: redes sociais, redes migratórias e migração nacional e internacional em Valadares e Ipatinga**. Tese de Doutorado apresentada ao Centro

de Desenvolvimento e Planejamento Regional da Faculdade de Ciências Econômicas. Universidade Federal de Minas Gerais, 2002.

SOKOLOWSKI, Robert. **Introdução à Fenomenologia**. Edições Loyola. 4º edição. 2004.

SOUZA, Marquessuel Dantas de. **Geografia e Percepção**: uma interpretação introdutória a partir da fenomenologia de Merleau-Ponty. São Paulo: Biblioteca 24 Horas, 2012.

SYLLA, Bernhard. A espacialidade existencial em Ser e Tempo. *Phainomenon*, 2021, p. 41-61.

TUAN, Yi-Fu. **Place**: an Experiential Perspective. *Geographical Review*, 65, 1975.

VIRGENS, Daniela Araújo. **A experiência de ser migrante em situação de refúgio**: pelas fronteiras da geograficidade. Daniela Araújo Virgens, Salvador, 2022.

ZIMMERMANN, K. F. **European labour mobility: challenges and potentials**. University of Bonn and DIW Berlin, Nov. 2004.

ANEXO A- TRANSCRIÇÃO FITA EMIGRA NA ÍNTEGRA

00:28

Saudade de cavalos, de coisas, da cidadezinha, das festas. A mesma coisa eu tô aí mantendo a novela. Então, uma coisa que me alegra aqui é essa fita, essa música aí, que eu vou re-ouvir o dia inteiro, com tudo ator. E essa novela, quando eu não pego, nem um capítulo, tenho a gente aqui, o Roque Santeiro. A novela é boa demais. E agora eu tô saindo uns congressos aqui, uns repórteres aqui, português,

00:57

que é o seu governo aqui e diz que vai, mano.

01:12

diferente, você cria casca, você vai “exportar”, entendeu? Eu não sei bem o que é isso não, mas ele fala assim, vai mandar todo mundo embora naturalmente, mas se ela me tira conversa em inglês, entendeu? Ele sabe mesmo, ele conversa em inglês.

01:29

Então ele que tá salvando a parte ainda nessas conversas de serviço. Nossa, ele que telefona pros homens pra dar o serviço pra nós, enrola a língua com eles lá, então... Tá quebrando o gás. Mas quer falar, quer falar as palavras difíceis, né? Vê que eu não entendo. O que que não fala assim, ó? Vou mandar todo mundo ir embora. Pronto? Não?

01:52

Isso mesmo, deixa.

01:55

Fique com o senhor aí, falou.

03:41

O governo que houve no Brasil, pegou o governo, cortou três zero aí, o dinheiro aí.

03:51

O cliente está falando que agora um dólar vale um cruzado.

03:57

Eu quero saber do senhor o seguinte, esse cruzado, você compra uma coisa no valor de mil cruzeiros? Isso aí tá me pondo em dúvida, então se você procura saber direitinho, telefona pra cá ou escreve me dando a resposta sobre isso aí, se o dinheiro aí muda, o diário vem mudando isso aí. E eu vou mandar cinco mil dólares.

04:26

Eu quero que o senhor dê uma reforma, arrumar os dois pedreiros, para eu dar uma reforma naquela casa velha, em pé do córrego lá, do lado do curral. Se o senhor reformar aquela casa, eu quero que faça uma casa bem bonitinha, arrumar bem bonitinha e faça um chiqueiro grande saindo lá dentro do córrego. Eu me compro cinco leitões.

04:56

para criar, se coletou e um cachaco solta lá dentro e deixa para lá. Meio de cruzá, lá quando eu chegar eu já quero encontrar aquela... um monte de leitão, já. Começar minha vida aí. Vou comprar um casal de patos, um casal de peru, comprar umas cinco galinhas, um de um galo, soltar aí.

05:23

Então, deixamos os consumidores para que eles não fiquem na pérgola.

05:30

Eu quero achar galinha, um monte daqui uns 60 dias, mais ou menos, eu pinto aí, tô chegando. O telefone onde eu ir. Eu quero chegar e achar aquele monte de leitão novo, galinha de pintinho, terreiro afora.

05:50

Eu adoro quanto é bicho, se eu achar eu compro pato, peru, ganso. Compre pra mim, eu quero ver que a bicharada inteira. Ensinar essa mulher minha, mexer com isso e aprendendo a falar os nomes.

06:07

Porque eu conversei com ela, eu não sei falar com ela, só que aí, né? Mandei o Marcelo falar pra mim, Marcelo enrolou ali com ela e perguntou se queria ir comigo direto pra morar no Brasil. Ela aceitou, disse que vai, que gosta muito de mim, que vai, então vou levar mesmo. Tá decidido que eu vou levar.

06:33

Quando eu chegar aí, eu vou ver isso aí e vitória. Direto para vitória. Vitória pra lá, vocês esperam pra caminhonete lá. Cala.

06:49

Eu comprei aqui para um chapéu do Texas. Comprei uma bota, batendo com a perna do joelho, com a cabeça de boi do lado.

06:59

e assim para ir embora, correia, tudo com cinturão de roça, assim mesmo eu tenho. Tudo eu comprei, o que aqui tem? Aqui não tem, vem de fora. É caro mas eu comprei, gostei, comprei, vou levar porque ninguém tem igual aí, a gente sai diferente.

07:21

E os carros de boi eu mando um geral nele. Eu digo chegar aí, mandando é novo. Soldado, já deixa com cinco juntas de bois nele, pintar o mundo vai que é arraso.

07:39

Eu desço do carro com minha menina, eu já passo logo ali de cima do carro de coisa, nós vamos para ir afora, ensinando ela já como é que é para estar afora e tudo, manda montar bem o colção, o bico, cantar, porque eu gosto de cantar, sei lá como é que é, é cantar bonito, direto. E assim eu vou chegar aí desse jeito que eu quero, ela vai preparando tudo.

08:07

Bom, tudo que eu falei com o senhor, o cavalo, já deve, que a chegada tudo pronto. É igual entrar na minha casa, ter meus bichinhos tudo no terreiro, é isso que eu quero. Alô pai, vou tocar mais um bocado de música aqui com o senhor, pra senhora também, viu mãe? Todo mundo aí.

11:23

Eu já me despedi, ele faz de mim a casa nova.

11:29

Ficado, fagonho.

11:32

Eu não me saudava dessa comida aí da roça aí feita de fogão de lenha. Quem é que não só come sanduíches? O que passa é sanduíches. Eu vou pro serviço de manhã, levo dois sanduíches e duas bananas.

11:46

Toma um banho, mais sanduíches. Marcelo já passou com o carro no tal de submarino, ele só vende sanduíches. Ovo que já viciou, pisa, só sanduíches, sanduíches. Eu já emagreci uns quatro, cinco quilos. Eu quero chegar aí, eu tô acostumado com você. Começar carne de porco na gordura, pegar uma galinha no terreiro, frango...

12:14

Eu quero saber de nada de elétrica, nem de gás, nem quero nem ver pão mais.

12:21

Se eu comer, é mesmo arrozinho, feijão e carne.

12:32

Chega em Vitória, você já leva aquela máquina. Vai tirar a fotografia.

12:38

Se não tiver, eu vou querer que ele firme tudo, minha chegada e tudo. Se não tiver, vai num retrato e eu faço um álbum. É um retrato aí quando eu chegar no avião e encostar aí em Vitória, a pessoa bate as fotos. Aí eu vou na casa de orar, coloco a minha bota,

13:03

Eu fico pegando uma antena, uma pessoa estrada fora, eu paro em uma paisagem bonita, tiro mais foto, minha e da menina. E quando chegar lá no carro de Boi, de lá para lá, eu já vou tirando foto. Pulo no chão e boto foto dela em cima, mando ela bater. Eu chegar aí assim, para fazer um álbum da minha chegada, da minha vinda.

13:30

Eu não fico vestido assim que pega mal, né? O povo acha que não é acostumado. Então, eu vesti de vitória pra lá, já vou equipar.

13:44

É.

13:50

Seu dinheiro não der, o senhor telefone que eu mando mais.

14:00

É só isso, um abraço para todo mundo aí, perguntar comigo. Mas, de um dia, claro, ainda chegando de novo esse material meu ai, terra que eu gosto. Quero viver essa minha vida aí nesse canto.

14:15

e aí

14:28

O tempo vai...

16:32

e

17:01

e aí

17:37

E aqui a força lenta, a boca fria

18:17

e eu vou receio da...

18:21

Um dia criei coragem, falei coisa

18:44

e

18:47

e só sou um inimigo

18:57

E da tua vida

19:01

E aí

22:01

e não tratam mais. Sentindo o peso dos anos sem poder mais trabalhar, o velho que ao extraver o seu filho foi morado.

22:13

Eu fui caro. Você manda o velho embora se não quiser que eu vá. Eu rapaz, coração duro. O seu velho foi valido. Para o Senhor se mudar.

22:54

e aí

23:26

E o palico está contigo E tá tida e dica

23:36

e aí

23:59

e aí

24:04

Chegou em casa, seu pai foi lhe perguntando Pra que você quer este coro? Que seu amor ia levando?

24:22

e

24:26

E se o meu filho voltar, o guia vou me cantar O senhor vai ficar em pé e comigo vai morar Por ser que eu...

24:46

Se nós vamos continuar Esta metade do cor Vou dar pro Senhor levar

25:16

e aí

25:21

E vamos lá, brasileiros!

25:26

Essa vida é de tratar, vou andar pesada e tenta encher de flor É isso que vou fazer, não estou mais indeciso Volto a viver no mato, meu sírio, meu paraíso

25:53

Eu levanto, não me levanto sozinho Pois desluto pra sair os alegrões, bababá

26:04

E aí

32:40

O mundo é bom. Tô muito saudado do senhor e dos pessoal. Agora tô gravando essa fita aqui, sabe? Vamos mandar aí, para o senhor escutar aí, levar lá no sítio, passar para os meieiros escutarem lá também. Eu fico aqui nessa cidade aqui, se fumaceiro desses carros.

33:10

Ninguém aguenta ouvir, às vezes, se ele não der, eu ouvi, se é quatro calça, cinco camisa, meia não tem quantidade não. É um frio de matar, gente. Não tem jeito de falar, porque eu vou até montar você voando, cair lá dentro do sítio, até lagoa lá para nós pescar. Fica aqui lembrando que as pescadinhas nossa, pegando cas'traíra.

33:35

Eu chego aqui e vejo enquanto Marcelo, Joãozinho, Daniel, colocaram brinco já na minha orelha ainda, diz que é homi.

33:48

Fala logo, Luizinho, mas o Paulo aí... Eu não vou no negócio de ir para os states, eu não vou querer ir para lá mais não. Lá é mais frio que aqui, que lá é uma geladeira danada. Minha vontade mesmo é... tô doida pra ir embora pra isso, né? Voltar. Porque aqui eu lembro das coisas que acontecem nas minhas caçadas.

34:09

Aquele porco manda matar, aquela vez que eu meti a faca nele, ele saiu andando, meti o facão andando, peguei a carabina para ter um tiro na testa dele, já ficou espichado no chão aí que matou.

34:22

Eu tenho saudade de vir a esse lugar e ver essas vacas, esses bezerros aí, esses passarinhos cantando de manhã cedo. Eu saí, fazia brincante dourado com esses bezerros do Curral, caí no meio da bosta de boi. Minha vida é essa aí, pai. Adianta, eu queria ficar atolado nessa geladeira aqui, não. Eu tenho que ir embora mesmo.

34:46

Eu me saudava demais desse sítio nosso aí. Meu negócio é interior mesmo, só olha a música que eu gravei.

36:17

Eu estava vendo falar aí, pai. Eu só saí porque eu tenho as manha, né? Pegar peixe. Nós íamos pescar, só lembro, eu estava indo embora. Não. Com uns 20 minutos que eu estava lá na beira do Ribeirão, eu enchi a merda tudo de traira. Santos, eu sou um cara de boba, achava que eu tinha uma reza brava. Nem não era manhã para pescar o que eu tinha, entendeu? E eu não estou vendo. Aqui são os jogos de maia, tudo que estou jogando maia ainda, direitinho no terreiro de café.

36:46

Eu tô com saudade, eu gosto de Galaiada. Eu não gosto mesmo de cheiro de bosta de boi, sabe? Não gosto nem de fumaça de carro, nem de gente pra lá e pra cá, não.

37:06

e é isso que eu quero dizer.

37:51

e

38:02

Quando eu chegar aí, você vai ter uma surpresa, entendeu? Que... Com o meu criolinho aqui... Pedi, mas as pretinhas ali, sabe? Não sei nem que raça aquela é, não. Não sei que o nome dentro é assim, janela. Uma outra gosta muito dela, a outra gosta de mim, e eu tô com intenção de levar ela pra cidade.

38:23

Ela não sabe nada que eu falo, nem eu sei, ela fala tudo enrolado, mas a gente dá muita sinal, não sinal eu não entendo, ela também quando quer uma coisa dá sinal pra mim, eu sei tudo, entendeu? Mas vou levar ela pra aí porque eu tô gostando demais dela, eu ganhei mesmo. Eu sei que ela vai gostar aí também, ensinar a mexer com esses bichos aí, mexer com boi.

38:52

esse potro eu vou dar pra ela andar comigo, ela vai andar nele, é dela, já dei pra ela. E essa fita, se o senhor quiser mandar depois do senhor escutar aí, quiser mandar pros exércitos a Vera, mandar pra Tinga pra escutar também, aí o senhor manda aqui. Essa música, essa música dessa fita, eu acho muito bacana.

39:18

Parece que essa música foi feita pra mim mesmo, a letra, entendeu? Essa fita me machuca todo. Quando eu escuto essa música, fico desinquieto, assim, na vontade de sair doido, correndo assim, de chegar aí logo, entendeu? Então, o senhor manda pra Vera, manda pra Vitória, todo mundo tem escutar essa fita. Eu tocava mais um pouco pro senhor ver.

39:44

É uma fita mesmo, é uma música muito bonita mesmo. É uma letra que parece foi feita pra mim mesmo, pra nós aí, né? Eu sou doido com esse interior meu, hein? Eles até puseram pedindo em mim aqui pra turista do interior. Isso é uma ação do Marcelo mais de Joãozinho. Sabe que isso não me envia no ar nada, né? Não presta. Puseram pedindo em mim, não importa não, eu sou turista mesmo, agora se eu sou do interior eu gosto.

40:11

Não importa não, eu gosto mesmo disso aí, escutar esses passarinhos me acordando de manhã cedo, esse andar do carro de boi cantando, entendeu? Meus negócios aí da roça aí, vou na cidade, tomo uma pingazinha e volto lá pro sítio, vou ver a lua, sair, ficar lá escutando minha fitinha, olhando os morcegos voando por cima.

40:38

Negócio meu é esse, a pessoa sabe o que é esse. Eu vou chegar aí com essa menina, entendeu? Esse povo aqui fala igual eu, eu tô enrolado, não sei nada do que eles estão falando. Às vezes eles estão me xingando e eu não sei, pai. É muito bacana isso aqui, mas pra mim não dá. Vou tocar uma fita mais pro senhor aí, tá? Senhor e a mãe, viu mãe? Pro senhor também. Tô falando do pai, mas pro senhora também, falou?

43:09

Isso aí mesmo, pai, é igual se eu tava vendo aí, entendeu? Eu... Vó, tá, mas eu não tô aguentando isso aqui não. Eu visto esse monte de roupa, calço cinco meia, grossa. A butina que eu comprei é 43. Porque pra me por tanto de meia pra butina que vai abrir no meu pé tem que ser três e não uma mais. Quando eu sai lá fora, esse trem branco na rua, assim, igual açúcar, tal de neve.

43:38

Eu fico pisando nisso, né? Vamos ver os dedos endurecer tudo. Eu não sinto nada, eu fico com tudo dormente. Eu gosto mesmo disso aqui, igual aí. Fico uma bermuda velha, sem camisa. Não calço nada, só descalço, eu pulo dentro d'água. Eu trevo um pé de manga, trevo um pé de goiaba.

44:00

Eu me apego nessas bosta de boi tudo aí, pra lá e pra cá, não tem problema comigo, eu gosto disso. Entendeu? Sentir aquele quentinho no peito, que cheiro, esse cheiro de mato aí, né pai? Eu gosto desse cheiro. Então, e essa novilha também, pai. Só que a novilha só lembra. Que a novilha, como então, atora.

44:20

Esqueci o nome dela, que é Esmeralda o nome dela. É, é a novilha, que é a branquinha. É, é a novilha, só deixa ela aí. Não vende, não deixa, não vende pra ninguém. Essa novilha uma vez, montei nela com os meninos, aí me jogou no meio da bosta de bunda, passou o chifre na minha perna pra que me arranca o couro da perna toda. E eu queria agora, irmão, eu quero ter vingança amarga comigo.

44:48

Quero montar nessa novilha, quero as cortejadas todas no meio desse curral e não vou cair mais não, quero montar nela, é uma vingança que eu quero fazer, não vem não Então o preço que o sujeito dela, o senhor, pra comprar ela eu pago o topo Não vem nessa nuvem, de jeito nenhum, só fica tente de mal com o senhor Eu quero montar nessa nuvem, pego essa menina minha pra ela ver, que que é o homem, tá? O senhor não dispõe, não, vou tocar mais um caso dessa música aí pro senhor porque essa música machuca a gente mesmo, entendeu?

45:17

Essa música é minha, não quero saber, vou deixar sempre tocar. Eu vou lá quando estiver aí na roça, vou tocar isso direto. Vai até enjoar vocês, mas não quero saber não, entendeu? Se vocês não quiser ouvir, vão embora pra cidade, deixa eu sozinho aí, e irei no mato aí. Eu gosto disso aí mesmo, sou do mato mesmo, gosto do mato.

45:46

O tempo passa, vai aumentando a vontade de deixar essa cidade voltar por inteiro

45:58

e aí

46:03

E é isso aí!

46:07

Não vai ter, não...

47:46

eu falo com o senhor, o senhor é a mãe, a mãe sabe que eu tenho saudade da senhora, você viu o cartão da senhora, seu filho está aqui, está aqui mas em breve ele está chegando aí de

novo, se manter nova para ele, não esqueça esse lugar, não adianta, nasce aí, gosta, estuda aí, esse sítio aí, entendeu? e eu só ganhar dinheiro aqui mesmo.

48:13

Vamos ver se eu compro outro pedaço de terra e me rendo com esse sítio nosso, que fica aí mesmo nesse canto, entendeu? Um negócio meu, que é meus criolinhos aí, se Deus quiser com essa menina que eu estou levando essa criolinha daqui, com poucos tempos ela aprende a conversar também, entendeu? Ela criando galinha, tratando assim dos porcos, patos, aliás, eu estou com até bicho no terreiro.

48:37

cantar, nunca vivo isso na vida dela. Eu vou ensinar ela a conversar, naquele nosso famizinho aí, eu vou ficar por aí mesmo. Tô trabalhando muito aqui.

48:54

aí de pintor, pintando as casas aí. Agora aqui não tem problema de pintura aqui, é o seguinte, pai, é que você começa a pintar, vai pintando, o trem vai esfriando, aquele vento frio, pra que até gira que tá julgando na gente.

49:12

Então você desce a munheca pra baixo com pincel, endurece a sua munheca, você tem que pegar com a outra mão pra chegar a munheca no lugar outra vez, entendeu? Negócio é esquisito, deixa de contar não, eu sou nem fedita, não sou até brincadeira, mas o negócio é verdade, é isso mesmo, é isso mesmo bacana, pode saber que é isso mesmo. E os meninos vão inventar uma firma aí, entrei de sócio com eles, uma firma aí, compramos um carro.

49:39

compramos martelo, compramos ferramentas, montamos uma firma de carpintaria, e o Joãozinho, Marcelo e Adriano, um rapaz de Santa Catarina, está aqui, mora com nós aí. Então nós estamos trabalhando, entendeu? Carpinteiro, aqui você tem que fazer tudo. Porque eu vi esse hotel assim na carpintaria, anos para que você veja como é que o negócio é tão frio, que endurece os dedos da gente.

50:08

Às vezes eu erro a cabeça do prego, meto uma testa no dedo e não sinto nada não. Tô gelado, duro, tô nem aí. É isso aí mesmo, é verdade mesmo. Tá com ganho nosso trocado aí, vamos ver como é que fica. É igual... Eu queria falar com o senhor, aqui tem muito português. Mas não é do tipo de horácia assim não. Os portugueses daqui, os bichos parecem demônios.

50:34

eles gritam com a gente como se a gente fosse filho e eles não tem o meu temperamento, não dá pra essas coisas eu vou estar sentado com uma arte dela na cabeça de um porra porra desse e pronto me bota nervoso, entendeu? mas tem que ganhar o dólar, tem que ganhar alguma coisinha mas eu já estou estourado já, entendeu?

50:55

negócio meu mesmo, você já sabe, não sei dar o papo mais de 50 vezes com a senhora, negócio meu é esse mato mesmo, é esse interior meu aí eu sou gamado mesmo, entendeu? e agora com o amuleto que você criou, eu vou embora mesmo, quero papo vai a mudar de dólar que eu vou sumir pra lá mexer com meus negócio aí, pronto, quer saber de nada não quero garrido não, carrego o quê?

51:22

o friar dessa aqui que acabou me vendo tudo aqui só sabe que eu sou de ferendo de palma, Luizinho a Luizinho gosta de frio mesmo, porque é pra lá pro stage Luizinho quer que tá só firmando com aquela máquina dele não tem essas vaidades comigo não negócio meu é montar um burro brabo e... garrar no filho de vaca negócio meu é esse, tirar leite, entendeu? e quando...

51:48

E quando eu estou com vontade de tomar um leite assim, levanto de manhã quero tomar um leite, eu vou no curral assim, qualquer coisa, eu meto a boca na maminha, levo a vaca de chuva e bebo leite na maminha, entendeu? Bom é isso, entendeu? É saber de negócios de cidade, não é? Cidade bonita, igual a essa aqui, mas não adianta, não pode nem sair na rua, você congela tudo e boniteza é isso.

52:13

Negócio meu é esse Mantenópolis mesmo aí, que é lugar de viver. Entendeu? E eu vou cascar fora mesmo. Não quero saber de nada. Vou embora mesmo. Posso falar com o Paulo Luizinho que esquece o negócio aí, o estete, coisa. Não quero nem saber dessa geladeira, mas não. Vai sozinho, pode ficar tudo rico pra lá, mas não quero mais não. Viu, pai? Vou embora mesmo, pronto. Não quero saber de mais nada. Vou tocar mais um bocado dessa música, dessa fita.

52:42

já tocando, tem mais um pouquinho que eu gosto, então vocês vão ver, todo mundo vai gostar. Vocês vão ouvindo, é bonito, muito bem feita a música, entendeu? Eu vou parando por aqui, depois a gente bate mais papo, tá? Tá tudo bacana aqui, viu? Saúde!

53:07

Amantei minha filha, amantei meu genro, estou tocando a vida. Vou dar um abraço para todo mundo que fala de mim. Todo mundo que me pergunta, eu sou o Carlinhos, eu sou o Carlinhos. O Carlinhos está lá, está nadando.

53:27

Me aguardava, que eu tô chegando lá com minha companheirada, nós pescamos, caçamos, jogamos na nossa malha, entendeu? Montar em burro brabo. E só pra deixar aí meu laço aí, arrumar no canto igual deixei, só passa um sebozinho nele pra não ficar ressecado. É o que

chega aí, você treinar toda a vez, laçar boi, entendeu? E eu já tô destreinado, capaz de nem saber laçar mais.

53:54

Deve o meu laço aí, passa só um untuzinho nele, para não ressecar muito, tá? E tudo mais, é isso aí que eu tenho que falar com vocês, abraçam todo mundo aí, falam, pai, mãe, beijão para a senhora, isso aqui é o filho da senhora, eu não ajo com esse povo, entendeu? Sou homem, não gosto nem de um nego gritando comigo, eu vou dar logo uma estelada por ele, um porra desse, e matar essa praga, entendeu?

54:25

mas eu tô puto, quero ir embora mesmo. O meu negócio é isso aí mesmo, esse mato aí, pronto. Então, tchau.

54:41

e aí

56:03

Aquele cavalo meu, esse cavalo que eu vendi vou mantendo. O senhor vê quanto ele quer naquele cavalo, eu compro ele outra vez. Compre a minha coisa, se ele quiser eu soldar. Se eu estiver com ele, eu pego um, para quem que vendeu para a frente. E se eu me põe aquele cavalo outra vez, aquele cavalo é... Ele se acostumou comigo, me entende, entendeu? Só falta falar, fazer o que eu quero, fazer o que eu quero que o cavalo...

56:32

Eu não sei se tem aí, laçar e tudo, eles já estão acostumados comigo. Às vezes eu não quero pegar no passo, chega do São Luiz, só assim, vem doido, não precisa ficar correndo até pegar a cavalgada no passo, nem nada. Só pode contar.

56:51

dinheiro, se eu ver quanto que é, aí vão escavar. Pra mim que o potro da menina, o potro que eu só mando amansar aí, pra minha menina que eu vou levar, já dei pra ela, então, amansa aí pra ficar bem amansinho pra ele não poder derrubar ela aí, entendeu?

57:12

Esperar sobre uma da resposta, me telefona pra mim, eu escrevo, se achou o cavalo.

57:20

Quando chegar aí, eu quero chegar e achar tudo pronto. Minha cela tá lá ainda, né? Deixei do mesmo jeito que eu deixei, tem que tá lá pendurado.

57:33

Ele já sabe, o senhor não se vira. O senhor vai atrás, corre atrás e vê se acha. Não acha que compre os cavalos pra mim. É o bairro. É nem o cavalo. O senhor sabe.

57:48

Zul!

57:52

Sonho, tenho que levantar cedo, bater meu martelo.

58:01

Eu tô aqui com a dor que eu acho que é andava aí.

58:08

Aprende a abraçar todo mundo aí. Na vera, telefona pra vera. Não vou demorar embora não.

58:19

Eu vou chegar aí, quando você menos esperar eu pego uma assadura desse aqui e estou chegando aí, entendeu?

58:27

Eu até acho bom quando os meninos me chamam turista do interior, quando eles falam assim, me dá aquela... Eu lembro de tudo aí, então eu até gosto.

58:41

Aqui também acho que não vai ficar muito tempo, porque também não há jeito que esse povo ele vai embora também, e ele gosta de manter a nova, mas às vezes ele quer ir pra lá também, pra rosa se quiser eu levo, entendeu? vai pra lá comigo, ajudar bem, chego.

58:58

É, uau!

59:02

Vamos ver se está tudo certo. Um abraço a todo mundo, meus companheiros.

59:14

Chegando aí. Saudade dessa vitória também, entendeu? O apartamento, nós, em Jacaraípe. A gente ia lá, ficava lá uns quinze dias.

59:29

Me queima!

59:35

E ali eu sabia que eu estava perto de casa, qualquer coisa ali eu estava em casa com três, quatro horas, eu estava chegando aí na roça. Mas aqui nesse inferno, nessa distância aqui, não tem jeito. Isso aqui eu pego uma assadura dessa aqui, isso fica andando comigo a noite inteira

nessa dura, dependendo da nuvem, você olha assim só, vê que está em branco, entendeu? Dá até medo. E eu já estou até...

01:00:01

Só nessa viagem daqui pra lá que eu tô com medo desses aviões, não há nada. Não tem pé exato, não tem esse bolo, não tem essas alturas, não dá nada aí. E o carrinho lá dentro, que dá merda. Tem carrinho, não tem nem jeito de você segurar aí nada, tá morto mesmo. Fica pensando assim, tá? Até ficar pisado no chão mesmo aí, pá. Na poeira. O aije ele fica aí, entendeu? Isso aí que é lugar de a gente ficar.

01:00:33

Isso aqui não, você olha, não tá conversando, você não entende nada, tá xingando, você não tá entendendo. Isso me deixa aburrido da vida, entendeu? Eu tô, eu tô, não tô aguentando, mas a verdade eu não tô aguentando também. É que segura a gente aqui pra gente ganhar, o dinheirinho precisa de ganhar, então eu vim pra isso. Então eu vou ficando aqui mais um pouco. Mas esse...

01:01:01

Vou falar quando não. Você iria me esperar, eu tô chegando aí. E não quer saber. Minha deus desse, cê diria.

01:01:37

E aí